



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**



**FERNANDA CERQUEIRA SOUSA**

**O MOVIMENTO EXOTÓPICO NAS MANIFESTAÇÕES DICURSIVAS DE  
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE LIBERDADE ASSISTIDA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA  
2022

**FERNANDA CERQUEIRA SOUSA**

**O MOVIMENTO EXOTÓPICO NAS MANIFESTAÇÕES DICURSIVAS DE  
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE LIBERDADE ASSISTIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Pacheco Gusmão

S725m

Sousa, Fernanda Cerqueira.

O movimento exotópico nas manifestações discursivas de adolescentes em Cumprimento de liberdade assistida. / Fernanda Cerqueira Sousa, 2022.

142 f. il.

Orientador (a): Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Pacheco Gusmão.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referência F. 101 – 105.

1. Discurso. 2. Movimento exotópico. 3. Enunciação e dialogismo. 4. Manifestações discursivas. I. Gusmão, Maria Aparecida Pacheco. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino – PPGEn.

CDD 401.42

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

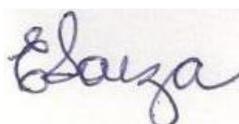
**O MOVIMENTO EXOTÓPICO NAS MANIFESTAÇÕES DICURSIVAS DE  
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE LIBERDADE ASSISTIDA**

FERNANDA CERQUEIRA SOUSA

COMISSÃO JULGADORA – 24.08.2022



Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Pacheco Gusmão  
PPGEn/UESB (Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Ester Maria de Figueiredo Souza  
PPGCEL/UESB (Examinadora Externa)



Prof.ª Dr.ª Sílvia Regina Marques Jardim  
PPGEn/UESB (Examinadora Interna)

Vitória da Conquista, BA  
2022

A Deus, autor da vida, meu refúgio e fortaleza.  
A meu filho, Arthur, minha inspiração, motivação e  
razão para continuar a caminhada.  
A minha mãe Noranê (*in memoriam*) e a minha vó Regina  
(*in memoriam*) por todos os ensinamentos.

## AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar a escrita deste trabalho, já pensava sobre esta seção, a dos agradecimentos. Durante essa jornada, foram longas as reflexões sobre como agradecer às pessoas que contribuíram para que eu finalmente chegasse até aqui. Formulei algumas frases, porém nenhuma delas agora consegue se aproximar da grandeza que essas pessoas representaram e representam para mim. Então, diante do meu parco léxico, usarei palavras simples, mas imensamente laureadas em meu coração, para falar da gigantesca gratidão que tenho a todos. É por causa de vocês que hoje posso sonhar em almejar o título de mestre, que para mim, sempre soará como de uma eterna aprendiz.

A Deus, meu Deus, meu Pai, meu amigo, meu consolo, meu colo, meu sustento, autor da minha vida, pela graça e amor infinitos, os quais nunca mereci. A ti, devoto toda a minha gratidão. Obrigada, Pai, por me segurar em suas mãos, por me fazer descansar em seus braços quando não mais tinha forças para seguir. Eu te agradeço por tua presença tão clara em todos os momentos que me fizeram chegar à conclusão de mais essa etapa.

À minha mãe, Noranê Cerqueira Santos (*in memoriam*). Escrever esse termo latino ainda me dói, pois sempre foi e é o desejo do meu coração que estivesse aqui comigo para compartilhar de mais essa conquista. Porém, carrego em meu coração e mente, mãezinha, os seus ensinamentos, busco mantê-los sempre vivos dentro de mim. “[...] Quando penso em você, fecho os olhos de saudade [...]”. É assim que sempre lembro de você, com muita saudade. Obrigada, minha mãe, por ser referência de mulher forte, obstinada, corajosa, amorosa e por me ensinar os primeiros passos e fundamentos da fé, por me apresentar Jesus. Obrigada por me ensinar os primeiros passos do vasto oceano que é o conhecimento e me mostrar que através dele podemos sim mudar e ressignificar nossas vidas, tendo a oportunidade de escrever uma nova história. Obrigada pela bravura com que enfrentou a vida e por ter sonhado para mim os maiores voos.

À minha vó, Regina Maria dos Santos (*in memoriam*). Minha segunda mãe, aquela que me acolheu em minha orfandade na infância e me ensinou sobre a vida. Perder a senhora de forma abrupta há dois anos não foi nem é nada fácil. Sinto tanto por não estar mais aqui, a saudade e dor de sua perda ainda me dilaceram. Logo a senhora que sentia tanto orgulho de nós, tenho certeza de que essa conquista seria propagada por ti aos quatro ventos. Obrigada, minha vó, minha “cumadinha”, apelido que carinhosamente nos chamávamos, pelo cuidado, dedicação e instrução. Mesmo sem nunca ter isso a escola, é, sem dúvidas, a pessoa mais sábia que já conheci.

Ao meu pai, Esmeralito Sousa (*in memoriam*). O senhor que sempre se orgulhou de quem eu me tornei, falava a todos sobre o orgulho que sentia de mim. Como sinto por não estar mais aqui e poderemos compartilhar de mais essa etapa vencida.

Ao meu filho, Arthur Cerqueira Braga, por existir, por ser o amor personificado para mim. Você, filho, faz o meu dia ficar mais luminoso, traz cor aos dias cinzentos. Seu amor aquece meu coração e me dá ânimo, motivo para continuar a jornada e buscar ser alguém melhor. Tão pequeno e tão cheio de sabedoria! Você tem os melhores e mais aconchegantes abraços, o beijo mais sincero e o “eu te amo” mais verdadeiro que já ouvi. Eu te amo do tamanho do universo, meu filho. Obrigada por tudo!

A minha tia-avó, Roquelina Maria Cerqueira, pelo seu amor e orações incessantes. Obrigada pela intercessão e cuidados comigo, tia!

A meu irmão, Guilherme Alberto Cerqueira Santos, tias e tio pelo cuidado e amor destinados a mim.

Ao meu amor, Miguel Dutra Pereira Júnior, por todo o suporte nos momentos difíceis, que com paciência e cuidado, ouviu minhas lamúrias, consolou meus choros e ajudou a acalmar minha ansiedade. Meu amor, obrigada por estudar comigo durante as madrugadas, por ter buscado material, comprado livros e discutir comigo o conteúdo desse estudo. Obrigada pelo café que trazia enquanto eu escrevia, por brincar com meu filho enquanto eu me ausentava para escrita desse trabalho. Você foi muitas vezes a extensão dos braços de Deus a me cobrir e o som de sua voz afirmando: Calma, vai dar tudo certo!

À Maria Erica Lago Meira (Kinha) amiga-irmã que mesmo morando longe sempre foi presente em minha vida. Obrigada, minha amiga, por torcer, por acreditar em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava. Você sempre me tira as melhores gargalhadas e me inspira com sua fé e busca constante por Deus.

À Maria Aparecida Pacheco Gusmão, a quem carinhosamente chamamos de Cida, a melhor orientadora que eu poderia ter. Sem sombra de dúvidas é um presente dos céus, pois somente enviada de lá, poderia ser tão abençoada e abençoadora com és. Foi um raio de sol a me guiar, colo nas horas que precisei. É referência para mim de profissional e pessoa. Obrigada pelo carinho, paciência e perseverança em me ensinar a trilhar o caminho da pesquisa e, mais ainda, por me fazer olhar a vida de outras maneiras. Aquilo que para mim era tão nebuloso, você, a partir de seu excedente de visão, orientou-me sobre como pensar Bakhtin. Por meio de seu olhar, eu reflito e refrato as coisas da vida. Nem todas as palavras do mundo podem expressar a gratidão que lhe devo e o apreço que lhe tenho, Cida!

Aos queridos colegas que se tornam amigos, Janaína Valéria, Lafayete Rios e Renata Ferreira, pela partilha da caminhada, por torná-la mais leve e prazerosa.

Às Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Regina Marques Jardim e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ester Maria de Figueiredo Souza da banca examinadora que acompanharam este estudo desde a qualificação e aceitaram o convite para avaliar exotopicamente a minha dissertação.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) por me acolher e proporcionar o desenvolvimento deste estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), representado pelo Coordenador, Professor Dr. Benedito Eugênio, cuja dedicação e esmero ao programa é louvável e aos demais professores pelo rico arcabouço a nós ensinado.

Aos participantes deste trabalho, que ao falarem de si em suas manifestações discursivas, proporcionaram-me rico aprendizado.

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros? (LEMINSKI, 2010, p. 208).

[...] porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração (SAMUEL, 16,7).

## RESUMO

Este estudo, fundamentado nos pressupostos bakhtinianos, propôs-se a investigar o movimento exotópico nas manifestações discursivas dos adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, em uma cidade do interior da Bahia. No período do cumprimento da medida socioeducativa, o discurso de inferioridade dos adolescentes, de submissão e descontentamento revelou percepções negativas de si e o olhar preconceituoso da sociedade, fato que despontou para estudos mais aprofundados, que teve como objetivo investigar as marcas exotópicas que esses adolescentes tinham de si a partir do olhar do outro em uma perspectiva bakhtiniana. Os construtos destacados sob a perspectiva teórica de Bakhtin (2011, 2018) foram: dialogismo, enunciação, polifonia e exotopia. A metodologia seguiu os princípios de pesquisa qualitativa do tipo participante, baseado na escuta sensível postulada por Barbier (1998). Os instrumentos de produção de dados foram: entrevistas semiestruturadas, tatuagens e produção textual dos sujeitos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida. As categorias de análise dos dados consideraram o movimento exotópico, permeado por diversas vozes, ou seja, “o-eu-para-mim”, “o-eu-para-o-outro” e “o-outro-para-mim”. Os resultados confirmam que: as manifestações discursivas apresentadas pelos nossos participantes revelaram marcas exotópicas do olhar do outro, as quais imprimiram e marcaram o olhar que tinham e tem de si; as tatuagens enquanto signo ideológico refletiam/refletem e refratam sua realidade e o olhar exotópico, desenvolvido a partir das produções textuais, possibilitou aos nossos participantes refletirem e compreenderem algo de si, antes não percebido.

**Palavras-chave:** dialogismo; discursos; enunciação; movimento exotópico.

## ABSTRACT

This study, based on Bakhtinian assumptions, proposed to investigate the exotopic movement in the discursive manifestations of adolescents who were under probation in a city in the interior of Bahia. During the period of probation, the adolescents' discourse of inferiority, of submission and dissatisfaction loudly revealed negative perceptions of themselves and the discriminatory look of society, a fact that aroused the need for further studies that had as objective to investigate the exotopic marks that these adolescents had of themselves from the look of others using a Bakhtinian perspective. The constructs highlighted from Bakhtin's (2011, 2018) theoretical perspective were: dialogism, enunciation, polyphony, social voices, and exotopy. The methodology followed the principles of a qualitative participant-type research, based on the sensitive listening postulated by Barbier (1998). Data production instruments were: semi-structured interviews, tattoos, and textual production of the adolescent subjects under probation. The categories of data analysis considered the exotopic movement, permeated by several voices, that is, 'the-me-for-me', 'the-me-for-the-other', and 'the-other-for-me'. The results confirm that: the discursive manifestations presented by our participants revealed exotopic marks regarding the look of others, which imprinted and marked the look they had and have of themselves; the tattoos as an ideological sign reflected and refracted their reality and the exotopic look developed from the textual productions, they enabled our participants to reflect and understand something about themselves, previously unnoticed.

**Keywords:** dialogism; discourse; enunciation; exotopic movement.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Sistema de Atendimento Socioeducativo.....	22
<b>Figura 2</b>	Fluxo do Atendimento Socioeducativo.....	23
<b>Figura 3</b>	Levantamento dos dados escolares (2010 a 2019).....	25
<b>Gráfico 1</b>	Percentual de socioeducandos dentro e fora da escola.....	25
<b>Figura 4</b>	Categorias de análise.....	53
<b>Figura 5</b>	Triangulação de dados da pesquisa.....	54
<b>Figura 6</b>	Tatuagem.....	69
<b>Figura 7</b>	Tatuagem.....	70
<b>Figura 8</b>	Tatuagem.....	71
<b>Figura 9</b>	Tatuagem.....	71
<b>Figura 10</b>	Tatuagem.....	72
<b>Figura 11</b>	Tatuagem.....	73
<b>Figura 12</b>	Tatuagem.....	74
<b>Figura 13</b>	Tatuagem.....	75
<b>Figura 14</b>	Tatuagem.....	76
<b>Figura 15</b>	Tatuagem.....	76
<b>Figura 16</b>	Tatuagem.....	77
<b>Figura 17</b>	Tatuagem.....	77
<b>Figura 18</b>	Foto que simboliza o dia 18 de maio.....	78
<b>Figura 19</b>	Produção textual de Ana.....	80
<b>Figura 20</b>	Produção textual de Mary.....	81
<b>Figura 21</b>	Produção textual de Renato.....	82
<b>Figura 22</b>	Produção textual de Carlos.....	83
<b>Quadro 1</b>	Perfil dos socioeducandos.....	49
<b>Quadro 2</b>	“EU-PARA-MIM” .....	91
<b>Quadro 3</b>	“EU-PARA-OS-OUTROS” .....	92
<b>Quadro 4</b>	“OS-OUTROS-PARA-MIM” .....	93

## LISTA DE SIGLAS

CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
LA	Liberdade Assistida
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado à Famílias
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PIA	Plano Individual de Atendimento
PRF	Polícia Rodoviária Federal
PSC	Prestação de Serviço à Comunidade
SEMDES	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>1 A SOCIOEDUCAÇÃO E A PRÁTICA DE ATOS INFRACIONAIS</b>	19
1.1 MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS EM MEIO ABERTO	19
1.1.1 <b>Liberdade assistida</b>	28
<b>2 CONSTRUTOS BAKHTINIANOS: DIALOGISMO E EXOTOPIA</b>	30
2.1 ENUNCIACÃO E DIALOGISMO	30
2.2 EXOTOPIA: O ENCONTRO E A INCORPORAÇÃO DE VOZES	34
<b>3 A LINGUAGEM COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE</b>	40
3.1 A NARRATIVIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA E PELA LINGUAGEM	40
3.2 AS TATUAGENS COMO TEXTOS VERBO-VISUAIS	42
<b>4 DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS</b>	46
4.1 DEFINIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA: QUALITATIVA E PARTICIPANTE	46
4.2 <i>LOCUS</i> DA PESQUISA: CREAS	48
4.3 SITUANDO OBJETO E SUJEITOS DA PESQUISA	49
4.4 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS	50
4.4.1 <b>Entrevista norteada por roteiro semiestruturado</b>	50
4.4.2 <b>Textos narrativos: histórias de vida</b>	51
4.4.3 <b>Fotografias das tatuagens</b>	51
4.4.4 <b>Produções textuais</b>	51
4.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO	52
<b>5 O OLHAR DE SI E DO OUTRO NAS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES</b>	55
5.1 CATEGORIA “EU-PARA-MIM”	55
5.2 CATEGORIA “EU-PARA-OS-OUTROS”	59
5.3 CATEGORIA “OS-OUTROS-PARA-MIM”	64
5.4 AS SIGNIFICAÇÕES EXPRESSAS NAS TATUAGENS	69
5.4.1 <b>Categoria “eu-para-mim”</b>	69
5.4.2 <b>Categoria “eu-para-os-outros”</b>	72
5.4.3 <b>Categoria “os-outros-para-mim”</b>	75

5.5	ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS “ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL”	78
5.5.1	Categoria “eu-para-mim”	83
5.5.2	Categoria “eu-para-os-outros”	86
5.5.3	Categoria “os-outros-para-mim”	88
5.6	TRIANGULANDO AS RELAÇÕES DIALÓGICAS QUE POSSIBILITAM O MOVIMENTO EXOTÓPICO	93
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICES	106
	ANEXOS	129

## INTRODUÇÃO

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) preconiza acerca do atendimento e execução de medidas socioeducativas no Brasil. Enquanto um instrumento de garantia das disposições Estabelecidas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) se constitui enquanto uma ferramenta para a proteção e responsabilização de adolescentes que cometem ato infracional.

A necessidade de discutir “O movimento exotópico nas manifestações discursivas de adolescentes em cumprimento de liberdade assistida” surgiu da minha experiência enquanto assistente social em um Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS)<sup>1</sup>, órgão que executa medida socioeducativa em meio aberto, da atuação como professora de língua portuguesa no ensino fundamental na rede pública há 11 anos e também como advogada.

Os atendimentos realizados com os adolescentes em conflito com a lei, evidenciaram a existência de causas multifatoriais que ensejam na prática de atos infracionais. Dentre essas, um dado prevalente no público atendido tornou-se relevante: grande parte dos adolescentes abandonou a escola quando cursavam o ensino fundamental e, a maioria deles, apresentam dificuldade em ler e compreender textos diversos, não manifestam interesse em retornar a escola, estão em sua maioria em distorção idade/ano, fazem uso de substâncias psicoativas lícitas (álcool e tabaco) e/ou ilícitas (maconha e cocaína) e apresentam em seu discurso o preconceito que sofrem seja porque praticaram algum ato ilícito, seja pela tatuagens que possuem.

Um dos pilares para o cumprimento adequado da medida socioeducativa, conforme preconiza o ECA no Art. 119, inciso II (BRASIL, 1990), é a escolarização. Nesse sentido, os socioeducandos que estão fora da escola, são encaminhados para realizar matrícula escolar pela equipe multiprofissional formada por assistente social, psicólogo, pedagogo e advogado e/ou técnico de referência. Ocorre que muitos destes apresentam discurso resistente para retornar à escola.

As diversas vulnerabilidades enfrentadas pelos adolescentes em seus contextos sociais “certamente afetam o desempenho escolar” (ZANELLA, 2010, p. 6) desses educandos, provocando dificuldades de aprendizagem, distorção idade/ano, desinteresse pela escola. Tais ocorrências geralmente resultam no abandono escolar, corroborando para a baixa escolaridade que os adolescentes em conflito com a lei em geral apresentam.

---

<sup>1</sup> Omitimos o nome e localização do CREAS para evitar identificação.

A dinâmica de trabalho com esses adolescentes acontece através de atendimentos, escuta especializada, encaminhamentos para rede socioassistencial e intersetorial quando necessário e realização de grupos psicopedagógicos com os socioeducandos e grupo de família, formado pelos responsáveis.

Os grupos psicopedagógicos acontecem mensalmente, contam com a participação dos adolescentes e tem discussões pautadas em temas de relevância nacional, no protagonismo juvenil, cidadania e superação da vivência infracional. A metodologia utilizada para realização do grupo geralmente é realizada através de discussão dialogada sobre um determinado tema e realização de atividades orais e escrita. Neste momento da atividade, percebemos a dificuldade de parte dos adolescentes em ler a proposta e desenvolvê-la.

Esta pesquisa se justifica oportuna, e se revela de grande importância no âmbito do ensino, da pesquisa sistemática despontando a necessidade de analisarmos os discursos dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida sobre a percepção que tem de si numa relação dialógica, a partir da perspectiva bakhtiniana.

Segundo os postulados bakhtinianos, o sujeito ao enunciar não atua sozinho, pois no ato da enunciação já se prevê um possível interlocutor. Para construir seu discurso, o enunciador apresenta o discurso do outro que também se faz presente no seu. Assim, o dialogismo corresponde às relações de sentido estabelecidas a partir de dois enunciados.

Nesse sentido, o princípio de exotopia surge do processo de interação e sua dialogicidade, que, segundo Amorim (2006) são olhares que se desdobram a partir de um lugar exterior. O lugar exterior possibilita que se veja do sujeito algo não visto por ele.

A partir da problemática ora apresentada, a questão da pesquisa que nos orientou para o estudo foi: Como o olhar exotópico de si e do outro imprime e marca a vida dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida?

Ao consideramos o processo exotópico relacionado ao adolescente em conflito com a lei e sua relação com o outro (ele mesmo, a família, a vivência infracional, a escola etc....), esse lhe possibilita resgatar a consciência de si mesmo através do outro, compreender-se a partir da percepção de si entrelaçada pelo olhar do outro.

Dessa forma, percebemos a possibilidade que o sujeito tem de ver mais do outro sujeito do que ele mesmo vê de si, devido à posição exterior (exotópica) do outro na formação de um todo do indivíduo. Isso nos leva a refletir que essa visão excedente está entrelaçada a sua, o que permite compreender conscientemente a sua realidade, as experiências construídas ao longo de suas vivências durante o período da medida socioeducativa.

Assim, o objetivo geral do nosso estudo foi investigar as marcas exotópicas que os adolescentes em cumprimento de liberdade assistida têm de si a partir do olhar do outro. E os específicos são: a) identificar as marcas exotópicas no discurso e tatuagens dos adolescentes em conflito com a lei; b) refletir a partir das produções textuais desenvolvidas pelos adolescentes, os efeitos discursivos da relação exotópica.

Para alcançar nossos objetivos, procuramos entrelaçar as seguintes abordagens teórico-metodológicas: os construtos bakhtinianos dialogismo e exotopia (BAKHTIN, 2011, 2018), a socioeducação (BRASIL, 2006, 1990), a narratividade (LOPES DE OLIVEIRA; VIEIRA, 2006; BARBIER, 1998), signo ideológico e texto verbo-visual (BAKHTIN, 2018).

A necessidade e a urgência da discussão sobre a temática proposta neste trabalho é o que dialoga com os fatores já expostos. Desse modo, a motivação ao adentrar nesse estudo se dá pela minha experiência profissional e pela percepção da importância do objeto de pesquisa para a promoção dos debates acerca do processo exotópico e dialógico a partir do olhar dos adolescentes em conflito com a lei.

A partir do pressuposto de que as práticas de leitura e escrita cooperam para a constituição de uma cidadania plena, como assinala Mollica (2007) e, ainda, a escola como sendo uma das agências de letramento, justifica-se esse trabalho de campo, a fim de contribuir não só na produção de pesquisas a respeito da temática aqui articulada, bem como possibilitar estratégias para melhor atendimento ao referido público.

Diante do exposto, fica evidente a urgência e a importância de potencializarmos o estudo a respeito da articulação das temáticas propostas a partir de investigação bibliográfica e, desse modo, contribuir para possíveis elocubrações acerca do movimento exotópico a partir das manifestações discursivas de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida.

O texto está estruturado em cinco capítulos interligados de forma a conduzir o leitor sobre os fundamentos teóricos-metodológicos do estudo bem como a análise dos dados.

No primeiro capítulo, apresentamos o que é socioeducação, seus pressupostos legais, conceito de ato infracional, as legislações que preveem e orientam como deve ser a responsabilização da prática de atos infracionais cometidos por adolescentes e como acontece a execução da medida socioeducativa de meio aberto, a liberdade assistida.

No segundo capítulo, discorremos sobre os construtos bakhtinianos dialogismo e exotopia. Expomos os conceitos-chaves como o de dialogismo, enunciação, enunciado, vozes sociais e outros conceitos que foram usados para análise das manifestações discursivas dos adolescentes que estarão relacionados ao movimento exotópico.

No terceiro capítulo, discutimos acerca das narrativas e a constituição do sujeito na e pela linguagem, observando o discurso apresentado nas narrativas com base nos pressupostos bakhtinianos.

No quarto capítulo, denominado “delineamentos metodológicos”, expomos a metodologia utilizada na condução da pesquisa em sessões que tratam da definição do tipo de pesquisa, do *locus* da pesquisa, o objeto, sujeitos da pesquisa, os instrumentos da produção de dados e as categorias de análise dos dados.

No quinto capítulo, analisamos e discutimos os dados gerados pelos instrumentos da pesquisa (entrevista semiestruturada, tatuagens e produções textuais), observando atentamente os movimentos exotópicos estabelecidos a partir das categorias “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”.

Nas considerações finais, retomamos os objetivos propostos, apresentando pontos relevantes do nosso objeto de estudo, interpretando as manifestações discursivas de nossos participantes sob a lente do movimento exotópico que nos possibilitou compreender o olhar que os adolescentes têm de si a partir do olhar do outro.

## 1 A SOCIOEDUCAÇÃO E A PRÁTICA DE ATOS INFRACIONAIS

Neste capítulo, apresentamos uma breve abordagem sobre a socioeducação e a prática de atos infracionais a partir da legislação vigente, adentrando de maneira mais específica na medida socioeducativa de meio aberto – liberdade assistida.

### 1.1 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO

A socioeducação está relacionada com o reconhecimento da prática do ato infracional cometido por adolescentes atrelado às condutas não violentas, previstas no Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990) e imersas num processo socioeducativo de ressignificação da vida. Deste modo, a medida socioeducativa tem como base estruturante a educação.

A definição do Artigo 103 do Estatuto da Criança e do Adolescente nos revela que: “Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal” (BRASIL, 1990). A conduta praticada pelo adolescente somente se afigurará como ato infracional se, e somente se, contiver os mesmos aspectos que definem enquanto crime (ação tipificada pelo código penal e ilícita, culpável e punível). Por conseguinte, o critério de identificação dos fatos que indicam o ato infracional é a própria pena criminal, o que implica que a definição de ato infracional também está inteiramente relacionada à legislação. Neste sentido, o ato infracional é

[...] apenas um ponto de chegada do adolescente ao Programa para o cumprimento da medida. Além da infração o adolescente será olhado de forma que garanta saber quem é esse adolescente, qual é a sua história de vida, qual é a sua trajetória e como está organizado seu cotidiano, para tentar contextualizar sua infração e organizar formas para transpor essa situação infracional (Trecho da entrevista realizada com a coordenadora do Programa de Medida Socioeducativa de São Carlos, SP, 2010, p. 57).

Ademais, conforme aponta Mezzomo (2004, p. 20), a legislação vigente reconhece que adolescentes são sujeitos de direitos, merecendo atenção por parte dos pais ou responsáveis, da sociedade e do Estado,

[...] que reconhece na criança e no adolescente indivíduos portadores de necessidades peculiares, não se esquecendo a sua condição de pessoas que se encontram em fase de desenvolvimento psíquico e físico, condição que os coloca em posição de merecedores de especial atenção por parte do Estado, da sociedade e dos pais ou responsáveis (MEZZOMO, 2004, p. 2).

A responsabilização existe quando o (a) adolescente é sentenciado pelo Sistema de Justiça representado pelo juízo da Vara da Infância e Juventude. Após a aplicação da sentença, a educação é o objetivo primordial, eixo estruturante de qualquer medida socioeducativa, preconizadas pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), assim como é basilar da política socioassistencial integrante ao Sistema de Garantias de Direitos.

Tanto a Medida de Liberdade Assistida como a Medida de Prestação de Serviços à Comunidade consistem na confecção de um projeto de vida diverso de vivências infracionais, com participação da família e do socioeducando, visando, como regra inicial, a escolarização/educação, a profissionalização e a reafirmação da cidadania. Tal projeto de vida é escrito no Plano Individual de Atendimento (PIA) apresentado à Vara da Infância e Adolescência para procedimento homologatório, em que metas são traçadas para serem alcançadas no decurso da Medida. Vejamos:

A elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA) constitui-se numa importante ferramenta no acompanhamento da evolução pessoal e social do adolescente e na conquista de metas e compromissos pactuados com esse adolescente e sua família durante o cumprimento da medida socioeducativa. A elaboração do PIA se inicia na acolhida do adolescente no Serviço de atendimento e o requisito básico para sua elaboração é a realização do diagnóstico polidimensional por meio de intervenções técnicas junto ao adolescente e sua família, nas áreas: a) *Jurídica*: situação processual e providências necessárias; b) *Saúde*: física e mental proposta; c) *Psicológica*: (afetivo-sexual) dificuldades, necessidades, potencialidades, avanços e retrocessos; d) *Social*: relações sociais, familiares e comunitárias, aspectos dificultadores e facilitadores da inclusão social; necessidades, avanços e retrocessos. e) *Pedagógica*: estabelecem-se metas relativas à: escolarização, profissionalização, cultura, lazer e esporte, oficinas e autocuidado. Enfoca os interesses, potencialidades, dificuldades, necessidades, avanços e retrocessos. Registra as alterações (avanços e retrocessos) que orientarão na pactuação de novas metas (BRASIL, 2009, p. 54).

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, no parágrafo primeiro diz que “[...] a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). No ECA (BRASIL, 1990), isto é confirmado quando diz que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Conforme prevê o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (BRASIL, 2006), o adolescente deve ser alvo de um conjunto de ações socioeducativas que contribua na sua

formação, de modo que venha a ser um cidadão autônomo e solidário, capaz de se relacionar melhor consigo mesmo, com os outros e com tudo que integra a sua circunstância e sem reincidir na prática de atos infracionais.

Desse modo, a aplicação da medida socioeducativa tem por objetivo a responsabilização dos adolescentes quanto a ato infracional praticado, bem como a construção de um projeto de vida que o auxilie na superação da vivência infracional. Tem também enquanto objetivo assistir esse socioeducando dentro do âmbito da proteção integral pautada na garantia dos direitos individuais e sociais previstos no Art. 1º, §2º, I a III da Lei 12.594 (BRASIL, 2012a).

Art. 1º Esta Lei institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

[...].

§ 2º Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;

II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e

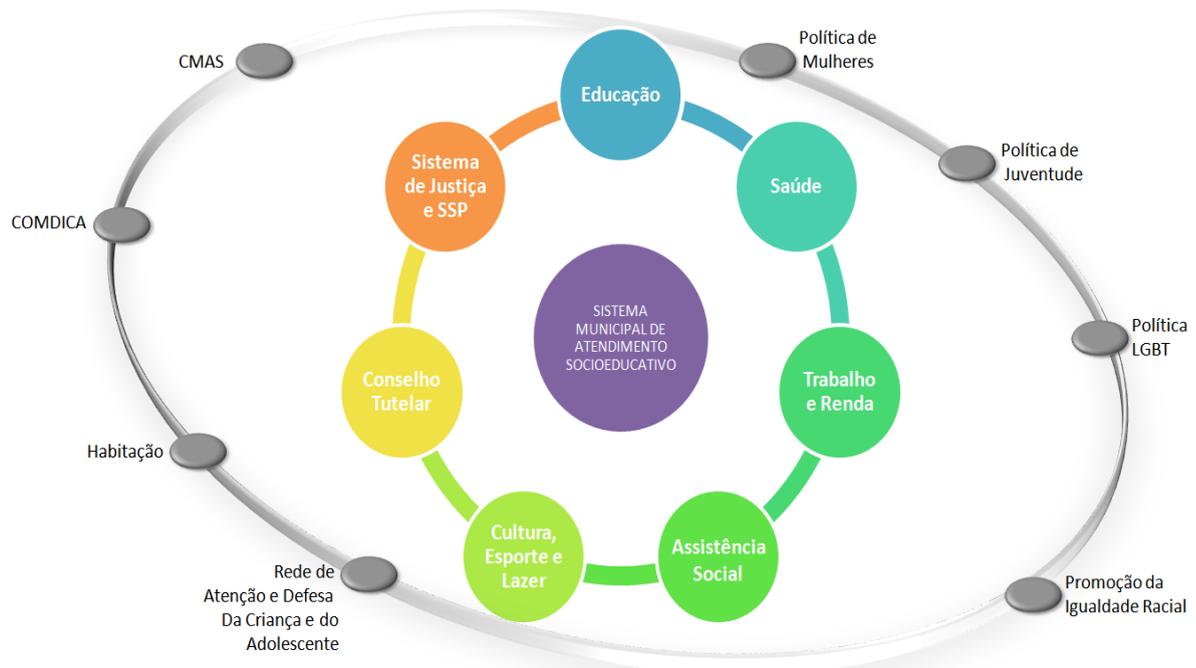
III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei.

Para assegurar a integração social do adolescente, o sistema municipal de atendimento socioeducativo se compõe a partir da articulação dos órgãos do sistema de justiça (Defensoria Pública, Ministério Público, Poder Judiciário), das secretárias do poder executivo municipal e organizações não governamentais em prol do atendimento dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de meio aberto, Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC).

A figura 1 apresentada a seguir, extraída do fluxo municipal de atendimento socioeducativo do município do interior da Bahia, mostra como acontece a articulação com a rede intersetorial, o sistema de Justiça (formado pela Vara da Infância e Juventude, Defensoria Pública e Ministério Público) e a rede socioassistencial (composta pelos órgãos do poder executivo municipal representado pelas secretárias de Educação, Saúde, Trabalho e Renda, Desenvolvimento Social, dentre outras), a partir da aplicação da medida socioeducativa pelo Poder Judiciário, iniciando pelo Serviço executor da medida em meio

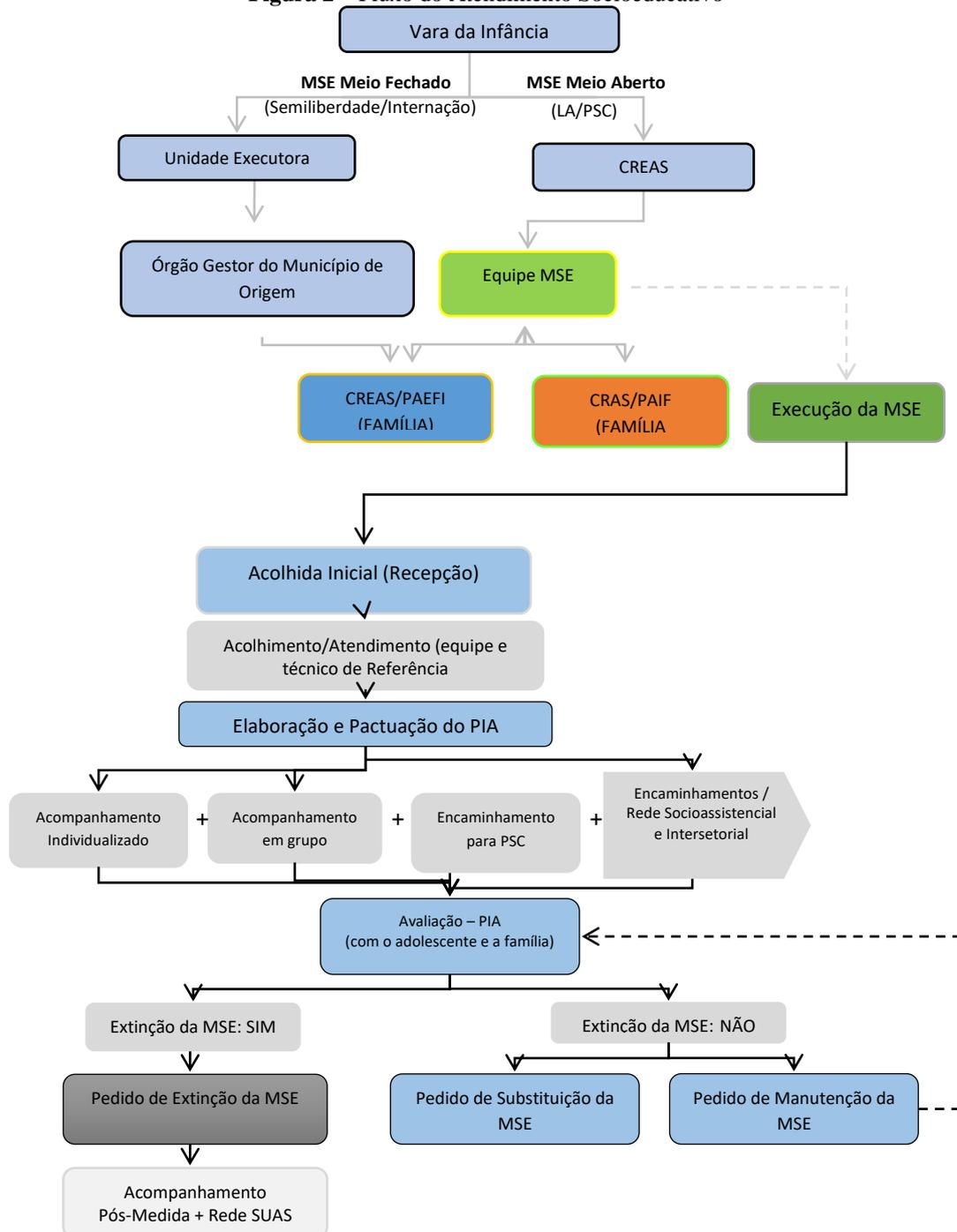
aberto, na busca da garantia de direitos e superação da vivência infracional dos adolescentes atendidos.

**Figura 1 – Sistema Municipal de Atendimento Socioeducativo**



Fonte: elaborado pela equipe do CREAS (2019).

O fluxo a seguir, representado pela Figura 2, apresenta como é iniciada a aplicação da medida e como está é conduzida a partir da determinação do Juízo da Vara da Infância e Juventude. Uma vez determinada qual será a medida a ser executada, podendo ser de meio aberto ou fechado, o adolescente será direcionado para a unidade executora da medida. Em se tratando de medida em meio aberto (LA ou PSC), o órgão responsável será o CREAS. Ao ser acolhido pelo Serviço, o adolescente será acompanhado por uma equipe multiprofissional e sua família, a depender das demandas apresentadas, será acompanhada pela equipe do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) ou Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias (PAEFI).

**Figura 2 – Fluxo do Atendimento Socioeducativo**

Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora.

No acolhimento, o adolescente será atendido pelo técnico e equipe de referência onde serão construídas metas para o Plano Individual de Atendimento (PIA) a serem alcançadas ao longo da medida. O acompanhamento ao socioeducando acontecerá de forma individual e em grupo, e, a partir das demandas existentes, será acionada a rede socioassistencial e intersetorial para a execução dos encaminhados dados. Como exemplo das demandas apresentadas pelos socioeducandos que necessitam de encaminhamento, podemos citar:

regularização de documentação, consultas médicas, questões relacionadas ao processo de escolarização, dentre outras.

O PIA será avaliado e repensado quando necessário pela equipe juntamente com o adolescente e a a família, uma vez alcançadas as metas estabelecidas, será realizado relatório pelo técnico de referência, baseado no estudo de caso realizado pela equipe, sugerindo a extinção da medida (desligamento por cumprimento adequado). De outro modo, não cumpridas as metas, a medida poderá ser prorrogada ou substituída por outra mais gravosa, respeitando o prazo estabelecido pela lei.

O Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) tem por finalidade prover atenção socioassistencial e acompanhamento a adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa em Meio Aberto (LA e PSC), contribuindo para o acesso a direitos e a ressignificação de valores na vida pessoal e social, e também o estímulo ao exercício do protagonismo, da participação social, da vivência coletiva e da reflexão crítica.

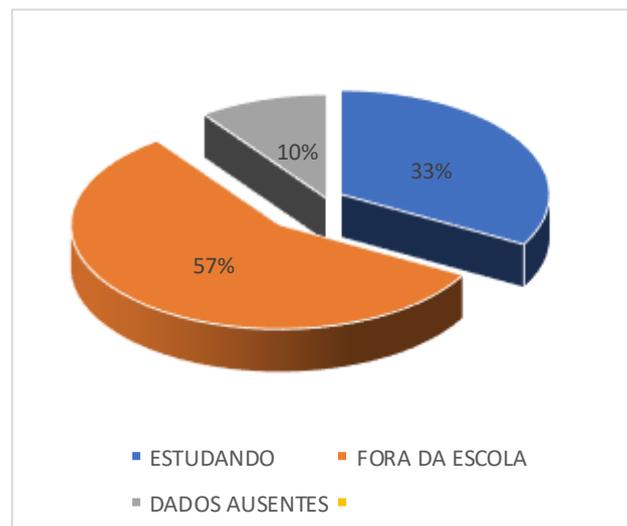
Em se tratando da execução das medidas de meio aberto, mais especificadamente a de Liberdade Assistida, um dado chamou a nossa atenção. Grande parte dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa apresentam em seu discurso uma narrativa que relata o preconceito que sofre por conta da vivência infracional e pelas tatuagens que possuem, além de apresentarem uma distorção de idade/ano. Apresentam como uma das causas para esta condição o abandono da escola e reprovação de ano.

No tocante ao grau de escolarização dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, percebemos a partir da leitura e análise do gráfico a seguir, cuja construção se deu por meio dos dados levantados pela equipe do CREAS durante o período de 2010 a 2019, levou-nos à constatação de que a maioria dos adolescentes que cumprem ou já cumpriram medida estão fora da escola e que a maioria deles estão cursando o 7º ano, o que reforça nossa percepção da distorção idade/ano.

**Figura 3** – Levantamento dos dados escolares do CREAS (2010 a 2019)

<b>ESCOLARIDADE – ACOMPANHADOS 2010/2019</b>	
1º ANO (ALFABETIZAÇÃO)	6
2º ANO	3
3º ANO	3
4º ANO	7
5º ANO	30
6º ANO	37
7º ANO	63
8º ANO	11
9º ANO	17
1º ANO ENSINO MÉDIO	11
2º ANO ENSINO MÉDIO	2
3º ANO ENSINO MÉDIO	0
ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	1
DADOS AUSENTES	24
<b>TOTAL</b>	<b>215</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

**Gráfico 1** – Percentual de socioeducandos dentro e fora da escola

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para a concretização do Plano Individual de Atendimento é estabelecido junto com o adolescente e família metas, conforme prevê o Art. 8º da Lei 12.594/2012 (BRASIL, 2012a). Uma dessas metas é a reinserção escolar. Quando encaminhados para realização de matrícula escolar muitos mostram-se resistentes em dar seguimento. A rejeição à escola é visível. A dinâmica escolar não lhes é interessante, os conteúdos trabalhados não fazem sentido, além da dificuldade da leitura e escrita logo apresentadas nas atividades propostas pelo serviço

desenvolvidas no grupo psicopedagógico do CREAS, equipamento que executa a medida socioeducativa.

Nesse sentido, Rojo (2009, p. 23) apresenta como um dos problemas a serem enfrentados no século XXI é tornar a experiência escolar significativa em termos de letramento para que haja o que é chamando genericamente de “melhoria na qualidade de ensino” a fim de evitar exclusão escolar.

O contexto social de vulnerabilidades, a prática de ato infracional, o uso de Substâncias Psicoativas vivenciados pelos adolescentes em cumprimento de medida somado às dificuldades na leitura e escrita os torna alheios às exigências escolares, reforçando um preconceito, o que corrobora para o insucesso escolar e um processo de exclusão social.

Neste diapasão, Soares (2004, p. 72) afirma que “Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”.

Para Mollica (2007) a escola, a partir de um imaginário coletivo, seria o mais anelado para promover a inclusão social. Ocorre que muitos dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, não tem a ideia de pertencimento à escola nem o desejo manifesto em retornar por se considerar à margem da sociedade.

As práticas pedagógicas que os adolescentes em conflito com lei estavam submetidos, reforçava neles o distanciamento e desinteresse em estar inserido em seu espaço escolar. O tratamento preconceituoso, somado a um olhar estigmatizado pela vivência infracional contribuíram para o abandono da escola.

O abandono escolar reforçou a distorção idade/ano apresentada no gráfico acima, entretanto, não podemos atestar que seja o fator preponderante para explicar os parcos de aprendizagem, conhecimento e letramento. Ademais, apesar dos socioeducandos em sua maior parte tenham parado de estudar no ensino fundamental, mesmo assim apresentam dificuldades na grafia do próprio nome. Para Marcuschi (2007, p. 18) “[...] a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola”.

Entendemos que a construção da cidadania perpassa pela educação manifesta pelas práticas sociais leitura e escrita e, ainda, que a educação contribui para uma mudança de realidade. Para Ribeiro (2006, p. 55) a escola surge como um “[...] espaço estratégico para o desenvolvimento de uma política cultural voltada ao exercício da cidadania, do resgate e afirmação dos valores morais e éticos e, essencialmente, da prática da inclusão”.

Assim, asseveramos que tão relevante quanto aprender a ler e escrever, apropriar-se da escrita perfaz um meio de inclusão social, pois afirma Mollica (2007, p. 13) que “[...] as práticas de leitura e escrita colocam os falantes com maiores chances de constituir cidadania plena. [...]. Assim, através da escola, acredita-se que o indivíduo se torne agente ativo e transformador [...]”.

Para Scott (1983, p. 3) a leitura não é meramente o ato de decodificar palavras, mas de extrair significado do texto escrito seja ele implícito ou explícito, portanto, uma atividade colaborativa que acontece na interação entre leitor-texto-autor, podendo variar o grau de compreensão de uma pessoa para outra a depender do repertório interpretativo de cada uma. Consoante ao pensamento de Scott, Leffa (1996, p. 13), afirma que “[...] o texto não possui um conteúdo, mas reflete-o, como um espelho. Um mesmo texto pode refletir vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só conteúdo”.

Compreender que a construção da cidadania perpassa pela educação manifesta pelas práticas sociais leitura e escrita e ainda, que a educação contribui para uma mudança de realidade e, concomitantemente, com a superação da vivência infracional, reforça a necessidade deste estudo.

Segundo Soares (2006, p. 37):

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Assim, como um dos pilares da socioeducação que é a reinserção bem como o acompanhamento escolar dos adolescentes em conflito com a lei, compreendemos que as práticas sociais de letramento potencializam um percurso significativo na realidade escolar ocasionando uma mudança no lugar social.

### 1.1.1 Liberdade assistida

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) especifica no Artigo 112 as medidas socioeducativas a serem aplicadas pelo Juízo da Vara da Infância e Juventude quando constatada a prática do ato infracional. A liberdade assistida é uma das seis medidas previstas no ECA, tendo período mínimo 6 (seis) meses, podendo chegar no máximo a 3 (três) anos de cumprimento.

Na Liberdade Assistida, o socioeducando é acompanhado por equipe multiprofissional e orientado quanto à medida e acerca da garantia de seus direitos fundamentais. Durante todo o curso da medida, o socioeducando é motivado à construção de um projeto de vida que sirva para o enfrentamento e a superação da vivência infracional.

O “tripé”, educação, cidadania e profissionalização ampara as Medidas Socioeducativas de meio aberto e direcionam construção de projetos de vida voltado a ressocialização bem como o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Em se tratando mais especificadamente da liberdade assistida como uma das medidas de meio aberto, o ECA (BRASIL, 1990) diz que a:

[...] liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente. § 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento. § 2º A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor [...] Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros: I - promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social; II - supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula; III - diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho; IV - apresentar relatório do caso (BRASIL, 1990, art. 118-119).

A medida acima citada para ser executada dentro da proposta apresentada dentro do PIA, é necessário se que faça intervenções técnicas com o adolescente/jovem tendo com propósito de fazê-lo assumir e/ou reconhecer seu lugar social, levando em consideração seus vínculos históricos, e para tanto privilegie a educação para a inclusão social “[...] não se esquecendo a sua condição de pessoas que se encontram em fase de desenvolvimento psíquico e físico, condição que os coloca em posição de merecedores de especial atenção por parte do Estado, da sociedade e dos pais ou responsáveis” (MEZZOMO, 2004, p. 2). Dessa forma, o

educando poderá relacionar-se melhor consigo e com o mundo construindo relações positivas a partir do desenvolvimento em diversas áreas tais como individual, social e cultural.

Para atingir os objetivos das Medidas Socioeducativas, os técnicos do CREAS devem encaminhar, orientar e acompanhar os adolescentes/jovens em cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida (LA). Segundo Brandão (2010, p. 68):

Cabe aos técnicos da Liberdade Assistida esclarecer sobre os aspectos envolvidos no cumprimento dessa medida. E por outro lado, perceber e considerar a singularidade de cada caso, o contexto específico do adolescente, e sua vivência e convivência tanto na família, como na comunidade, buscando propiciar a construção de novas respostas. Outros aspectos importantes no que se refere a este atendimento são a inserção deste adolescente na vida escolar, sua trajetória e frequência, bem como o encaminhamento a outras unidades da rede de serviços públicos para a complementação de documentação; obtenção de cuidados com a saúde física e mental; cursos de capacitação, visando a emprego e renda.

Dessa forma, a partir de um acompanhamento direcionado pelo PIA, considerando as metas estabelecidas, norteadas pela superação da vivência infracional e construção de novo projeto de vida, a medida de liberdade assistida tem por objetivo ressocializar o socioeducando e responsabilizá-lo quanto a prática do ato infracional cometido.

No capítulo a seguir, apresentaremos alguns construtos bakhtinianos, os quais servirão de base teórica para a análise e discussão dos dados.

## 2 DOIS CONSTRUTOS BAKHTINIANOS: DIALOGISMO E EXOTOPIA

[...] a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós, pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação (LISPECTOR, 1998, p. 9).

No presente capítulo, o objetivo é apresentar as bases teóricas que fundamentam o estudo em questão, pautado nos construtos bakhtinianos – dialogismo e exotopia. É importante destacar que tais conceitos por estarem interrelacionados com outros pensados por Bakhtin (2011, 2018) serão abordados para subsidiar nossa explanação.

### 2.1 ENUNCIÇÃO E DIALOGISMO

Em seu arcabouço teórico, Bakhtin (2018) enfatizou que o uso da linguagem relaciona-se com todos os campos da atividade humana e que não falamos no vazio. É o processo interativo, na heterogeneidade dos grupos sociais, em todos os momentos e em suas diversas formas que constitui o processo da comunicação, conforme enfatiza esse pensador “[...] o valor de qualquer enunciado não é determinado pela língua, como sistema puramente linguístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com sujeitos falantes, ou com outros enunciados” (BAKHTIN, 2018, p. 90). Ainda em conformidade com esse filósofo da linguagem:

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também, a relação do locutor com os enunciados dos outros (BAKHTIN, 2011, p. 319).

Do ponto de vista de Bakhtin (2018, p. 112), a enunciação é “[...] o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]”, seja no ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística. Dessa forma se constitui um fenômeno eminentemente social que acontece sempre na interação. Constituída de significação e sentido, elementos que se integram formando um todo, a enunciação, portanto relaciona-se a uma situação interlocutiva, que objetiva considerar as relações existentes entre os sujeitos, o local,

o assunto e o tempo em que se constitui a interlocução. Assim, a enunciação indica por que um enunciado é construído desta ou daquela maneira, mostrando a forma pela qual o interlocutor se imprime naquilo que diz.

Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor [...] (BAKHTIN, 2006, p. 135).

O dialogismo é o princípio da linguagem e constitui as relações históricas, culturais e sociais no processo de interação. Essas também perpassam o processo da leitura e da escrita tornando significativo os enunciados, as relações entre os sujeitos, confirmando um dos pressupostos do filósofo russo de que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2018, p. 117).

Essa definição dada por Bakhtin (2018) nos mostra que uma noção de diálogo como forma de interação, de comunicação, não é uma simplesmente ação comunicativa, não se limita a emissão e recepção de uma mensagem. O diálogo é, conforme o pensador russo, onde habita a verdadeira substância da língua. Assim, depreendemos que o diálogo não está restrito somente a oralidade, pois todo enunciado, seja ela oral, escrito ou verbo-visual pressupõe o dialogismo, haja vista que que todo enunciado se constitui pelas relações dialógicas que se formam a partir de ecos individuais, culturais e sociais que podem ser compreendidos, discutidos e modificados. Desse modo, o entendimento de que o diálogo é constituído pela palavra do eu e do outro é o fundamento da concepção dialógica da linguagem bakhtiniana.

Cabe destaque aqui que a ideia de diálogo, embora possa ser interpretada como conciliação entre as vozes que o compõe, não será essa a linha de nossa discussão. Compreendemos que, o dialogismo é uma arena de tensões onde as relações estabelecidas entre o eu e o outro podem convergir ou divergir aceitar ou recusar, concordar ou discordar. Conforme Fiorin (2006):

O vocábulo “diálogo” significa, entre outras coisas, “solução de conflitos”, “entendimento”, “promoção de consenso”, “busca de acordo”, o que poderia

levar a pensar que Bakhtin é o filósofo da grande conciliação entre os homens. Não é nada disso. As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo fazem-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais. Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica (FIORIN, 2006, p. 24-25).

A interação entre os sujeitos com o mundo que os cerca e os processos discursivos em que estes estão inseridos pode interferir no sentido do enunciado. A língua, então, se apresenta viva nas relações dialógicas estabelecidas entre e por meio dos sujeitos. Bakhtin denomina essas relações de sentido que se estabelecem entre o eu e o outro de dialogismo e assenta a ideia de que todos os enunciados promovidos através do processo de comunicação são dialógicos. Para Brait (1997, p. 98) “O dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”

No tocante à polifonia, para Bakhtin (2011), os discursos dos interlocutores reverberam nas palavras de outros sujeitos, cuja significação é refletida no discurso interior e, ao mesmo tempo, ecoam no dizer do outro, que marcará o discurso desse outro, e assim por diante.

Nas reflexões bakhtinianas, as relações dialógicas compõem o sujeito social que se faz da relação com o outro. O sujeito social, ao interagir com outros enunciados, relaciona-se com os discursos em um ato responsivo, admitindo ou não as reflexões do outro, acrescentando, modificando e, assim, formando a interação.

Portanto, a base do pensamento bakhtiniano reside no dialogismo, que instaura o princípio da linguagem e toda pragmática de interação da sociedade.

De acordo com esse pensador russo, “[...] todas as palavras além das minhas próprias, são palavras do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 379), pois para além de minhas palavras, a palavra do outro sempre existiu e se faz anterior a minha: “Por palavra do outro [...] eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa [...], é qualquer outra palavra não minha” (p. 379).

Em face dessas considerações, é possível perceber que o enunciado é o elo pelo qual os sujeitos interagem entre si, a partir da relação dialógica com outros sujeitos, nunca sendo

fonte única de sentido. O interlocutor, ao elaborar seu discurso, retoma elementos de enunciados anteriores. A voz do sujeito não é o elemento principal do discurso, mas cria as condições favoráveis para a interação dentro de uma dada formação discursiva. Nessa linha, afirma Bakhtin (2011, p. 316):

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado, acima de tudo, como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles.

Em se tratando das vozes sociais, Bakhtin aponta que:

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. (BAKHTIN, 2011, p. 316).

Nesse sentido, os enunciados são possíveis respostas a outros enunciados, seja no próprio contexto das condições de produção pelo locutor como também da realidade do momento de recepção pelo ouvinte/leitor. Koch e Travaglia (2003) consideram que:

O discurso é toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só um conjunto de enunciados por eles produzidos em tal situação [...] como também o evento de sua enunciação (KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 8).

Bakhtin (2011, p. 320) explana que “[...] quando o enunciado está sendo elaborados os elos claros ainda não existem, mas o enunciado, desde o início, elabora-se em função da eventual reação-resposta”. Em cada situação de comunicação, há possíveis respostas, pois é no momento da interlocução que os significados são atribuídos aos textos. Nesse processo, todo discurso é conduzido a partir de enunciados anteriores, uma compreensão a outras situações enunciativas. Segundo Bakhtin:

Todo enunciado desde a breve réplica (mono lexemática), até o romance ou o tratado científico comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros; depois de seu fim, há os enunciados respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão

responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão (BAKHTIN, 2011, p. 294).

Todo enunciado é precedido de uma resposta, pois, ao escrever, o locutor se prepara para ativar uma resposta por parte do interlocutor e, a partir desse intercâmbio de vozes, alternâncias de sujeitos e de experiências que os discursos são compreendidos.

Desse modo, o enunciado concretiza-se no ato da comunicação verbal. O locutor e receptor constroem um diálogo e essa possível interação entre sujeitos é o que dá vida ao enunciado. No processo discursivo para todo e qualquer texto falado ou escrito, há uma resposta que poderá se manifestar no momento de interação por parte dos interlocutores.

De acordo com Bakhtin (2018), a enunciação nasce das relações sociais. Desse modo, as manifestações discursivas são formadas pela dinâmica e experiência de vida do sujeito, das construções coletivas como: trocas de informações, conhecimentos, valores, culturas e histórias, que os indivíduos se posicionam frente aos textos, atribuindo-lhes um significado.

O sujeito ao enunciar não atua sozinho, pois no ato da enunciação já se prevê um possível interlocutor. Para construir seu discurso, o enunciador apresenta o discurso do outro que também se faz presente no seu. Assim, o dialogismo corresponde às relações de sentido estabelecidas a partir de dois enunciados.

## 2.2 EXOTOPIA: O ENCONTRO E A INCORPORAÇÃO DE VOZES

A palavra exotopia deriva do grego (*exo*=fora e *topos*=lugar), significa “estar do lado de fora”, situar-se em um lugar exterior. O termo exotopia, construto criado por Bakhtin, foi traduzido por Todorov<sup>2</sup> em 1981, do russo para o francês *vnienukhodimost* e *exotopie*.

Paulo Bezerra<sup>3</sup>, tradutor brasileiro e crítico literário, traduziu a obra **Estética da Criação Verbal** (2011) da versão original russa para o português. Atento e cuidadoso com a conservação do sentido original do pensamento de Bakhtin no tocante construtos e seu uso, apresenta-nos que o conceito de exotopia, pensado pelo filósofo russo, baseado no termo em latim *distantsia*, que em nosso idioma, significa distância ou distanciamento. Neste sentido, segundo Bakhtin, na arte da criação estética é imprescindível sair de si mesmo, deslocar-se, distanciar-se para perceber o outro de uma maneira que não lhe é possível individualmente.

<sup>2</sup> Historiador, filósofo e crítico literário, búlgaro, teve um importante papel na propagação do formalismo russo entre 190 e 1970 no Ocidente.

<sup>3</sup> Livre docente em Literatura Russa pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou diversas traduções das obras de Bakhtin para a Língua Portuguesa.

Para Bakhtin (2011), é essa distância que permite a compreensão da dimensão espaço-temporal necessária para emprestarmos nosso olhar de contemplador e realizarmos o acabamento estético e ético, que só do meu lugar e da minha percepção, pode contemplar o outro até formar o todo, contemplando-o de maneira que ele não pode contemplar-se. Segundo Geraldi (2003, p. 35) o outro tem “[...] uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele”.

Neste diapasão, Bakhtin enfatiza que o autor

[...] deve situar-se fora de si mesmo viver a si mesmo, num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, vê-se pelos olhos de outro (BAKHTIN, 2011, p. 36).

O princípio da exotopia, nesse sentido, pode ser entendido a partir das relações dialógicas que os sujeitos estabelecem enquanto um estar-fora. Para Bakhtin (2011) o fundamento do conceito de exotopia está ancorado no excedente de visão, que é a capacidade que o sujeito tem de ver mais do outro aquilo que o próprio sujeito não consegue ver de si mesmo, devido à posição exterior (exotópica) que ocupa, o que promove a constituição de um todo do sujeito. Desse modo, o excedente de visão é

[...] o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. [...]. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Neste sentido, segundo a perspectiva bakhtiniana (2011) acerca do excedente de visão como a construção do olhar que cada sujeito tem da própria constituição, envolvendo as relações (eu-para-mim, eu-para-o-outro e os-outros-para-mim), compreendemos que a compenetração entre o meu excedente de visão em relação a ele e dele em relação a mim perfaz um compromisso mútuo, ponto fulcral do nosso estudo.

Tal qual como registrou Bakhtin (2011, p. 23) “O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele [...]”, entendemos que a linguagem surge a partir da interação verbal

que, por sua vez, se apresenta por meio das relações dialógicas as quais possibilitam o exercício exotópico. A partir disso que estabelecemos as categorias “eu para mim, eu para os outros e os outros para mim” que serão evidenciadas na análise dos dados.

Na mesma perspectiva, Ponzio (2008, p. 264) afirma que

[...] compreender o homem como único, como totalidade irrealizável significa compreendê-lo como outro, mas “nem mesmo o próprio ‘eu’ (‘eu-para-mim’) pode-se compreender, conhecer e afirmar sem o outro e sem o seu reconhecimento (‘eu-para-o-outro’)”.

Concluimos então que Bakhtin ao falar sobre o “eu” e o “outro”, não se refere apenas a dois sujeitos que interagem, mas que estabelecem relações possíveis consigo e com o outro. De acordo com esse filósofo da linguagem,

O que é que eu entendo por “eu”, ao falar e ao viver: “eu vivo”, “eu morrerei”, “eu sou”, “eu não serei”, “eu não tenho sido”. Eu-para-mim e eu-para-o-outro, outro-para-mim. O homem frente ao espelho, o não-eu em mim, algo que é maior do que eu em mim, o ser em mim (BAKHTIN, 1997, p. 369).

Depreendemos assim que, por mais semelhante que seja o contexto de encontro do eu e do outro, há sempre algo nebuloso que somente o outro, numa posição exterior é capaz de revelar ao eu, ampliando, assim, a sua percepção. Desta forma, o excedente de visão só se faz possível devido a possibilidade que o sujeito tem de se situar fora, de olhar o outro, ainda que esse outro seja ele mesmo, a partir de um lugar, de um tempo e de valores diferentes, vendo mais do outro aquilo que ele mesmo vê de si.

Para Brait (2006, p. 101), estudiosa e divulgadora dos construtos bakhtinianos, o conceito de exotopia

[...] designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro. A criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma.

Essa relação ao contexto de tensão apontado pela autora supramencionada, não se constitui, essencialmente, como uma relação conflituosa (entendida como algo negativo) entre os sujeitos, mas sim como uma relação de trocas onde um ocupa o lugar do outro por meio de um movimento duplo, ampliando, por conseguinte, sua visão de mundo. Compreendemos que

essas relações dialógicas implicam em um movimento subjetivo, reflexivo, discursivo e eminentemente social, o que promove o movimento exotópico proposto pelo filósofo russo.

Faraco (2011, p. 25), nesse sentido, corrobora com esse entendimento e acrescenta que essa tensão gerada entre o excedente de visão e a carência da visão que o sujeito tem de si mesmo

[...] impede a fusão de horizontes, ou seja, a anulação da minha singularidade (do meu excedente) no outro. Ao mesmo tempo nos impele inexoravelmente para a interação; é o excedente de visão dos outros que responde às minhas carências; a alteridade tem um papel constitutivo fundamental – o “eu-para-mim” se constrói a partir do “eu-para-os-outros”.

De acordo com Bakhtin (2011), o movimento exotópico pressupõe ida ao encontro do outro para ver como esse outro nos vê para, posteriormente, retornar a si mesmo e, assim, compreender-se.

[...] após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético. Se não houver essa volta a si mesmo, fica-se distante de um fenômeno patológico que consiste em viver a dor alheia como a própria dor, de um fenômeno de contaminação pela dor alheia, e nada mais (BAKHTIN, 2011, p. 46).

Ainda para Bakhtin (2011, p. 45), esse movimento de identificação com o outro nos permite “[...] experimentar – ver e conhecer – o que ele está experimentando, devo colocar-me em seu lugar, coincidir com ele [...] devo assumir o horizonte concreto desse outro, tal como ele o vive”.

Privilegiando o dialogismo e a atitude exotópica, optamos em estudar a linguagem como processo de constituição da subjetividade, a qual “[...] marca as trajetórias individuais dos sujeitos que se fazem sociais também pela língua que compartilham” (GERALDI, 2010b, p. 123). Nessa concepção, os usuários da língua interagem como sujeitos que ocupam lugares sociais e se comunicam realizando uma troca de enunciados.

Os postulados bakhtinianos nos permitiram compreender que a constituição do sujeito, suas consciências, conhecimentos físico e social de mundo resultam das ações de inúmeros falantes da língua, em diferentes momentos históricos e sociais. Nessa interação viva, a língua, extremamente dialógica, deve ser compreendida observando os fatores extralinguísticos em seu contexto social. Assim, Bakhtin (2018, p. 293), ao enfatizar que “[...]”

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo”, defende que o fundamento da linguagem é o dialogismo, a relação com o outro, conforme já discutimos.

Bakhtin (2018) considera singulares as vozes sociais que tecem os discursos. De acordo com ele, é a partir dessas vozes que os enunciados são formados e ecoam no diálogo das elaborações humanas. Logo, o diálogo não apresenta apenas “alternância de vozes”, mas também “o encontro e a incorporação de vozes” em um espaço e tempo histórico. “Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos” (BAKHTIN, 2011, p. 14). Então reside aí a capacidade do outro, por meio da exotopia, aprofundar-se no exterior e, após isso, o retorno a si mesmo, com atitude contemplativa.

O olhar exotópico, portanto, promove a capacidade de significar, perpassando pelos elementos constitutivos que muitas vezes são imperceptíveis ao outro, estabelecendo, assim, uma reciprocidade, pois é no reconhecimento do outro que o indivíduo passa a existir, e vice-versa. Daí a compreensão de que:

O olhar exotópico compõe o atributo humano de significar. A destreza de se considerar o outro que lhe perpassa e, por vezes, apropriar-se de seus elementos constitutivos é um fenômeno presente em todos os terrenos da vida. A cientificidade, a história, a vida cotidiana são estâncias dum sempre compartilhar. O ser age, essencialmente, pelo outro e para outro. E não é diferente no processo artístico, pois o artista recupera um pouco de si e de todos, por isso a arte possui um reconhecido caráter universal. Desta maneira, arte e vida são indissociáveis, estabelecendo relações diretas, equivalentes à medida que o real é reinventado e, portanto, refletido e refratado (AMORIM; SOUSA, 2013, p. 1184).

Assim, para Bakhtin (2011, p. 24-25), em seus estudos sobre a posição exotópica em relação ou sujeito, afirma que “Relacionar ao outro, o vivenciado, é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético”. Por conseguinte, encontrar-se na posição do outro permite-nos ver o que o outro vê, perceber as tonalidades de seu mundo interior e exterior, a imagem que faz de si e a imagem que faz do outro.

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua Expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando

nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Dessa forma, o princípio de exotopia surge do processo de interação e sua dialogicidade, que, segundo Amorim (2006, p. 27), “[...] é o desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior”. Esse lugar exterior permite, conforme Bakhtin, que se veja do sujeito algo que o próprio sujeito nunca pode ver.

Logo, percebemos a possibilidade que o sujeito tem de ver mais do outro sujeito do que ele mesmo vê de si, devido à posição exterior (exotópica) do outro na constituição de um todo do indivíduo. Isso nos leva a refletir que essa visão excedente está entrelaçada a sua, o que permite compreender conscientemente a sua realidade, as experiências construídas ao longo de suas vivências durante todo o período da medida socioeducativa que os socioeducandos estão cumprindo.

A seguir, discutiremos acerca da linguagem enquanto processo de constituição do sujeito, perpassando pela narratividade e a tatuagem, considerada aqui como texto verbo-visual, para fundamentar nosso estudo.

### 3 A LINGUAGEM COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA SUJETIVIDADE

Eu percebia maneiras de ver cuja  
diversidade me interessava muito mais  
Que os próprios objetos (VALÉRY).

Neste capítulo, apontaremos duas seções, nas quais serão apresentados aspectos referentes à linguagem, considerando a narratividade e as tatuagens enquanto textos verbo-visuais como indicadores na constituição da subjetividade do sujeito.

#### 3.1 A NARRATIVIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA/PELA LINGUAGEM

O ato de narrar é uma das atividades mais antigas da história da humanidade, sendo a narrativa uma das formas como o discurso humano se configura e se manifesta na sociedade, em todos os tempos, espaços e grupos sociais, permitindo a transmissão de valores, culturas e crenças. Conforme assinala Panhoca (2013, p. 879):

Uma das formas pelas quais o discurso humano se configura é a narrativa, sendo que o ato de narrar é uma das atividades linguístico-culturais mais antigas e mais relevantes da história da humanidade, sendo encontrada em todos os lugares, tempos e grupos sociais, e tendo papel fundamental na transmissão e perpetuação de valores e crenças dos diferentes grupos, desde os primórdios da vida em sociedade.

Os socioeducandos, participantes do nosso estudo, foram considerados como sujeitos discursivos, por contarem suas histórias e “verdades próprias” a partir daquilo que veem, que sentem, resultado de suas relações sociais, culturais, éticas e dialógico-discursivas. Para Lopes de Oliveira e Vieira (2006, p. 432):

Cada grupo cultural insere o conjunto de fenômenos biológicos da puberdade em sistemas de significação, os quais são articulados às questões de gênero, às hierarquias familiares e sociais, bem como à assunção de uma identidade pessoal e social, construída contra o pano de fundo das relações sociais e institucionais. Diferentes *constraints* culturais podem acelerar ou retardar a menarca, a extensão da vida reprodutiva e a fertilidade, por exemplo. Em todos os casos, o sujeito se vê, quando da transição para a adolescência, na necessidade de negociar uma ampla pauta de reconstruções identitárias ditadas, num nível, pelo novo corpo e a nova autoimagem que ele impõe, mas principalmente pelas mudanças de posicionamento subjetivo no jogo das relações sociais, que a condição adolescente traz. O *self* adolescente, assim, é o arranjo que se produz na internalização/externalização ativa de

experiências capitalizadas em diferentes esferas da vida cultural e se expressa nas práticas narrativas.

Ao discorrer sobre o sujeito, Bakhtin (1997) o elabora conceitualmente a partir de três categorias integradas: o “eu-para mim”, o “eu-para-os-outros” e o “outro-para-mim”. Essas categorias, para o filósofo, coexistem como partes que compõem a subjetividade do sujeito discursivo numa relação dialógica que ressoam a partir de um movimento polifônico, permeado por diversas vozes.

Segundo Lopes de Oliveira e Vieira (2006), a perspectiva do estudo sobre a subjetividade na contemporaneidade está em conexão com a perspectiva narrativista dialógica, buscando compreender como o ser humano se desenvolve a partir dos processos biológicos e culturais.

As narrativas, nessa linha, emergem então através do discurso que tecemos acerca de nosso universo, experiências e vivências na intenção ou tentativa de dar sentido ao vivido, como um modo de construção e constituição da realidade. Assim,

[...] as narrativas não devem ser concebidas como a apresentação de uma versão externa de entidades mentais particulares, pairando em um tipo de condição pré-semiótica. Apresentar algo como uma narrativa não significa exteriorizar algum tipo de realidade interna nem oferecer uma delimitação lingüística para essa tal realidade. Ao contrário, narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos. Em outras palavras, a ordem discursiva através da qual nós tecemos nosso universo de experiências emerge apenas como um *modus operandi* do próprio processo narrativo. Ou seja, estamos lidando primariamente não com um modo de representação, mas com um modo específico de construção e constituição da realidade, como Bruner (1991) apontou. A fim de estudar esse modo de construção, nós devemos examinar cuidadosamente as maneiras pelas quais as pessoas tentam dar sentido às suas experiências. Elas o fazem, entre outras formas, narrando-as (BROCKMEIER; HARRÉ, 2000, p. 7-8).

Para Barbier (1998, p. 170), o imaginário social se estabelece de maneira duradora através das organizações, instituições e relações, podendo ele se configurar por meio das relações familiares, profissionais, sindicais, políticas, etc. Assim, consoante com o pensamento bakhtiniano, a experiência individual verbalizada toma forma a partir interação com o discurso do outro.

A experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. [...]. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom

valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1992, p. 314).

As palavras do outro atravessam nosso discurso num processo dialógico que contribui para a formação do narrador, aqui chamado de sujeito discursivo. Teixeira (2006) enfatiza que

[...] em Bakhtin o sujeito se constitui numa relação intersubjetiva pela intervenção de um terceiro que tem substância, que é da ordem do articulável. A divisão que aí se dá é por um sujeito coletivo, pela pluralidade de lugares distintos do enunciador em seu discurso, pelo auditório social, pela compreensão responsiva ativa (TEIXEIRA, 2006, p. 233).

Barbier (1998) reforçou a necessidade de reconhecer as intenções, estratégias e possibilidades do sujeito e suas implicações no coletivo. Para ele, o sujeito pode ser um indivíduo ou um grupo. O termo coletivo é entendido como junto com o outro. Dessa forma, segundo o autor, o pesquisador atento percebe os interesses que orbitam ao seu redor e seu lugar na organização social. Ainda, para esse estudioso: “É preciso saber como apreciar o lugar diferencial de cada um no campo das relações sociais para poder escutar sua fala ou sua aptidão criadora” (BARBIER, 1998, p. 187).

Compreender o lugar de passagem no campo das relações sociais e discursivas, perpassadas por interações nem sempre contadas, mas contidas dentro das narrativas é um desafio para aquele se habilita a escutar, ouvir e dialogar. O pesquisador, pois

elege o fluxo do movimento como seu território sem espaço. Lugar de passagem e na passagem a interação do homem como os outros homens no desafio de constituir categorias de compreensão do mundo vivido, nem sempre percebido e dificilmente concebido de forma idêntica pela unicidade irrepetível que é cada sujeito. As interações são perpassadas por histórias contidas e nem sempre contadas (GERALDI, 2010a, p. 31-32).

A linguagem, assim, serve para comunicar, sendo construída pelas relações entre sujeitos e sentidos múltiplos e variados que produzem o discurso, não meras informações. Em consonância com ela, estão as relações entre sujeitos, culturas, pensamentos e sociedade.

### 3.2 AS TATUAGENS COMO TEXTOS VERBO-VISUAIS

É importante destacarmos que a nossa compreensão de texto verbo-visual ou linguagem verbo-visual está pautada nas relações dialógicas que podem ser estabelecidas a partir de elementos semióticos diversos enquanto um conjunto de signos, entendendo o texto,

“[...] no sentido amplo de conjunto coerente de signos”, entendendo que há uma “[...] complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado pelo pesquisador que interroga, faz objeções etc. (BAKHTIN, 2010, p. 311).

Dessa forma, os enunciados apresentados a partir do texto verbo-visual se constituem a partir de diversas faces semióticas, não se resumindo, portanto, a um único sentido ou conteúdo temático, por exemplo, mas se vale de todos os estilos e não de apenas um, compondo, desse modo, um texto multimodal.

Os textos multimodais propõem formas representativas que juntas constroem os sentidos, a exemplo dos sons, das imagens e da tatuagem, assim, estes tipos de textos se realizam a partir de mais de um código semiótico que formam seu significado.

Neste sentido, entender o discurso enquanto uma constituição multimodal é necessário para compreender as práticas discursivas integradas no texto, pois a relação entre a linguagem verbal e visual contribui para a elaboração dos sentidos na interação dialógica. Nas palavras de Joly (1996, p. 121):

A complementariedade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam umas das outras. Não há qualquer necessidade de uma copresença da imagem e do texto para que o fenômeno [complementariedade] exista. As imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim.

Gusmão (2022, no prelo) entende que a

Imagem como texto comporta significações expressas por meio das cores, da estrutura, dos sentidos expressos. Essas significações são interpretadas na relação autor-texto-leitor, mas também nas condições de produção e contexto em que é produzida. Exigem dos sujeitos dialógicos “atitudes responsivas”, conforme proposições de Bakhtin (2004), pois todo ato de compreensão é uma resposta externa ou interna (a si mesmo) (GUSMÃO, 2002, no prelo).

Logo, como aponta Orlandi (1988, p. 38) a imagem enquanto uma das formas de expressão da linguagem não pode ser tomada como transmissora de uma informação, porém como mediadora entre a realidade social e o homem, o que contribui para o surgimento de diversas possibilidades de sentidos a partir da sua relação com sujeito. Segundo Medviédev (2012, p. 48):

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando

realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.

As múltiplas faces semióticas dos enunciados imbricados de signos ideológicos incorporam a natureza multisemiótica e multimodal dos textos verbo-visuais, imprimindo um estilo próprio ao sujeito discursivo que se expressa a partir das tatuagens em seu corpo. Conforme assevera Bakhtin/Volochinov (1981, p. 31-32):

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. [...]. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade.

Bakhtin/Volochinov (1981) apresenta um conceito de signo remetendo-o a um produto ideológico imbricado de fenômenos naturais, artigos de consumo e instrumento de produção que reflete uma realidade exterior. Sendo, os signos, criados nas relações interindividuais, cheios de valores compostos por diferentes interlocutores.

Assim, os textos verbo-visuais representam os fenômenos ideológicos, oriundos das inter-relações discursivas cujo produto é o um material semiótico que só pode ser compreendido através da análise do conteúdo ideológico contido no discurso.

A luz dos postulados bakhtinianos, buscamos delimitar alguns conceitos e sua importância para análise das tatuagens dos socioeducandos ora entrevistados, cujas formas de expressão apresentam de maneira implícita ou explícita as dimensões visual e verbal da linguagem. O termo visual aqui foi tratado a partir das tatuagens e o termo verbal foi discutido a partir das dimensões oral e escrita.

Assim apresentados, os textos foram analisados e interpretados a partir dos processos dialógicos que os constituem, das narrativas e discursos que lhe são inerentes, das singularidades das formas de expressões, dos enunciados que apresentam, das relações sociais que os compõem, corroborando para a assinatura do sujeito e suas marcas discursivas que são históricas, sociais e culturais. Nas palavras de Bakhtin (2018, p. 323):

As relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso [...] as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva.

No tocante aos aspectos do estudo das tatuagens enquanto texto verbo-visual, é importante destacar que Bakhtin (2018) considera as relações dialógicas como um objeto de uma teoria pautada na análise dialógica do discurso, sendo assim “[...] possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que esses estejam expressos numa matéria sígnica. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes” (BAKHTIN, 2018, p. 211).

Essa incursão nos discursos, destacados em cada categoria a seguir apresentada, surgiu não apenas das significações da palavra, mas do discurso, o qual denota sentido dialógico, ancorado em outras vozes sociais e, ao mesmo tempo, na singularidade de cada sujeito. No próximo capítulo, apresentaremos a discussão sobre os dados selecionados por categorias, a partir dos recortes dos turnos de fala, das tatuagens e das produções textuais dos sujeitos.

## 4 DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 DEFINIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA: QUALITATIVA E PARTICIPANTE

Naturalmente, a escolha por uma metodologia de pesquisa, bem como pelo referencial teórico que a orienta, inscreve-se em uma forma de pensar a educação e a postura de seus agentes. Essas relações tornam-se exigências no campo das ciências humanas, principalmente na área da educação, pois muito do que se pesquisa intimamente se relaciona com as matizes das histórias experienciadas e construídas pelos protagonistas do trabalho educativo.

De tal sorte, esse estudo se justifica por considerarmos que uma opção metodológica envolve uma postura ética de compreensão e interferência na realidade, por isso que quanto à postura do pesquisador:

[...] ele deve, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Essa compreensão será alcançada com uma conduta participante que partilhe da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por elas atribuída ao mundo que os circunda e aos que realizam. O pesquisador deve manter uma conduta participante: a partilha substantiva na vida e nos problemas das pessoas (CHIZZOTTI, 1995, p. 81).

Este estudo segue, portanto, a metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação, pretendendo a pesquisa seguir as características básicas que configuram esse tipo de estudo, sugerido por Bogdan e Biklen (1982 *apud* LUDKE; MENGA, 1986, p. 112-13):

1. *A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento:*
2. *os dados coletados são predominantemente descritivos* (descrição de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes...).
3. *A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.* O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
4. *O “significado” que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.* Nesse estudo há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
5. *A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.* Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem

hipóteses definidas do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.

A abordagem metodológica da pesquisa será, portanto, de natureza qualitativa, entendendo esta como a apreensão e interpretação dos significados dos dados coletados e/ou produzidos durante a investigação. A metodologia é dialógica e qualitativa de cunho interpretativista e o procedimento é exotópico.

Flick (2004) também caracteriza essa abordagem como relevante para o estudo das relações sociais devido a pluralidade das esferas da vida. A esse respeito Denzin e Lincoln (2006, p. 17) destacam que a pesquisa qualitativa compreende

[...] o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.

Entre as várias formas que pode assumir a pesquisa qualitativa (etnográfica, naturalística, participante, estudo de caso e estudo de campo), optamos pela pesquisa participante por esta se caracterizar pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas tendo como premissa pautar pela parceria com todos que fazem parte do processo, comprometendo-se em descobrir questões de relevância, lavando-as para o grupo, reformulando, desconstruindo, construindo, revelando e sugerindo de forma gradativa. No entendimento de Brandão (1982, p. 11), a pesquisa participante visa a:

Conhecer sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tornar-se posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a escrever a História através de sua história. Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa participante, onde afinal pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com citações e tarefas diferentes, pretende ser o instrumento a mais de reconquista popular.

A metodologia da escuta sensível de Barbier (1998) apresenta enquanto proposta promover a tomada de consciência a partir das situações de opressão, bem como defende um posicionamento consciente do pesquisador em relação ao sujeito da pesquisa, com intuito de observá-lo e ouvi-lo. Esse autor afirma: “A escuta sensível é o modo de tomar consciência e

de interferir próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica da abordagem transversal” (BARBIER, 1998, p. 177).

Barbier (1998) destacou acerca da importância em reconhecer os desejos, as estratégias e intenção do sujeito para a construção do coletivo. Para ele, o sujeito pode ser entendido enquanto individual ou coletivo. O termo coletivo é entendido por ele como estar junto com o outro.

Por fim, para cercar o objeto de estudo, entendemos que a metodologia de pesquisa não deve fechá-lo, mas envolvê-lo para possibilitar seu desfecho, contribuindo, quiçá, para a ampliação do seu campo de aplicação. Assim, a metodologia da pesquisa deve apreender os condicionantes epistemológicos para estabelecer uma íntima relação com a pesquisa.

#### 4.2 *LOCUS* DA PESQUISA: CREAS VISÃO TRANSFORMADORA

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) “Visão Transformadora” (nome fictício) está situado em uma cidade no interior da Bahia, com oferta do Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade. Essas medidas socioeducativas estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e são aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes e jovens de até 21 (vinte e um) anos de idade incompletos, que tenham cometido atos infracionais antes da maioridade.

Vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMDES), compõe uma das unidades socioassistenciais da Coordenação de Proteção Social Especial, que se respalda em todas as normativas legais e diretrizes do ECA – Lei nº 8.069/1990 e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) – Lei nº 12.594/2012, além de todos os preceitos previstos pela Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2010).

O Regimento Interno desse CREAS, prevê enquanto função, princípios e composição do serviço:

Art. 1.º [...] executar Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, bem como na Lei 12.594/12, segundo os parâmetros pedagógicos e jurídicos do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE.

Art. 2.º [...] I – prevalência de estratégias que sejam mais apropriadas e que mais beneficiem os educandos;

II – proteção integral aos educandos e às famílias; e

III – respeito às particularidades de histórias de vida dos educandos na execução das Medidas em meio aberto.

Art. 3.º [...] será composto pela seguinte Equipe Técnica:

I – Um Coordenador;

II – Um Advogado;

III – Dois Assistentes Sociais;

IV – Dois Psicólogos;

V – Dois Pedagogos;

VI – Em Educador; e

VII – Orientadores Sociais Voluntários.

Art. 4.º [...] terá como composição administrativa os seguintes membros:

I – Recepcionista; e

II – Profissional de Serviços Gerais.

A unidade socioassistencial “CREAS Visão Transformadora” (nome fictício) é composta por uma equipe multiprofissional formada por assistentes sociais, psicólogos, pedagoga e advogado, além de educador social, recepcionista e gerente, com capacidade de atendimento de até 120 (cento e vinte) adolescentes.

#### 4.3 SITUANDO OBJETO E SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos que compõem desse estudo são socioeducandos que cumprem medida socioeducativa de liberdade assistida. Os participantes da pesquisa serão quatro socioeducandos, referidos com nomes fictícios de Ana, Mary, Renato e Carlos que cumprem medida socioeducativa em meio aberto de Liberdade Assistida no “CREAS Visão Transformadora” (nome fictício), no município do interior da Bahia.

No quadro abaixo, apresentaremos algumas informações referentes aos sujeitos Ana, Mary, Renato e Carlos.

**Quadro 1 – Perfil dos socioeducandos**

<b>Socioeducandos</b>	<b>Informações gerais</b>
Ana (nome fictício)	16 anos, sexo feminino mora com o companheiro e o filho de três meses. Está estudando o 9º ano no turno noturno. A socioeducanda mesmo tendo um filho pequeno, nascido no mês de setembro, não interrompeu os estudos, manifesta desejo em concluir o ensino fundamental e seguir a profissão de juíza. Antes da gestação, Ana morava com a mãe e duas irmãs mais novas. Em decorrência do período gestacional, passou a morar com o pai de seu bebê na casa dos fundos de sua genitora.
Mary (nome fictício)	17 anos, sexo feminino, mora com a mãe e o companheiro de 21 anos. Está estudando a EJA (Educação de Jovens e Adultos), do Ensino Médio no turno Noturno, escola pública. A socioeducanda apresenta um projeto de vida bem delineado, pretende finalizar o ensino Médio, fazer um curso técnico, cursar Administração e se tornar uma PRF (Policia Rodoviária Federal).
Renato (nome fictício)	16 anos, sexo masculino, mora com os pais. Está estudando o 2º ano do Ensino

Socioeducandos	Informações gerais
	Médio em escola particular. O socioeducando apresenta projeto de vida bem delineado, pretende após concluir o ensino médio, ingressar em universidade pública para cursar gastronomia ou nutrição. O Adolescente é fluente em inglês, cursa este idioma há quatro anos e pretende aprender outra língua após a conclusão do curso, também faz curso de piano no conservatório de música municipal há três anos.
Carlos (nome fictício)	14 anos, sexo masculino, mora com os pais, é filho único. Está estudando o 7º ano do Ensino Fundamental no turno Vespertino, escola pública. Apresenta dificuldade para ler e escrever. Elabora enquanto projeto de vida, torna-se caminhoneiro.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

#### 4.4 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

##### 4.4.1 Entrevista norteada por roteiro semiestruturado

Quanto aos materiais empíricos faremos uso de entrevistas semiestruturadas como processo reflexivo, conforme Szymanski (2004, p. 13) que nos indica tratar-se

[...] da consideração de estratégias de ocultamento que entram em ação quando o entrevistado esconde informações que supostamente acham que podem ser ameaçadoras ou desqualificadoras para si ou para seu grupo, ou ao contrário, inclui informações que, do seu ponto de vista, podem trazer uma visão mais favorável dos mesmos.

O roteiro da entrevista, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE), foram entregues em mãos aos participantes e a seus respectivos pais, no caso daqueles que ainda são adolescentes e assinados em seguida, posteriormente entregues as pesquisadoras.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, algumas entrevistas foram realizadas por meio do aplicativo *Google*, um aplicativo de serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*, como medida preventiva para se evitar risco de contaminação, seguindo as orientações da Portaria nº 1.565 (BRASIL, 2020), que trata do controle e à mitigação da transmissão da COVID-19. Com a retomada dos atendimentos presenciais, bem como os grupos psicopedagógicos, outras entrevistas foram realizadas de modo presencial, bem como todas produções textuais escritas por nossos participantes.

Todos os participantes foram informados que a colaboração é de extrema relevância para a pesquisa e que a sua identidade e as informações obtidas foram mantidas em sigilo com garantia do seu anonimato.

#### **4.4.2 Textos narrativos: histórias de vida**

Conforme exposto na seção 3.1, os textos narrativos constituem dados de fundamental importância na pesquisa científica, pois revelam subjetividades que nos ajudarão a compreender aspectos relevantes da vida dos sujeitos. Por meio da plataforma *Google Meet* e gravador de voz, gravamos as interações dialogadas das narrativas e situações sociais dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida e também em alguns momentos das entrevistas semiestruturadas para posterior análise, com todos os cuidados legais e éticos já explicitados nesse texto.

Dessa forma, faremos uso da escuta sensível dos relatos e os categorizaremos.

#### **4.4.3 Fotografias das tatuagens**

Vimos o quanto as tatuagens revelam aspectos pessoais, sociais, culturais e ideológicos, por isso após a escolha desse instrumento para produção de dados, solicitamos que os sujeitos fotografassem, nos respectivos celulares, e nos enviassem suas tatuagens via *WhatsApp*. Após o recebimento destas, estabelecemos uma categorização seguindo alguns preceitos referentes a textos verbo-visuais. Com a retomada dos atendimentos presenciais, as fotografias das tatuagens de Mary foram feitas pela pesquisadora.

Como vimos, por se tratar de texto multimodal, as tatuagens revelam na interação dialógica, faces semióticas por meio dos signos ideológicos. Assim, teremos oportunidade de verificar nesses instrumentos os diversos sentidos imbricados desde a escolha da tatuagem pelos sujeitos até a permanência em suas vidas no contexto atual.

#### **4.4.4 Produções textuais**

Com a retomada dos atendimentos presenciais, bem como os grupos psicopedagógicos, solicitamos que nossos participantes produzissem um texto baseado na temática “Abuso e Exploração Sexual” apresentada e discutida no grupo. Conforme já foi exposto no capítulo 2, os grupos psicopedagógicos acontecem mensalmente cujo objetivo é discutir temas transversais que tem uma relevância social, bem como as temáticas sugeridas pelos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida. As atividades desenvolvidas no grupo visam a interação, socialização, orientação dos socioeducandos com vistas a promover um espaço formativo pautado no processo de

ensino-aprendizagem que contribuía para a ressocialização e a superação da vivência infracional.

#### 4.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO

Durante o processo de contemplação e análise dos dados, fomos nos aproximando das respostas à questão de pesquisa à medida em que estes eram produzidos com base nos instrumentos que embasaram nosso estudo, considerando as manifestações discursivas sem perder de vista as relações dialógicas permeadas pelo movimento exotópico atravessado por diversas vozes.

Adentrar no campo da pesquisa exigiu de nós “[...] um esforço deliberado para colocar-se no lugar do outro, e tentar ver e sentir, segundo a ótica, as categorias de pensamento e a lógica do outro” (ANDRÉ, 2005, p. 26-27). Para compreender aquilo que, muitas vezes, estava nebuloso, foi necessário ler e interpretar com atenção os dados. Nesse sentido, de acordo com Graue e Walsh (2003, p. 94):

Os dados não andam por aí à espera de serem recolhidos por investigadores objetivos. Pelo contrário, eles provêm das interações do investigador num contexto local, através das relações com os participantes e de interpretações do que é importante para as questões de interesse. Aquilo que é considerado como dados para um investigador pode ser apenas barulho para outro.

Através dos instrumentos já indicados, as técnicas perpassaram por diversas etapas – escuta das narrativas apresentadas através da entrevista semiestruturada, interpretação e análise das tatuagens e produções textuais. Desse modo, os dados gerados foram transcritos, quando gravados, fotografados e estudados. Em seguida, após lê-los cuidadosamente, definimos três categorias “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim” as quais surgiram no processo e, que, por sua vez, dialogam tanto teórica quanto metodologicamente com os objetivos elencados neste estudo.

**Figura 4** – Categorias de análise

Fonte: Elaborada pela autora.

O estudo dos parâmetros qualitativos será feito por meio da análise discursiva presente nos dados através das categorias acima elencadas. Esses nos permitiram observar atentamente os significados das enunciações que se apresentaram.

Nesse trabalho, os dados foram coletados por meio de ferramentas e equipamentos que se fizeram necessários para o estudo do fenômeno. O pesquisador foi o instrumento confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados.

Para categorizar os dados, selecionamos dados da entrevista semiestruturada, das tatuagens das participantes Ana e Mary e das produções textuais de todos os participantes, destacando a subjetividade do sujeito discursivo na relação dialógica a partir das seguintes categorias: “o eu-para-mim”, “o eu-para-os-outros”, “o outro-para-mim”, analisando a partir destas o movimento polifônico que permeiam as diversas vozes.

Para analisar os dados, utilizamos a técnica de triangulação que, segundo Yin (2009), é um procedimento que combina métodos diferentes de coleta de dados, que possibilitarão ao pesquisador convergência dos pontos de investigação o que culminará na descoberta das dimensões desviantes.

Diante das evidências consideradas importantes, construímos a triangulação dos dados, pautada numa observação minuciosa, entendendo o fenômeno em estudo sob o prisma do estilo corroborativo de pesquisa, com objetivo de reiterar a validade do constructo definido como por Yin (2009) como triangulação das diferentes fontes de evidência.

Assim, na Figura 5 a seguir, apresentamos uma proposta para triangulação dos dados:

**Figura 5** – Triangulação de dados da pesquisa



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Yin (2009).

Compreendemos, então, que os dados produzidos a partir das entrevistas semiestruturadas e as narrativas que surgiram a partir destas, das tatuagens e das produções textuais nos permitiram perceber o movimento exotópico intrínseco nas manifestações discursivas bem como o movimento polifônico revelado.

No capítulo a seguir, faremos a análise e discussão dos dados a partir do arcabouço teórico discutido até então com fulcro nas categorias bakhtinianas “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”.

## 5 O OLHAR DE SI E DO OUTRO NAS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES

### 5.1 CATEGORIA “EU-PARA-MIM”

O estudo de cada uma das categorias bakhtinianas “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim” serão feitas por meio de turnos de fala retiradas das entrevistas com os quatro participantes do estudo, Ana, Mary, Renato e Carlos. Informamos que nas transcrições, procuramos manter o máximo de fidelidade em relação às suas falas e por isso não fizemos correções gramaticais nas transcrições.

No tocante ao “eu-para-mim”, percebemos em muitos turnos de fala da entrevista que Ana se caracteriza como mãe, mulher e responsável, que consegue perceber claramente a mudança em sua vida e que a associa ao fato de ter se tornado mãe, esposa, dona de casa, pessoa que tem uma vida.

Esse fato fez com que Ana se reavaliasse em relação às atitudes do passado, o que a fez afirmar “eu gosto de quem eu sou hoje, sabe?” (turno 20).

T20- Ana: Assim..., eu gosto de quem eu sou hoje, sabe?... é melhor do que a Ana do passado, pra mim... eu melhorei...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 20.

Em seguida, Ana apresenta uma reflexão entre sua vida no passado e no tempo de agora.

T22- Ana: Assim..., a Ana do passado não tinha responsabilidades, não pensava antes de fazer, ia muito, por emoção, por cabeça dos outros, se deixava levar muito, sabe? ... não tava nem aí pra nada, não ligava pro que iam falar ou... fazia tudo o que queria... e agora não..., agora eu... tudo o que eu vou fazer antes, eu penso pelo menos duas vezes antes de fazer, a responsabilidade aumentou bastante agora, só que de uma forma melhorada.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 22.

Percebemos, por meio do fragmento destacado acima que Ana percebe e reconhece sua mudança. A partir do movimento exotópico o qual permite que Ana faça um deslocamento de si, a partir do excedente de visão acerca de si mesma, ela passa a ver que antes era influenciada pelos outros e não se importava com as consequências de seus atos, algo muito diferente do seu momento atual, em que busca pensar “pelo menos duas vezes antes de fazer”, pois agora tem mais responsabilidades consigo e com seu filho.

No fragmento abaixo (turno 34), percebemos mais uma o movimento exotópico feito por Ana.

T34- Ana: Eu achava e eles também... na verdade, antigamente eu não achava, eu vim perceber que realmente eu não estava me comportando de uma maneira correta depois que eu mudei mesmo, que eu fui olhar para o passado assim... e vi que eu não estava vivendo de uma maneira correta, tava vivendo de uma maneira errada e arriscada.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 34.

Nesse turno 34, podemos perceber que Ana, a partir da visão que tem do hoje, ao observar as atitudes da Ana do passado, percebe-se de maneira diferente após sua mudança de comportamento. Reconhece que no passado vivia de maneira “errada e arriscada”.

Portanto, vimos que o “eu-para-mim” enquanto categoria bakhtiniana se apresenta para Ana como um rompimento das ações consideradas por ela como “ruins” para o surgimento de uma nova Ana (mudada, responsável, atenta) que escuta e respeita as pessoas, turno 32:

T32- Ana: Assim..., como a Ana de agora e não de antes sabe?, mudada, responsável, mais atenta, escuta mais as pessoas, respeita mais também né? Que antes eu não respeitava ninguém... agora eu respeito mais as pessoas... eu acho que... é... assim, eles me veem como a Ana boa agora... rrsrs.. porque antes eu me achava uma Ana ruim.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 32.

Em relação à Mary, o eu-para-mim, se manifesta em vários turnos de fala, conforme fragmentos a seguir:

T16- Mary: Assim, eu me vejo uma pessoa que... tô me esforçando pra mim mudar cada dia, independente dos meus erros do passado, tô procurando evoluir... eu estou estudando... passo muitos conflitos dentro de casa com minha mãe e nossa convivência nunca deu certo, mas eu tento evitar o máximo, sabe?! Porque... eu quero evoluir, eu quero ser alguém melhor, quero ser alguém melhor pra mim, quero ser alguém melhor pra minha família e... é isso.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 16.

No trecho acima, percebemos que Mary manifesta o desejo de evoluir, tornar-se alguém melhor para si e para sua família, objetiva, portanto, uma mudança. Em sua narrativa, Mary fala (turno 30) da relação conflituosa que tem com a mãe.

T30- Mary: É... eu já vendi droga por conta de conflitos com minha mãe, eu achava que o crime era um conforto pra mim e... eu sofria muito, sabe?!... com a convivência com ela, ela me teve muito nova e... parece que a maturidade dela ficou lá, lá trás nos vinte anos... ela me culpa muito pela vida dela ser o que é hoje, ela não estudou, é... ela fala que é culpa minha, mas não é porque minha avó sempre me criou e... como ela teve filho... como ela me teve muito nova, ela acha que eu sou a culpada de tudo de ruim da vida dela, mas minha vó não pensa isso, ela fala que me ama e que... eu não fui um erro na vida dela, na vida de ninguém e se Deus me permitiu que eu nascesse é porque Deus tem um plano na minha vida e... é isso... às vezes isso desanima né?!, essas palavras dela, mas eu procuro me afastar mais dessas negatividades.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 30.

Nesse fragmento, Mary narra os conflitos com sua mãe e sua relação com o tráfico de drogas. Para ela, tais conflitos contribuíram para seu ingresso na vivência infracional, pois, em suas palavras, “o crime era um conforto”, a despeito de todo sofrimento que sentia.

Bem mais adiante (turno 50), Mary reafirma tratar-se outrora de uma adolescente desestruturada e rebelde.

T50- Mary: ai... complicado viu... eu me via como uma adolescente desestruturada, não tinha apoio de ninguém, era rebelde, e hoje eu me vejo como uma pessoa que passou por tudo aquilo, mas que não deixou aquilo afetar futuramente, né?... afetar em algumas coisas, afetou, mas tô buscando me reconstruir, tô buscando ser alguém melhor e acho que é isso importa né?! Do hoje, isso que importa a gente ser melhor que ontem, não melhor do que ninguém, mas melhor do que a gente mesmo a cada dia e... é isso... a gente buscar evoluir, buscar ser alguém melhor, isso é essencial pra nossa vida.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 50.

Pelo relato acima, percebemos muita mágoa em Mary. O fato de a mãe culpá-la “pela vida dela ser o que é hoje” e por não ter estudado torna-se um grande peso e alimenta sentimentos negativos, suportando apenas pelo amor da avó que diz que a ama e que ela “não foi um erro na vida de ninguém” e que Deus tem um plano em sua vida.

Depreendemos do fragmento acima que, a despeito da adolescente que foi, Mary está em busca constante de evolução. Reconhece que as coisas, os olhares preconceituosos afetaram-na, mas que tem se esforçado para ser alguém melhor a cada dia.

Para Renato, o “eu-para-mim” pode ser percebido nos fragmentos abaixo destacados:

T9- Renato - Eu acho que sou uma pessoa extrovertida, em certos momentos, sou uma pessoa divertida. Acho que tenho muito amigos e amigos bons. Sou uma pessoa em determinado momento estudiosa, mas acho que também procrastino demais. Ehhh, eu me acho uma pessoa inteligente, e uma pessoa cuidadosa no geral.

T68- Renato- Acho que vai dar para cumprir minhas metas, no futuro próximo, quando completar a maioria, entender saber qual o caminho profissional que quero ir e dedicar para isso máximo possível e planejar planos futuros para tentar conquistar, acho que isso é importante para a meta.

T70- Renato- Eu quero terminar a escola, depois uma faculdade, ainda não sei exatamente qual, eu queria de uma faculdade pública de preferência.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turnos de fala: 9, 68 e 70.

Para ele, sua auto percepção é de uma pessoa extrovertida, divertida e estudiosa, inteligente e cuidadosa, que tem muitos amigos “bons”, que tem como futuro próximo a maioria e que objetiva definir uma trajetória profissional e se dedica para isso. Apresenta como meta terminar a escola, fazer uma faculdade pública.

Renato (no turno 74) diz que fez alguns cursos fora da escola, como inglês e piano e que está em busca de outra língua para aprender, de preferência uma língua diferente das línguas germânicas, pois já é quase fluente em inglês. Revela não se interessar pelas línguas asiáticas. Esse relato evidencia um pouco das condições financeiras de Renato, possivelmente advindo de família que possuía certas condições financeiras para financiar os cursos de piano e inglês.

T74- Renato- Atualmente eu faço alguns cursos fora da escola, inglês, piano e estou procurando outra língua para aprender, uma língua de preferência mais diferente digamos, eu pensei holandesa e russo, só que russo eu não gosto muito do país não e a holandesa eu achei uma língua germânica igual o inglês, eu queria uma língua diferente, só que não me interessa por línguas asiáticas, tipo Japonês, Coreano, eu estava procurando uma outra.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turno de fala: 74.

No turno de fala 84, Renato conta que já faz piano há uns três anos, sendo umas das coisas que mais gosta de fazer ultimamente, e que também se interessa por gastronomia ou astronomia, pretende fazer algum curso relacionado a esta área futuramente.

T84- Renato- Eu faço piano tem uns 3 anos, faço por influência da minha mãe, ela não toca nada, muito engraçado a história, eu jogava um joguinho chamado piano time aqueles da teclinha e até hoje estou no piano por causa do jogo, aí ela me colocou no curso e estou desde então e é uma das coisas que mais gosto de fazer ultimamente e eu me interessa também por astronomia e acho que vou fazer, gosto muito dessa área e queria fazer algum curso relacionado.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turno de fala: 84.

Ao ser questionado sobre como se vê, Carlos disse que não sabe dizer, porém, durante a entrevista semiestruturada, em outros momentos, ao falar de sua contribuição nas atividades

domésticas, o adolescente revela seus gostos, comportamentos a autorreflexão. Disse que não gosta muito de ajudar nas tarefas, mas as faz, porém não tudo, ajuda a lavar a louça, limpar o quarto, etc. No turno que revela refletir sobre si mesmo, ele chega à conclusão que dá pra melhorar, esforçar-se mais, porém acaba se distraindo no celular e adiando as tarefas que precisa fazer.

T12. Carlos- Não. Essa aí não sei não. Como eu me vejo?

T14- Carlos- Rrsrs, não sei.

T42- Carlos- [...] tipo assim, eu dentro de casa não era muito de ficar ajudando, não gostava, até hoje eu posso falar que não gosto, mas ajudo ela um pouco, assim, o que eu vejo que dar, que dar pra mim fazer, assim, eu faço, eu faço algumas coisas, não faço tudo.

T48- Carlos- Ai eu penso assim dá pra mim melhorar assim, tipo, esforçar mais, que, assim, eu não, isso, pra mim, colocar que como é preguiça a gente não fazer as coisas, a gente dizer a tô cansado, a gente não fez nada, mas não quer fazer, muitas vezes a gente tá no celular, presta muita atenção no celular e ai mesmo não tendo nada para fazer no celular a gente quer ficar no celular, não ajuda tanto dentro de casa, não faz [...].

Fonte: Entrevista semiestruturada com Carlos (nome fictício). Turnos de fala: 12, 14, 42 e 48.

No tocante às reflexões que faz acerca da prática do ato infracional que ensejou na medida, o que mais uma vez reflete e refrata uma autopercepção, ou seja, o eu-para-mim, Carlos fala que ainda pensa no que fez, se arrepende, reconhece que não poderia ter feito, mas que não tem como voltar ao passado para reverter a situação (turno 62).

T62- Carlos- Não vou dizer assim, que a gente não pensa coisa errada ainda, claro que a gente tem tudo na cabeça, quando eu penso como aconteceu essa parada comigo, meia hora ainda acordado que eu não consigo dormir, aí eu fico pensando na vida... assim que eu podia não ter feito, mas, a gente não tem como voltar atrás para consertar as coisas.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Carlos (nome fictício). Turno de fala: 62.

## 5.2 CATEGORIA “EU-PARA-OS-OUTROS”

Em relação ao que as pessoas falam sobre Ana, ela tem consciência de que “tem muitas que falam bem, outras que falam mal, que ainda a julgam pelo passado, mas isso sempre vai ter” (turno 24).

T24- Ana- Assim..., tem umas que acham que eu não mudei, tem outras que veem a minha mudança e falam realmente que eu mudei, só que é assim né..., tem muitas pessoas que falam bem, outras que já falam mal, que ainda julgam pelo passado, mas isso sempre vai ter.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 24.

Questionamos “quem são essas pessoas?” e nossa interlocutora afirma com convicção “tem os dois lados da família” (turno 26).

T26- Ana: Tem os dois lados da família... a família que fala bem e fala mal, sempre isso assim...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 26.

Porém, ela também reafirma seu crescimento e fortalecimento diante das dificuldades pelas quais passou (turno 28):

T28- Ana: Afetava muito antes, só que como agora eu sei que realmente eu mudei, o mal não me afeta sabe?... e o bem só me ajuda a melhorar.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 28.

Em sua narrativa, Mary fala no turno 30 já apresentado, da relação conflituosa que tem com a mãe e que tais conflitos contribuíram para seu ingresso na vivência infracional, pois, segundo ela “o crime era um conforto”. Ademais, é importante destacar que o relato dos conflitos com sua genitora é recorrente em diversos turnos de fala de nossa interlocutora, conforme veremos nos turnos 16, 44 e 125.

T16- Mary: [...] passo muitos conflitos dentro de casa com minha mãe e nossa convivência nunca deu certo, mas eu tento evitar o máximo, sabe? [...]

T44- Mary: já, já... é... por conflitos com minha mãe eu não estudava, eu não gostava de ir à escola, era uma criança muito... muito rebelde... e... não sentia o amor dela, nunca sentir... ela nunca me deu amor que eu precisava e eu fui uma criança muito rebelde, sabe?! Não queria saber de nada, só que ficar brincando na rua, era aquelas crianças que a mãe falava “banda voou” [...]

T125- Mary: tomei, tomei... só que minha mãe me disse que ela é muito ignorante, ela cortou os medicamentos, e falou assim: “a universal vai te curar” e... sobre essa fala dela aceitei né? adolescente, aí acabei que... os remédios... os tipo assim... a depressão para mim é acolhimento, eu me sentia bem sozinha por conta dos conflitos que eu tinha com ela e... hoje eu não me considero que eu tenha mais, sabe? Eu estou tentando evoluir, mas... eu acho... sei lá... é uma coisa que me acolhia, me sentia depois que... meio que parei de fazer essas coisas, eu fui para tráfico e desandou minha vida, eu achava que era bom pra mim, mas não era bom pra mim, me prejudicava... na época, eu achava que era um conforto para mim, eu gostava de estar lá, era um conforto para mim, mas... que hoje eu vendo assim é... não foi bom para mim, mas me ensinou muitas coisas, a evoluir...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 16, 44 e 125.

Mary destaca a difícil convivência que tem com sua mãe. Aponta que nunca se sentiu amada por sua genitora, que a mesma a culpa por ter parado de estudar, pela mudança que teve em sua vida após seu nascimento. Em decorrência disto, Mary diz que era rebelde, não gostava de estudar e se sentia sozinha. Diz que a solidão a levou a depressão e a diversas tentativas de suicídio.

No que tange à sua relação com a escola, Mary faz os seguintes apontamentos nos turnos de fala 44 e 46.

T44- Mary: já, já... é... por conflitos com minha mãe eu não estudava, eu não gostava de ir à escola, era uma criança muito... muito rebelde... e... não sentia o amor dela, nunca sentir... ela nunca me deu amor que eu precisava e eu fui uma criança muito rebelde, sabe? Não queria saber de nada, só que ficar brincando na rua, era aquelas crianças que a mãe falava “banda voou”, não queria estudar, não tinha incentivo para estudar... daí eu fui crescendo e fui percebendo que os estudos faz parte da nossa vida e é essencial pra o nosso crescimento e... eu tô estudando né... como te falei, eu terminar meus estudos, fazer faculdade, vou fazer curso técnico e... tô assim, sempre procurando evoluir.

T46- Mary: Assim, não é bem uma faculdade, sabe? É um curso técnico, mas eu quero fazer uma faculdade, eu quero fazer administração e... depois que eu fazer administração, eu vou estudar pra mim ser PRF (Polícia Rodoviária Federal) que é meu sonho e é isso, né...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 44 e 46.

Mary em suas falas, apresenta o “eu-para-os-outros”, diz que antes era uma criança “atentada” e “rebelde”, não tinha comprometimento, não gostava de ir para escola, pois não tinha incentivo para estudar e, também, não sentia o amor de sua mãe, fato que, de acordo com ela, contribuiu para seu desinteresse escolar. Entretanto, com o passar do tempo, essa adolescente diz que foi percebendo a importância e necessidade de estudar, reconhece que “os estudos faz parte da nossa vida e é essencial para nosso crescimento”. Revelou que pretende concluir o Ensino Médio e fazer um curso técnico, faculdade e se tornar uma agente da Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Ao falar sobre as reflexões que faz acerca do processo de cumprimento de medida socioeducativa, nossa interlocutora, mais uma vez em sua narrativa, reitera as marcas do “eu-para-os-outros”, fala do olhar discriminador da sociedade e relata o quanto o Serviço que executa sua medida a ajudou a elevar sua autoestima e a encorajá-la a persistir na realização de seu projeto de vida atual (turno 48).

T48- Mary: Tudo o que eu passei foi um aprendizado e... eu aprendi muito, aprendi a evoluir... aqui também me dá muito apoio, não me vê com os olhos da sociedade, me vê com outros olhos e... eu me sinto bem, sabe? Cada vez que vocês me ajudam eu... a auto estima fica elevada, sabe? Eu consigo, eu penso assim, eu posso, eu consigo, eu quero, eu vou conseguir... não vai ser fácil, porque nada no mundo é fácil, mas também, com muito esforço eu vou conseguir.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 48.

Em seguida, Mary reafirma que está em busca constante de evolução, que as coisas, os olhares preconceituosos afetaram-na, mas que tem se esforçado para ser alguém melhor a cada dia (turno 50).

T50- Mary: aí... complicado viu... eu me via como uma adolescente desestruturada, não tinha apoio de ninguém, era rebelde, e hoje eu me vejo como uma pessoa que passou por tudo aquilo, mas que não deixou aquilo afetar futuramente, né?... afetar em algumas coisas, afetou, mas tô buscando me reconstruir, tô buscando ser alguém melhor e acho que é isso importa né?! Do hoje, isso que importa a gente ser melhor que ontem, não melhor do que ninguém, mas melhor do que a gente mesmo a cada dia e... é isso... a gente buscar evoluir, buscar ser alguém melhor, isso é essencial pra nossa vida.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 50.

Mary (no turno 58) destaca que gosta de uma tatuagem, que é uma frase “É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”, pois remete a continuar em busca de seus sonhos, de sua evolução e de seus objetivos. Apesar de, segundo elas, muitas pessoas a criticarem “Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu vou parar minha caminhada, né?!”, o que revela o “eu-para-os-outros”, ela diz não vai parar sua caminhada por conta de tais críticas, irá prosseguir, pois “lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu?! Com olhar de respeito”. É importante destacar que tanto a tatuagem, quanto a fala de nossa interlocutora está recorrente a presença do olhar, do outro, que está imbricado de um contato intersubjetivo, referenciando uma relação dialógica.

T58- Mary: Porque, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu que parar minha caminhada, né?! Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu?! Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, uma aviozinho lá no passado, mas que eu evoluí, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rrsrs.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 58.

Renato, por sua vez, nos fragmentos abaixo, destaca o “eu-para-os-outros” da forma que pensa. Vê em si o mundo que escuta as vozes das outras pessoas, destacando que essas pessoas são seus amigos, pessoas que se sente mais à vontade para revelar quem de fato é, falar abertamente o que pensa, discutir temas de seu interesse.

T13- Renato- Eu acho que é da mesma forma que eu penso, porque o que eu vejo em mim é o mundo que eu escuto de outras pessoas.

T15- Renato- Meus amigos mesmos, é porque eu me sinto mais a vontade para ser quem realmente eu sou.

T17- Renato- Ah ... fazer mais piada, fazer mais graça, eh falar abertamente o que eu penso em relação algumas coisas, questões sociais, eh até gosto pessoais mesmo que é muito compatível.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turnos de fala: 13, 15 e 17.

Renato (no turno 19) diz que vê todos de maneira empática. Busca entender a situação de “todo mundo” e se adequa de modo que deixe a pessoa “mais confortável possível”, todavia com o estreitamento do vínculo, pode haver alguma discordância, sem, contudo, gerar conflitos com seus amigos. Em relação à sua família, diz ter uma relação não tão próxima, mais fria e sem relações de amizade.

T19- Renato-Eu vejo todo mundo de forma empática, tento entender a situação de todo mundo, e tendo me adequar o que a pessoa gosta, do estilo da pessoa, e fazer com que pessoa se sinta mais confortável. Sempre tento procurar esse meio termo assim tá, para não incomodar ninguém e tal. Com o andamento eu tendo mais liberdade, vai ter algumas discordância que pode gerar alguma coisa e acaba incomodando um deles, mas não gera muito conflito, não brigo com meus amigos muito. Com a família eu sou próximo, mas nem tanto, eu acho que tenho uma relação mais fria mesmo, com quase ninguém eu tenho uma relação de amizade.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turno de fala: 19.

Quando se refere aos seus pais, mostra o “eu-para-os-outros”, Renato destaca que busca manter a paz entre eles o máximo possível, ouvir e ponderar as opiniões, buscar agradar a todos e, caso não consiga, busca não desagradar a todo mundo. Acredita também que no tocante à escola, pensa que seus pais se orgulham dele, pois se considera uma pessoa dedicada aos estudos, mas em relação as suas opiniões, posicionamentos e religião acredita que não atende à expectativa de seus pais.

T52- Renato- Hoje em dia eu tento manter a paz o máximo possível, foi a decisão mais assertiva, e tentar ouvir todos lados, tentar fazer algo que agrade todo mundo ou pelo menos não desagrade todo mundo.

T54- Renato- Eu acho que depende do momento, às vezes eu vejo que eles me acham um orgulho e que tem alguns momentos que eles mostram o contrário.

T56- Renato- Eu acho que no sentido acadêmico eles tem muito orgulho de mim porque eu sou uma pessoa muito dedicada, pelo menos eu tento ser, é..., mas em sentido, por exemplo, opiniões e a concordância, em religião também tento seguir a fé que eles professam, acho que não atendo s expectativas deles.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turnos de fala: 52, 54 e 56.

Já Carlos, quando indagado sobre como acha que os outros o veem, assim como teve dificuldade em falar como se vê, nosso participante também demonstrou desconcerto em responder. Inicialmente, falou que não sabia e, posteriormente, disse que pode ter pessoas que falam mal e outras bem.

T21- Carlos- Ah, não sei.

T23- Carlos- Pode ter pessoas que fala mal e tem outros que falam bem, mas...

T25- Carlos- Ah, eu não sei, mas depende muito das pessoas... que a eu não sei de novo. Eu não sei explicar.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Carlos (nome fictício). Turnos de fala: 21,23 e 25.

### 5.3 CATEGORIA “OS-OUTROS-PARA-MIM”

Sobre as opiniões das outras pessoas sobre si, Ana (no turno 30) emite seu ponto de vista reafirmando a importância da mãe, das pessoas que convivem com ela.

T30- Ana: Assim... vai de cada pessoa né?... as pessoas que falam mal não veem que realmente eu mudei e as que estão..., que sabem que eu mudei, que convive comigo... por isso que falam bem, que veem a minha mudança de verdade assim... minha mãe, meu pai, as pessoas que convivem comigo realmente sabem que eu mudei.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Ana (nome fictício). Turnos de fala: 30.

No discurso de Mary, percebemos tal categoria nos turnos de fala destacados abaixo:

T14- Mary: A sociedade me vê como uma menina que... faz acompanhamento... em uma... ai meu Deus, eu fico até nervosa... uma menina que já... fez muita coisa errada, já... usou droga, já vendeu droga e, tipo... ela não me olha como eu já fiz aquilo e evolui, eles me olham como eu faço isso e tô... e sou... sei lá uma usuária e tal... sou uma traficante pra eles entendeu?! E... complicado...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 14.

Compreendemos a partir do fragmento acima, que a sociedade, na opinião de Mary, tece julgamentos por algumas ações do passado, uma sociedade que imprime um estigma, um julgamento, uma sentença: culpada.

Mary, ao falar sobre o olhar dos outros sobre ela, destaca que ainda tem muitas pessoas que não conseguem ver sua mudança, ainda a veem como era no passado, uma adolescente que cometia ato infracional.

T20- Mary: Assim... eu vejo como pessoas que... não sabem é... não sabem me ver como que sou hoje, entendeu? Só sabem me ver como que eu era, como eu fiz e tal.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 20.

Porém, tem também aquelas pessoas (namorado, avó, avô, tios e alguns amigos da escola), que a apoiam, que a motivam e reconhecem sua evolução, parabenizam-na por suas ideias e mudança.

T26- Mary: Sim, é... muitas pessoas que me apoiam, eles me apoiam, falam: – nossa, você tá mudada, você tá diferente, você tá linda, você tá com umas ideias incríveis, cê tá evoluindo, parabéns e... eu me sinto... me sinto bem, sabe? Com esses elogios e me incentiva a ser ainda mais melhor.

T28- Mary: é... Meu namorado me incentiva muito, minha vó, meu avô, meus tios, tenho alguns amigos também de escola que falam: – nossa, pelo seu passado é... você tá uma pessoa incrível, parabéns!

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 26 e 28.

Mary, ao se reportar à sua mãe, momento que traduz “os-outros-para-mim”, diz que nunca sentiu o amor da mesma e que, por conta dos conflitos com sua mãe, não estudava, nunca teve esse incentivo por parte de sua genitora e que esta a culpa por ter parado de sair, de fazer algumas coisas. Acrescenta falando que sua mãe tentou abortá-la, mas que sua avó não deixou.

Além dos momentos em que se refere a sua mãe, nossa interlocutora revela “os-outros-para-mim” ao falar de seu pai. Ela conta que tem buscado se aproximar de seu genitor.

Cresceu longe dele por sua mãe não permitir a aproximação. Nas palavras de Mary, seu pai é “amoroso, uma pessoa incrível”.

T79- Mary: tenho, ontem eu tive uma reconciliação com ele sabe? E a gente tá tentando se reaproximar, porque minha mãe cortou contato meu com ele, ela era uma mãe muito braba, ainda é, fazia muitas coisas com ele e, por conta disso, parou de ir me vê e tal... e a gente perdeu contato, não só perdeu o contato, mas perdemos o amor que... sabe? Que era pra ter e hoje tamos aí, né? Eu cresci e ele também muito maduro, muito amoroso, um pai incrível, acho que se eu tivesse sido criada com ele, eu ia ser alguém, uma pessoa melhor, mas não me arrependo por ter sido criada por minha vó, porque isso foi para me amadurecer, talvez se eu não tivesse passado por tudo isso que eu passei, eu não taria com minha mente como eu tô agora, com meus pensamentos... é meus planos para o futuro e tudo que eu passei foi necessário pra me amadurecer.

T83- Mary: Ah... não sei te explicar como ele me vê, mas... eu acho que ele me vê como a filha que foi afastada dele, sabe?, que não teve amor com os irmãos, igual ele me falou ontem... que minha mãe é... foi um pivô, sabe? da nossa na separação, da nossa relação entre pai e filha e que ela atrapalhou nisso, mas que... agora poderíamos não... não... sei lá... não ser, né? Igual deveria ser, mas tentar uma reaproximação, tentar ter aquele amor de pai e filha.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 79 e 83.

Ao falar sobre seu namorado, Mary fala da importância do mesmo em sua vida. Diz que “ele é uma pessoa incrível”, tem uma grande responsabilidade e que pretendem casar e ter filhos futuramente.

T93- Mary: sim, todo mundo fala. E por ele ser 4 anos mais velho, ele tem uma mentalidade mais avançada que a minha, uma responsabilidade enorme, ele é uma pessoa incrível, e não e porque a gente é “novos” que... a gente vai ser aqueles casais que não quer nada com a vida e tal... a gente pensa muito sobre querer alguma coisa com a vida ... é ... a gente pensa em ter filhos futuramente, quando a gente ter a nossa casa, nossa casa própria e... meus planos para o futuro é ficar com ele, terminar logo meus estudos, ele também vai terminar os estudos dele, arrumar um trabalho, fazer um curso técnico de administração que te falei, depois... eu vou estudar, é continuar estudando para mim virar PRF e trabalhar ao mesmo tempo, e ele me ajudando dentro de casa e tal. Depois disso, a gente vai, nós vamos é... depois que eu formar, depois que ele se formar também, depois nós dois tivermos organizados vamos casar antes ou depois, né?! E vamos ter filhos e é isso.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 93.

Mary, passou por um período de depressão, que, segundo ela, foi um período que chegou a tentar suicídio por diversas vezes. Devido a isso, chegou a tomar medicamentos, porém, por conta de sua mãe, parou de tomar. Para ela, tanto a depressão como o tráfico era um acolhimento, um conforto diante dos conflitos que vivia.

T125- Mary: tomei, tomei... só que minha eu te disse que ela é muito ignorante, ela cortou os medicamentos, e falou assim: “a universal vai te curar” e... sobre essa fala dela aceitei né?! adolescente, ai acabei que... os remédios... os tipo assim... a depressão para mim é acolhimento, eu me sentia bem sozinha por conta dos conflitos que eu tinha com ela e... hoje eu não me considero que eu tenha mais, sabe?! Eu estou tentando evoluir, mas... eu acho... sei lá... é uma coisa que me acolhia, me sentia depois que... meio que parei de fazer essas coisas, eu fui para trafico e desandou minha vida, eu achava que era bom pra mim, mas não era bom pra mim, me prejudicava... na época, eu achava que era um conforto para mim, eu gostava de estar lá, era um conforto para mim, mas... que hoje eu vendo assim é... não foi bom para mim, mas me ensinou muitas coisas, a evoluir...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 125.

Já para Renato, “os-outros-para-mim” se revelam através de sua autopercepção. Conforme trecho abaixo:

T13- Renato- Eu acho que é da mesma forma que eu penso, porque o que eu vejo em mim é o mundo que eu escuto de outras pessoas.

T15- Renato- Meus amigos mesmos, é porque eu me sinto mais à vontade para ser quem realmente eu sou.

T17- Renato- Ah... fazer mais piada, fazer mais graça, é... falar abertamente o que eu penso em relação algumas coisas, questões sociais, é... até gostos pessoais mesmo que é bem compatível.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turnos de fala: 13, 15 e 17.

Para Renato, as pessoas, principalmente seus amigos, falam que ele é uma pessoa divertida, inteligente. Em suas palavras “vejo em mim o mundo que eu escuto de outras pessoas”. Em seu grupo de amizades, Renato diz se sentir mais a vontade para falar sobre sua opinião, posicionamentos, para ser quem realmente é.

Nos fragmentos a seguir, Renato manifesta sua visão sobre seus pais.

T59- Renato- Eu vejo nossos pais, acho que não tem muito o que eu falar, eu vejo eles como autoridade, respeito, porque é necessário para a convivência e harmonia dentro de casa e eu acho que mais isso. Só que não vejo eles como confidente não.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turno de fala: 59.

Segundo ele, seus pais representam uma figura de autoridade, pessoas a quem tem que respeitar e conviver, porém não os vê como confidentes.

No tocante à medida socioeducativa que está cumprindo, Renato fala nos fragmentos abaixo a contribuição que esta tem para sua vida.

T66- Renato- Vejo de uma forma muito leve, embora acho que meus pais levaram de uma forma muito pesada, um castigo ou algo assim, de certa forma foi só que eu levei como uma forma de aprendizado e uma experiência que poderia tirar proveito para crescer futuramente, não futuramente, durante a medida em si.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Renato (nome fictício). Turno de fala: 66.

Segundo ele, cumpriu a medida de forma leve, tirou muito aprendizado, embora, em sua opinião, seus pais a viam como um castigo.

Podemos observar, por sua vez, “os-outros-para-mim” nos turnos de fala de Carlos nos fragmentos a seguir:

T23- Carlos- Pode ter pessoas que fala mal e tem outros que falam bem, mas...

T25- Carlos- Ah, eu não sei, mas depende muito das pessoas... que a eu não sei de novo. Eu não sei explicar.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Carlos (nome fictício). Turnos de fala: 23 e 25.

Carlos quando questionado sobre como acha que os outros o veem, ele responde que há pessoas que falam bem e outras pessoas que falam mal, porém não sabe explicar quais são os comentários positivos e os comentários negativos.

No que concerne a sua relação com a escola, Carlos revela novamente esta categoria em seus turnos de fala. Vejamos:

T40- Carlos-Assim, muitas vezes era por causa, por culpa minha mesmo, e também a culpa é de alguns professores que não chamava tanta atenção para se esforçar mais, para fazer tarefa, deixava conversar muito e não chamava atenção, ah, vai fazer a tarefa, que tipo assim, eu acho que algum professor tem que chamar atenção e fazer tipo uma ameaça falar assim que igual um professor que tive mesmo, ele falava “ faz a tarefa ou então fica lá no pátio”, “ficar no pátio sem fazer nada vai levar falta”, aí todo mundo fazia tarefa, sem... claro, claro que ele não ia pegar o aluno e colocar pelo lado de fora, mas ele, ele, tipo, teve aluno que respondeu ele colocava, claro, professor não é obrigado a escutar, e.., ter aluno agradecido, engraçado, mas, assim, eu acho que alguns professores podia ter ... chamar mais atenção do aluno para o aluno se esforçar mais.

T64- Carlos- Assim, eu não, não... normal, não, na escola eu só não vejo problemas, assim, hoje em dia mais. Antes, eu pedia muito minha mãe para me tirar da escola, hoje em dia se for para tirar eu peço pelo amor de Deus para pelo menos me deixar na escola. Antes, tipo... a gente ia para escola até a gente fazer amizades novas é difícil, quando eu entrei na escola mesmo, assim..., eu entrei na escola, na escola era assim, os menino era muito agressivo, batia muito, brigava, aí como eu era aluno novo e era novo mesmo em torno de quatorze, o mais velho do que eu vinha e batia em mim [...].

Fonte: Entrevista semiestruturada com Carlos (nome fictício). Turno de fala: 40, 64.

Ao falar sobre sua vida escolar, Carlos atribui o fato de ter sido reprovado três vezes à postura de alguns professores e ao seu comportamento. Ele mencionou que o fato de alguns

professores não chamarem atenção, não cobrarem mais compromisso ou “ameaçar” os alunos, são fatores que contribuem para falta de interesse dos alunos. Carlos acredita que professores que cobram mais fazem com que os alunos se esforcem mais a querer passar de ano.

Ademais, acrescenta dizendo que hoje não tem mais problemas na escola, ao contrário, em suas palavras “hoje em dia se for para tirar, eu peço pelo amor de Deus para pelo menos me deixar na escola”. Antes, ele tinha dificuldade para fazer amizades novas na escola, também sofria agressões por um colega mais velho que “era agressivo”.

#### 5.4 AS SIGNIFICAÇÕES EXPRESSAS NAS TATUAGENS

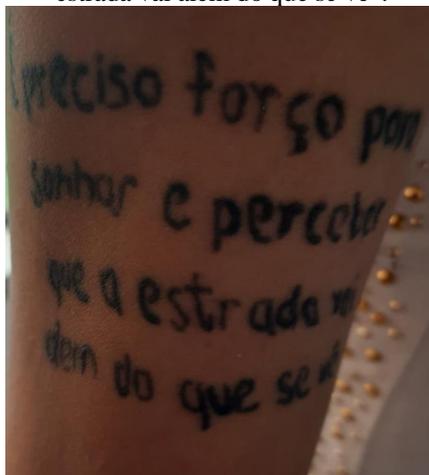
Apenas as duas participantes da pesquisa tinham tatuagens, Ana e Mary. Desse modo, apresentaremos a partir de então as imagens das tatuagens delas e, em seguida, continuaremos nossa análise por meio das categorias bakhtinianas: o eu-para-mim, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”.

É importante destacar que, como já apontou Bakhtin, as relações são dialógicas, discursivas e polifônicas, que refletem e refratam as relações socioculturais dos sujeitos. Desse modo, observamos que, assim como ocorreu com alguns turnos de fala das entrevistas, que evidenciaram mais de uma categoria, o mesmo acontecerá com as tatuagens e narrativas tecidas sobre as mesmas.

##### 5.4.1 Categoria “eu-para-mim”

Apenas nas tatuagens de Mary encontramos evidências dessa categoria.

**Figura 6** – Foto de tatuagem – frase tatuada no braço direito: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”.



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

Ao falar sobre a tatuagem acima, com a assertiva: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”, Mary informou que essa frase a inspira a acreditar que ela pode conseguir alcançar seus objetivos, ser uma pessoa melhor a cada dia e continuar o seu processo de evolução.

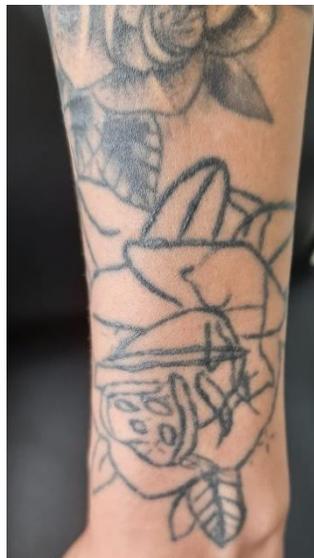
Vemos assim uma jovem determinada, em busca de melhoria do seu eu “aviozinho” do passado, em busca de evolução como ser humano, conforme vemos no turno de fala 58:

T58- Mary: Porque, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu que parar minha caminhada, né? Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu? Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, uma aviozinho lá no passado, mas que eu evolui, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rrsrs

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 58.

As próximas três tatuagens são desenhos de rosa. A primeira foi uma tentativa de cobrir um desenho de um gato que, na opinião de Mary, não ficou boa.

**Figura 7** – Foto de tatuagem no braço esquerdo – flor



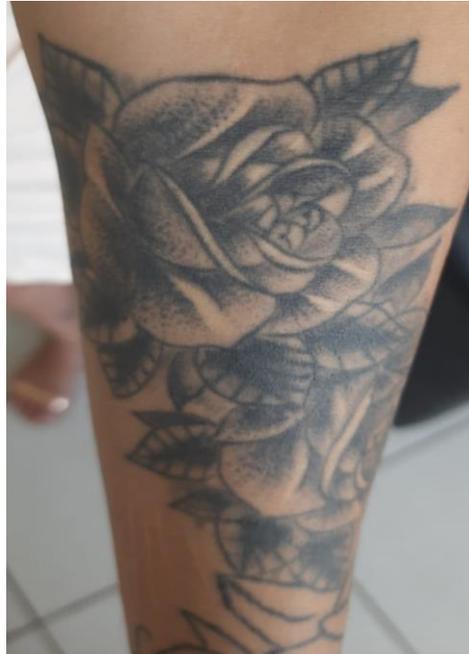
Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T60- Mary: Assim, essa daqui foi porque era um gatinho, aí acabei fazendo uma flor, mas essa flor está ridícula, horrível, eu não gosto dela, essa daqui também não gosto, esse aqui é o nome da minha mãe, eu me arrependi porque como eu já te falei a gente não tem amizade alguma, ela não me ama e eu me arrependi e... e essa aqui é porque fiz quando eu tava no crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 60.

Percebemos que Mary em seu “eu-para-mim” é uma garota que ainda oscila em seu querer: tatua um gato, não gosta, muda para uma rosa e também não gosta.

**Figura 8** – Foto de tatuagem no braço esquerdo de duas rosas



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

**Figura 9** – Foto de tatuagem na perna direita – Tatuagem de rosa



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T115- Mary: a rosa é porque eu me acho uma flor, sabe? Eu sou carinhosa e tal... eu sou uma menina doce... e eu gosto muito da rosa, não dá tatuagem, porque eu me arrependo de ter feitas muitas tatuagens que... eu sinto vergonha delas.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 115.

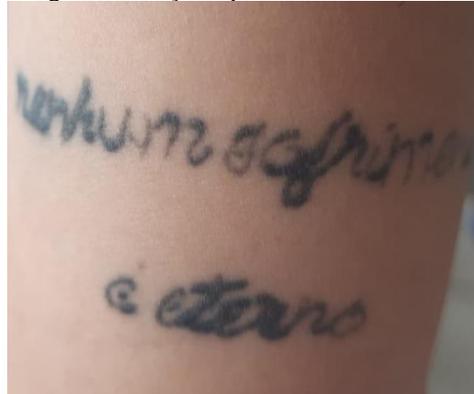
Aqui, neste turno de fala, Mary se apresenta como uma pessoa segura, decidida, carinhosa e amorosa “eu me acho uma flor”. Talvez poderíamos intuir que a representação da

rosa com toda a sua beleza, mas também com os espinhos que a cercam lhe assegura essa comparação.

Ela diz gostar muito da rosa, todavia não gosta da tatuagem. A imagem que escolheu para tatuar pode não ter ficado exatamente igual ao modelo que imaginou.

Em outro momento, ao dialogar sobre a tatuagem cuja frase é “Nenhum sofrimento é eterno”, Mary relata que a motivação para fazer essa tatuagem foi uma época de muito sofrimento. Ela tatuou para lembrar que apesar de estar sofrendo muito naquele momento a ponto de se automutilar e tentar suicídio por diversas vezes, acreditava que aquele sofrimento iria passar.

**Figura 10** – Foto de tatuagem no braço esquerdo – frase “Nenhum sofrimento é eterno”.



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T99- Mary: nenhum sofrimento é eterno.

T101- Mary: na época eu tava sofrendo muito, sabe? Aí falei eu vou tatuar que nenhum sofrimento é eterno.

T105- Mary: é... me cortava, é... tentava diversas o suicídio...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 99, 101 e 105.

Essa é uma verdadeira representação dos momentos difíceis vivenciados por ela. Também aqui, novamente, Mary se mostra forte e determinada a vencer os desafios. Imprime no corpo a certeza de que o sofrimento vai passar.

#### **5.4.2 Categoria “eu-para-os-outros”**

Nesta categoria, compreendemos que tanto as tatuagens de Ana como as tatuagens de Mary apresentam as marcas exotópica do “eu-para-os-outros”. Iniciaremos nossa análise a partir da tatuagem de Ana. Antes de adentrarmos na discussão da citada categoria, faz-se importante destacar que tanto a entrevista semiestruturada, quanto a narrativa acerca das

tatuagens de Ana aconteceram de modo virtual, a entrevista através da plataforma *Google Meet* e a narrativa das tatuagens através do *WhatsApp*.

A mão do Mickey, primeira tatuagem feita por Ana, quando tinha por volta dos 13 (treze) ou 14 (quatorze) anos, segundo ela. A motivação para fazê-la partiu da ideia de um grupo de amigos que decidiu tatuar a mão do Mickey. Conforme Ana, esta tatuagem “foi aleatória”, o objetivo foi representar um grupo de amigos. Segundo ela, no tempo atual, não tem representação, mantém-na como uma forma de recordação do que viveu.

Observamos o “eu-para-os-outros”, enquanto uma marca exotópica refere-se a busca Ana tentar pertencer a um grupo, que no caso em tela, é um grupo de amigos. Uma marca que os une, identifica, que reflete um sentimento de afinidade e irmandade entre eles.

Também percebemos que esse texto aqui representado pela tatuagem também pode ser analisado sob a ótica da categoria “os-outros-para-mim”, como veremos no tópico a seguir.

**Figura 11** – Foto de tatuagem mão do Mickey



Fonte: Fotos produzidas e enviadas por Ana no dia 03/04/2022.

A tatuagem de Mary abaixo apresentada (Figura 12), conforme visto anteriormente, pode ser entendida a partir de duas categorias de análise. Neste tópico, entendemos que ao se referir como a sociedade a vê e o quanto as tatuagens que tem as estigmatiza, nossa participante diz se arrepender de ter tatuado duas máscaras, porque a sociedade considera como uma associação ao crime, apesar de em seu ponto de vista retratarem o choro e a alegria.

Acreditamos que Mary, por meio dessa tatuagem, representa inúmeros adolescentes que tatuam por orientações de colegas, por modismo ou até mesmo por acharem a imagem bonita sem nenhuma preocupação com os possíveis significados e futuras implicações que terão, seja por arrependimento em ter feito o desenho ou pela associação ao crime.

**Figura 12** – Foto de tatuagem na perna direita – duas máscaras



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

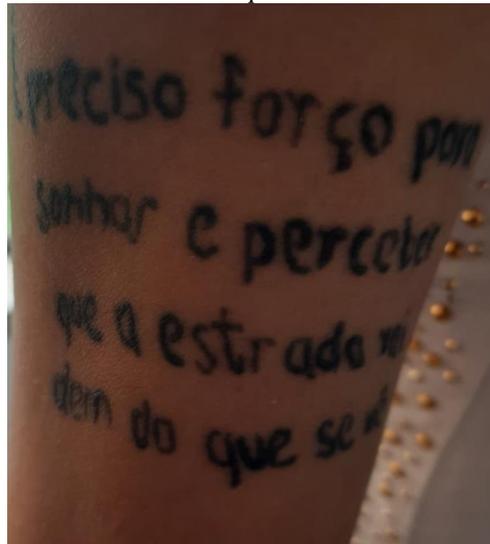
T62- Mary: Eu não sei muito o que representa essa tatuagem, mas ela representa... assim na minha cabeça eu achava que chorar agora e ri depois eu achava que eu ia chorar, por exemplo, tô chorando agora mas amanhã posso sorrir entendeu? Mas para a sociedade, a sociedade lá fora isso é um... representação ao crime.

T65- Mary: E... eu fiz porque eu achava na minha cabeça que tipo assim eu tô chorando agora, mas amanhã eu posso sorrir, eu achava esse significado bom, só que depois eu fui saber o verdadeiro significado eu me arrependi que é associação ao crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 62 e 65.

Ao discorrer sobre a tatuagem da frase “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”. Na figura 13 abaixo apresentada, já visto anteriormente dentro da análise da categoria bakhtiniana “eu-para-mim”, percebemos, a partir de um estudo mais detido, que a mesma pode ser entendida também a partir da categoria “os-outros-para-mim”. Em sua narrativa, ao falar sobre esse texto, Mary afirma que apesar das críticas que ainda sofre em decorrência de seu passado de traficante, de “aviãozinho”, não vai parar de buscar sua evolução, irá continuar sua caminhada em busca de se tornar alguém melhor a cada dia e espera que lá na frente tais pessoas a olhem com outro olhar, um olhar de respeito.

**Figura 13** – Foto de tatuagem no braço direito – frase: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”.



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T58- Mary: Porque, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu que parar minha caminhada, né?! Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu?! Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, um aviãozinho lá no passado, mas que eu evoluí, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rrsr

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 58.

No mundo do tráfico, do qual ela fazia parte também poderia representar os “aviozinhos”, mas ela não conseguia enxergar nada disso naquele momento.

### 5.4.3 Categoria “os-outros-para-mim”

Consoante o que já visto anteriormente, discorremos que há tatuagens que podem pertencer a mais de uma categoria. No caso da tatuagem da mão do Mickey, da participante Ana, compreendemos tratar-se da possibilidade acima apresentada. Ao discorrer sobre os motivos que a levaram fazer tal tatuagem, Ana fala que a ideia partiu de um grupo de amigos que buscava ter uma marca que os identificassem enquanto grupo. Logo, depreendemos que existe uma influência do grupo sobre ela, a marca coletiva que retrata aceitação e irmandade dos envolvidos.

**Figura 14** – Foto de tatuagem mão do Mickey



Fonte: Fotos produzidas e enviadas por Ana no dia 03/04/2022.

Ainda, discorrendo sobre as tatuagens de Ana, entendemos que outra pode ser categorizada dentro “os-outros-para-mim”. Ana, quando tinha 13 anos, tatuou nome do seu namorado da época (Figura 15). Para ela, essa tatuagem não tem nenhum tipo de significado atualmente, porém não tem a pretensão em cobri-la, uma vez que faz parte de sua história. Em suas palavras “nem desgosta nem gosta não, tá aqui, eu nem lembro que tenho e também não desejo cobrir não”.

Em nós, restou o questionamento: seriam verdadeiras essas suas palavras?

**Figura 15** – Foto de tatuagem nome do namorado (nome suprimido para evitar identificação)



Fonte: Fotos produzidas e enviadas por Ana no dia 03/04/2022.

Já no caso das tatuagens de Mary, identificamos “os-outros-para-mim” em duas tatuagens distintas. Ao se referir a tatuagem com o nome de sua mãe, que foi sombreado para evitar identificação de nossa participante, ela diz não gostar e que se arrepende de tê-la feito, pois não se sente amada por sua genitora. Ademais, para Mary, ambas não conseguem estabelecer uma relação ao menos de amizade.

**Figura 16** – Foto de tatuagem no braço direito – nome da mãe (nome suprimido para evitar identificação)



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T60- Mary: Assim, essa daqui foi porque era um gatinho aí acabei fazendo uma flor, mas essa flor está ridícula, horrível eu não gosto dela, essa daqui também não gosto, esse aqui é o nome da minha mãe, eu me arrependi porque como eu já te falei a gente não tem amizade alguma ela não me ama e eu me arrependi e... e essa aqui é porque fiz quando eu tava no crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 60.

Ao mencionar sobre a tatuagem com dois triângulos deitados que estão em seu tórax, Mary fala não recordar do significado, fez por influência de uma cantora da periferia que luta pra sair da prática de atos ilícitos, e, para tanto, utiliza da música para passar sua mensagem. Nossa participante diz que esta cantora a motivou por muito tempo e que, para ela, esse triângulo “significa alguma coisa boa”.

**Figura 17** – Foto de tatuagem no tórax – dois triângulos deitados



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T111- Mary: é um significado muito bom, mas eu esqueci o significado, eu fiz por causa de uma cantora, ela é de periferia, ela tá lutando para sair dessa vida e ela é tipo... me influenciou muito, sabe?! Ela é pobre e ela usa a cultura, usa a música para distrair, para fazer coisas legais e... ela me motivou por muito tempo... e... esse triângulo significa alguma coisa boa, não sei o que que é.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 111.

Como vimos, a tatuagem pode apresentar uma linguagem verbal por meio de frases ou não verbal (por imagens ou desenhos) e podem manifestar motivo de inspiração, de sonhos,

de autoimagem, de determinado sofrimento, mas também de vontade de superá-los, de pertencimento a grupos, de superação, de grandes amores.

### 5.5 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS “ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL”

Antes de adentrarmos na análise da produção textual propriamente dita, é importante destacar o contexto que possibilitou a escrita dos textos. Como já citado na seção 4.4.4 que trata dos grupos psicopedagógicos, os quais acontecem mensalmente no CREAS Visão transformadora (nome fictício), através de encontros com os socioeducandos que estão em cumprimento de medida socioeducativa. Cada mês é discutida uma temática baseada nas demandas trazidas pelo referido público, bem como temáticas que permeiam o contexto socioassistencial. No mês de maio foi debatido o tema “Abuso e exploração sexual”. A motivação para escolha da temática deu-se em decorrência da campanha nacional do dia 18 de maio, data escolhida para o combate do abuso e exploração sexual (Figura 18).

**Figura 18** – Foto que simboliza o dia 18 de maio



Fonte: Foto fixada na parede do CREAS, de autoria da pesquisadora.

A reunião foi iniciada com as boas-vindas aos presentes. Apesar de todos que estão em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto serem chamados, haviam apenas dois socioeducandos acompanhados de suas respectivas genitoras. Inicialmente, foi desenvolvida uma dinâmica para interação dos presentes. Em seguida, foi iniciada a discussão do tema a partir do levantamento de informações. Foi perguntado aos que ali estavam presentes pela equipe e pesquisadora que executaram o grupo o que sabiam sobre o assunto. Os socioeducandos não falaram, as genitoras disseram que é um assunto muito presente nos dias

atuais. Após esse momento, foram exibidos três breves vídeos, cuja produção foi feita pelo Ministério da Cidadania com o objetivo de discutir a citada campanha em todos os serviços que trabalhem dentro do sistema de garantia de direitos e com público em geral.

Posteriormente, após a discussão dialogada sobre os vídeos, o tema foi debatido. Foi dada uma pausa para o lanche e, a seguir, foi solicitado aos socioeducandos que produzissem um texto a partir da temática “Abuso e exploração sexual”. Dos dois que estavam presentes, apenas um produziu, Carlos (nome fictício), haja vista que o outro não sabia ler nem escrever, escreve apenas o próprio nome.

Como nem todos os chamados para o grupo estavam presentes, dentre eles Ana, Mary e Renato, também participantes de nossa pesquisa, a temática foi apresentada individualmente a cada um, como consta no planejamento. Ademais, cada um deles produziu o texto conforme as discussões e solicitação da proposta textual. A escolha pelo gênero textual foi livre, permitindo que cada um escrevesse de acordo ao gênero que se sentisse mais à vontade. Ana apresentou um relato pessoal, Mary escreveu uma narrativa, que segundo ela é fictícia, Renato optou pela escolha da escrita do texto dissertativo-argumentativo e Carlos registrou aquilo que entendeu a partir do que foi discutido no grupo psicopedagógico.

Dessa forma, apresentadas as informações e o contexto de escrita das produções textuais de nossos participantes, adentraremos na análise dos textos a partir das categorias “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”.

Salientamos que na transcrição dos textos produzidos pelos participantes não foi realizada a adequação à norma padrão. Optamos por apresentá-los da forma como os socioeducandos os consideraram “prontos”, para que melhor pudéssemos analisá-los, conforme a categorização que elaboramos.

Adiante, apresentamos as produções dos nossos participantes da pesquisa: Ana, Mary, Renato e Carlos, respectivamente, ilustradas nas Figuras 19, 20, 21 e 22, seguidas de suas transcrições. Depois, adentraremos na análise das produções a partir das categorias elencadas acima.

**Figura 19** – Produção Textual de Ana

<p>1 Oi me chamo Ana e venho contar um relato meu.  2 Eu tinha uns 10 anos quando meu tio marido  3 da minha tia começou a com os "toques" mais eu  4 nunca falei nada a ninguém porque me sentia  5 culpada e todos iriam dizer que era mentira e que  6 era a safada mais como uma criança de apenas 10  7 anos pode ser descarada ou algo do tipo então eu  8 guardo isso para me até hoje e só penso no meu  9 filho para que ele nunca passe por nada disso e eu  10 sempre vou ensinar para ele que caso aconteça  11 que nunca será o errado da história, porque as  12 crianças tem que ser protegidas pelos adultos e  13 não assediados por eles, espera de verdade que  14 um dia não exista mais a exploração infantil e que  15 todas as crianças do mundo estejam e se sintam  16 protegidas e seguras e que as crianças tenham  17 sempre alguém em quem confiar.  18  19  20  21  22  23  24  25  26  27  28  29  30</p>	<p><b>Transcrição da Figura 19 – P Ana.</b></p> <p>Oi me chamo “Ana” e venho contar um relato meu. Eu tinha uns 10 anos quando meu tio marido da minha tia começo a com os “toques” mais eu nunca falei nada a ninguém porque me sentia culpada e todos iriam dizer que era mentira e que era a safada mais como uma criança de apenas 10 anos pode ser descarada ou algo do tipo então eu guardo isso para me até hoje e só penso no meu filho para que ele nunca passe por nada disso e eu sempre vou ensinar para ele que caso aconteça que nunca será o errado da história, porque as crianças tem que ser protegidas pelos adultos e não assediados por eles, espera de verdade que um dia não exista mais a exploração infantil e que todas as crianças do mundo estejam e se sintam protegidas e seguras e que as crianças tenham sempre alguém em quem confiar.</p> <p>Desculpe os erros!</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Figura 20 – Produção Textual de Mary

	Transcrição da Figura 20 – P Mary.
1	
2	Jhully é uma linda mulher de 30 anos que vive em
3	constante evolução, aos 6 anos ela foi abusada
4	sexualmente pelo seu próprio pai, alguém que deveria
5	ser, o seu herói, seu amigo, seu porto seguro.
6	Jhully não entendia o porque seu pai fazia isso
7	com ela? A real é que nunca entendemos que
8	leva um ser humano ser tão prode por dentro.
9	Aos 14 anos Jhully já tinha vários problemas
10	psicológicos ela não aguentava mais sofrer
11	calada, daquela forma tão cruel e desumana. então
12	Jhully denunciou seu abusador, ela pela primeira
13	vez foi ouvida e compreendida! Jhully se sentiu
14	aliviada e em paz e hoje ela tem 30 anos
15	conseguiu passar em um concurso público e
16	ajuda e compreender mulheres que sofrem e sofreu
17	o mesmo que ela. Jhully deixa um recado para
18	todas as mulheres! não se prevê não sofra sozinha
19	procure ajuda denuncie vocês não têm culpa
20	vocês merecem ser amadas e respeitadas
21	não podemos mudar o que aconteceu mas
22	podemos recomeçar quantas vezes forem
23	necessário.
24	
25	
26	
27	
28	

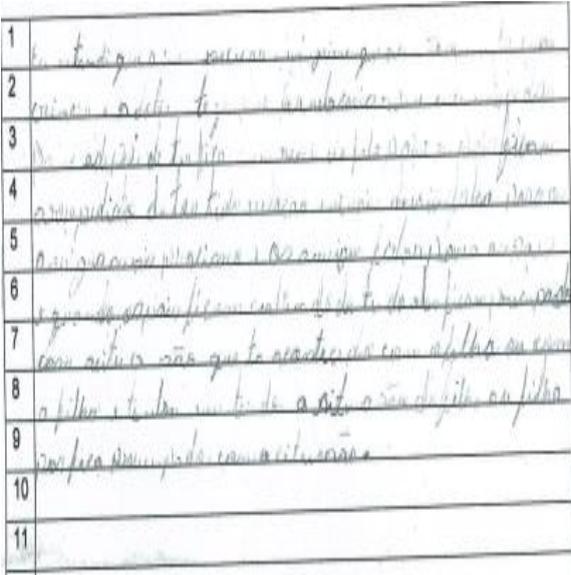
Fonte: Dados da pesquisa (2022).

**Figura 21** – Produção Textual de Renato

	<p><b>Transcrição da Figura 21 – P Renato.</b></p> <p>A exploração e abuso sexual se configura atualmente como qualquer ato praticado a uma criança ou adolescente com o intuito de satisfazer o desejo sexual, e de poder, do infrator. Posto isso, o tema antes expresso pode ser relacionado com a proibição deste dialogo socialmente imposto e as consequências deste mal para o desenvolvimento das vítimas.</p> <p>Em primeiro lugar, é importante pontuar que embora oitenta e um por cento dos casos de violência sexual aconteçam no âmbito familiar, pouco se fala sobre esta problemática. Por isso a youtuber Maíra Medeiros afirma: “Gosto de fazer, gerar debate, de fazer uma pessoa parar para pensar em assunto tabu, sobre comportamentos repetitivos na sociedade”, e para a solução do problema em questão, é essencial que pensemos assim.</p> <p>Consequentemente, um futuro distópico se torna real, já que a resolução para esta questão não foi encontrada. É, devido a isso, segundo estudos, muitos jovens sofrem de prejuízos na atenção, o que retarda o aprendizado e atrapalha o desenvolvimento cognitivo do agredido. Assim fica evidente a necessidade de uma intervenção.</p> <p>Portanto, necessita-se que as autoridades deste país ajam para amenização do assunto antes tratado. Para a prevenção do abuso e exploração sexual é essencial que</p>
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

**Figura 22** – Produção Textual de Carlos

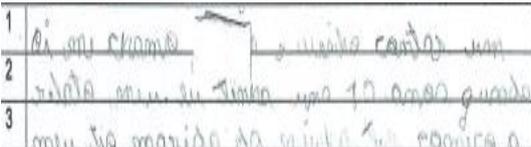
	<p><b>Transcrição da Figura 22 – P Carlos</b></p> <p>Eu entendi que abuso sexual e um crime que acontece muito com crianças e adolescentes que podem ter relações sexuais escondidas dos pais e depois de ter ficado com receio de falar para os pais ficam arrependidos de ter tido relações sexuais mais falar para os amigos mais próximo e os amigos falar para os pais e quando os pais ficam sabendo de tudo eles ficam preocupados com a situação que está acontecendo com o filho ou com a filha e tentam em ter a situação do filho ou filha por ficar preocupados com a situação.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

### 5.5.1 Categoria “eu-para-mim”

Percebemos que o “eu-para-mim”, enquanto categoria bakhtiniana, apresenta-se nas produções textuais de Ana, Mary e Carlos nos trechos destacados e expostos abaixo. Salientamos que não notamos de maneira explícita na produção de Renato a presença desta categoria, contudo, ao observarmos a partir de uma perspectiva geral, conseguimos perceber as marcas do “eu-para-mim” na escolha do gênero textual escolhido, nos argumentos apresentados e no encadeamento das ideias discutidas.

A seguir, temos um trecho da produção textual de Ana, conforme ilustra a Figura 19, transcrita.

	<p>Oi me chamo “Ana” e venho contar um relato meu. [...]</p>
-------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

Na produção textual de Ana, o “eu-para-mim” se revela logo no início. Ela começa seu texto dizendo: “oi me chamo (Ana – nome fictício) e venho contar um relato meu”. Nesse

trecho, nossa participante mostra sua relação com o tema. Ela conta em seu relato que foi vítima de abuso sexual quando tinha 10 anos.

No fragmento a seguir, Ana traz uma informação singular.

4	com ela "falei" mais eu nunca falei	[...] mais eu nunca falei nada a ninguém porque me sentir culpada [...]
5	com ninguém mais eu me sinto culpada	
6	mas eu nunca falei nada a ninguém	

Nesse trecho, ela revela que nunca falou sobre o abuso que sofreu com ninguém, preferiu guardar para si durante 7 (sete) anos, hoje ela tem 17 (dezesete) anos e só conseguiu desvelar esse fato agora através da escrita de seu texto. Alega enquanto motivo para “guardar esse segredo” o fato de ter se sentido culpada pelo que aconteceu.

Mais adiante, Ana faz o seguinte questionamento:

7	mas eu nunca falei nada a ninguém	[...] mais como uma criança de apenas 10 anos pode ser descarada ou algo do tipo então eu guardo isso para me até hoje [...]
8	mas eu nunca falei nada a ninguém	
9	mas eu nunca falei nada a ninguém	
10	mas eu nunca falei nada a ninguém	
11	mas eu nunca falei nada a ninguém	
12	mas eu nunca falei nada a ninguém	

Este fragmento mostra a indagação que nossa participante faz ao analisar a situação a partir do movimento exotópico, ou seja, a partir da percepção que tem hoje acerca do sentimento da criança que já foi um dia. Desse modo, podemos intuir que Ana, sob o olhar que tem hoje sobre o que viveu, percebe-se enquanto uma menina que tinha medo de falar sobre o acontecimento por medo de ser considerada “descarada”, em sua acepção.

Já para Mary, o “eu-para-mim” é apresentado a partir dos trechos abaixo destacados seguindo sua ordem no texto:

<p>5 Jhully não entendia o porque seu pai fazia isso 6 com ela? A real e qui nunca entendemos Bgue 7</p>	<p>Jhully não entendi o porque seu pai fazia isso com ela? A real e quê nunca entendemos [...].</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste fragmento, Mary relata a história de uma menina de nome Jhully que era abusada sexualmente por seu pai. Mary, ao narrar o questionamento de sua personagem em não entender o motivo de seu pai abusá-la, ela faz uso do verbo na 1ª pessoa do plural “A real é que nunca entendemos” o que nos mostra que ela também se inclui se na indagação.

<p>8 aos 14 anos Jhully já tinha vários problemas 9 psicológicos ela não aguentava mais sofrer calada, 10 daquela forma tão cruel e desumana, então Jhully 11</p>	<p>[...] os 14 anos Jhully já tinha vários problemas psicológicos ela não aguentava mais sofrer calada, daquela forma tão cruel e desumana [...]</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste trecho, percebemos novamente uma relação da história de Jhully, narrativa esta que segundo nossa participante é fictícia, como já foi apontado anteriormente, com sua vida. Aqui, Mary narra que sua personagem aos 14 anos já apresentava vários problemas psicológicos. Algo semelhante a vida de Mary. Em sua narrativa, como já exposto na subseção da análise das entrevistas, nossa interlocutora relata que passou por um período de sofrimento mental a ponto de tentar suicídio por diversas vezes, além do quadro de automutilação.

No fragmento abaixo, Mary retrata mais uma vez uma relação entre a história narrada com sua vida.

<p>12 Ela foi aliada e compreensiva Jhully se sentiu 13 aliviada e em paz e hoje ela tem 30 anos 14 conseguiu passar em um concurso publico e 15</p>	<p>[...] Jhully se sentiu aliviada e em paz. e hoje ela tem 30 anos conseguiu passar em um concurso publico [...]</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Percebemos aqui outra marca exotópica apresentada por Mary. Ao falar de Jhully que aos seus 30 (trinta) anos se sente realizada, aliviada em paz, que busca aprovação em concurso público, é evidenciado o desejo de nossa participante em passar em um concurso público, mais especificadamente o concurso da PRF, outrora já mencionado na análise das entrevistas.

A seguir, podemos perceber mais uma vez no fragmento abaixo o entrelaçamento da autora com sua personagem.

20	<i>não podemos mudar o que aconteceu mais</i>	[...] não podemos mudar o que aconteceu mais podemos recomeçar quantas vezes forem necessário.
21	<i>podemos recomeçar quantas vezes forem</i>	
22	<i>necessário</i>	

Mary utiliza novamente o verbo na 1ª pessoa do plural “podemos” para falar sobre a impossibilidade de mudar o passado e da possibilidade de recomeçar quando for necessário, algo que também já foi falado por Mary ao relatar sobre a tatuagem cuja frase é “Nenhum sofrimento é eterno”.

Na produção textual de Carlos, identificamos o “eu-para-mim” no fragmento abaixo:

1	<i>Eu entendi que abuso sexual e um crime que</i>	Eu entendi que abuso sexual e um crime que acontece muito com crianças e adolescente que pode ter relações sexuais escondido dos pais
2	<i>acontece muito com crianças e adolescente que pode</i>	
3	<i>ter relações sexuais escondido dos pais</i>	

Podemos observar no trecho acima, que Carlos ao mostrar seu entendimento sobre a temática discutida no grupo psicopedagógico, cujo tema foi “Abuso e Exploração Sexual”, apresenta a forma como compreende este assunto. Para ele, abuso sexual é um crime que comumente acontece envolvendo crianças e adolescentes. Apesar de não ser o objetivo de nossa análise, percebemos que nosso participante apresenta uma prática de escrita com desvios. Todas elas foram transcritas de modo como consta na produção textual de nosso participante.

### 5.5.2 Categoria “eu-para-os-outros”

Na produção de Ana, notamos o “eu-para-os-outros” no fragmento a seguir:

6	<i>[...] e todos iriam dizer que era mentira e que</i>	[...] e todos iriam dizer que era mentira e que era a safada [...]
7	<i>era a safada [...]</i>	

Há, no trecho anterior, uma percepção de como Ana achava que as outras pessoas iriam dizer se o abuso sexual sofrido por seu tio, esposa de sua tia fosse revelado. Para ela, todos iriam achar que era mentira e que o ato foi provocado por ela.

No trecho abaixo, identificamos como Mary mostra esta categoria. Vejamos:

10	daquela forma tão cruel e desumana, então Jhully	[...] então Jhully denunciou seu abusador, ela
11	denunciou seu abusador, ela pela primeira vez	pela primeira vez foi ouvida e compreendida!
12	foi ouvida e compreendida Jhully se sentiu	[...]
13		

Neste fragmento, Mary narra que sua personagem após conseguir denunciar seu abusador, sentiu-se aliviada, pois teve sua denúncia ouvida e compreendida.

A seguir, temos um trecho da produção de Mary, conforme ilustra a Figura 20, transcrita.

14	conseguiu passar em um concurso público e	[...] e ajuda compreender mulheres que sofre, e
15	ajuda e compreendendo mulheres que sofri e sofreu o	mesmo que ela. Jhully deixa um recado
16	mesmo que ela, Jhully deixa um recado para todas	para todas as mulheres! não se prevê não sofra
17	as mulheres! não se prevê não sofra sozinha procure ajuda denuncie vocês não tem	culpa [...]
18	procure ajuda denuncie Não tem culpa	

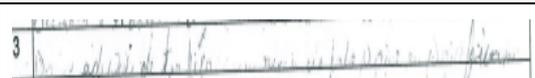
Percebemos nesse fragmento da produção de Mary, que ela expõe um objetivo para o futuro bem definido para sua personagem. Apresenta a pretensão de ajudar mulher que sofre ou já sofreu violência ou abuso sexual, emponderando-as a fazer a denúncia, a buscar ajuda.

Na produção de Renato, percebemos o “eu-para-os-outros” evidenciado no trecho abaixo:

21	de qualquer forma fica evidente a necessidade de	[...] Assim fica evidente a necessidade de uma
22	uma intervenção	intervenção.
23		

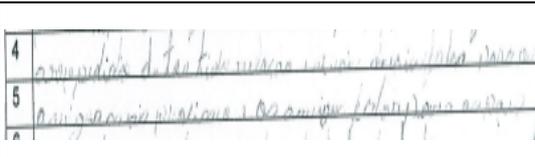
Aqui, ele suscita a necessidade de se fazer uma intervenção no tocante as consequências provocadas pelo abuso e exploração sexual na vida dos jovens que sofreram tal violência. Apresenta em seu texto enquanto sequela, prejuízos na atenção que acarreta um retardo no aprendizado.

Já na produção de Carlos, encontramos tal categoria no fragmento a seguir:

	[...] e depois de ter fica com receio de fala para os pais [...]
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------

Ele apresenta acima o receio que muitas crianças e adolescentes que sofrem abuso sexual tem de falar com seus pais sobre o ocorrido.

Em seguida, Carlos apresenta uma alternativa para este receio.

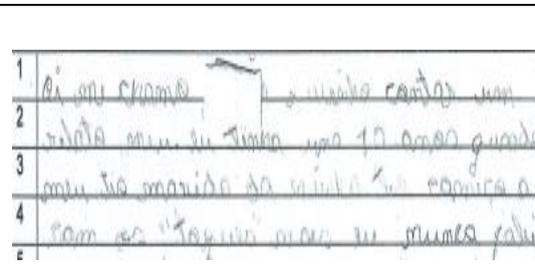
	mais falar para os amigos mais próximo e os amigos falar [...]
-----------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------

Apesar de não conseguir revelar aos pais o abuso, crianças e adolescentes, na opinião de Carlos, conseguem externar a situação para os amigos mais próximos que, conseqüentemente, levam a situação aos pais.

### 5.5.3 Categoria “os-outros-para-mim”

Apresentaremos a categoria “os-outros-para-mim” conforme a ordem de produção que norteou toda nossa análise até então. Primeiro, analisamos o texto de Ana, depois Mary, Renato e Carlos respectivamente. Observamos que esta categoria foi mostrada em todos os textos objetos de nossa análise.

Na produção de Ana, esta categoria se revelou de maneira predominante ao longo de todo texto, como veremos a seguir:

	[...] Eu uns 10 anos quando meu tio marido da minha tia começo a com os “toques” [...]
-------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------

11	... e só penso no meu filho para que ele nunca	[...] e só penso no meu filho para que ele nunca
12	passa por nada disso e eu sempre vou ensinar	passa por nada disso e eu sempre vou ensinar
13	para ele que caso aconteça que nunca será o	para ele que caso aconteça que nunca será o
14	errado da história, porque as crianças tem que	errado da história, porque as crianças tem que
15	ser protegidas pelos adultos e não assediadas por	ser protegidas pelos adultos e não assediadas por
16	eles, espera de verdade que um dia não exista	eles, espera de verdade que um dia não exista
17	mais a exploração infantil e que todas as	mais a exploração infantil e que todas as
18	crianças do mundo estejam e se sintam	crianças do mundo estejam e se sintam
19	protegidas e seguras e que as crianças tenham	protegidas e seguras e que as crianças tenham
20	sempre alguém em quem confiar [...].	sempre alguém em quem confiar [...].
21		
22		
23		
24		
25		
26		

Percebemos nos fragmentos do texto acima, que Ana evidencia “os-outros-para-mim” a partir da narrativa de seu relato pessoal onde revela que foi vítima de abuso sexual quando tinha 10 anos de idade pelo marido de sua tia. Mais adiante, do meio para o final de sua produção, ela destaca a preocupação com a segurança de seu filho. Diz que deseja que isso nunca aconteça com ele, mas que caso aconteça, orientará para que o mesmo não se sinta culpado, tampouco errado. Finaliza dizendo esperar que todas as crianças do mundo se sintam seguras e protegidas, tendo sempre em quem confiar.

Mary, por sua vez, mostra “os-outros-para-mim” nos fragmentos abaixo:

3	... realmente pelo seu próprio pai, alguém que deveria	[...] alguém que deveria ser, o seu herói, seu amigo,
4	ser o seu herói, seu amigo, seu porto seguro.	seu porto seguro. [...]
5		
6	... com ela? A real é que nunca entendemos o que	[...] o que leva uma ser humano ser tão prore por
7	leva um ser humano ser tão prore por dentro.	dentro. [...]
8		
19	... vocês merecem ser amadas e respeitadas	[...] vocês merecem ser amadas e respeitadas [...]

Nos trechos acima, Mary, através da narração que conta a história de Jhully, personagem fictícia, apresenta seu ponto de vista quanto ao abuso e exploração sexual de criança e adolescentes. Para ela, o pai que abusou da filha Jhully quando tinha 6 (seis) anos de idade deveria ser o herói, amigo o porto seguro e não o abusador. Mais adiante, ela faz um questionamento: “o que leva um ser humano a ser tão “podre por dentro?” Mary finaliza dizendo que as mulheres precisam ser amadas, ouvidas e respeitadas.

Renato, por sua vez, optou pela escrita de uma texto dissertativo-argumentativo cuja categoria predominante foi “os-outros-para-mim”, como veremos nos fragmentos a seguir:

<p>1 A exploração e abuso sexual se configuram atual-          2 mente com qualquer ato praticado a uma criança          3 ou adolescente com a intenção de satisfazer o desejo          4 sexual e de poder do infrator. Este mal para o          5 desenvolvimento das vítimas.          6 Em primeiro lugar, é importante pontuar que          7 embora oitenta e um por cento dos casos de          8 violência sexual aconteçam no âmbito familiar,          9 pouco se fala sobre esta problemática [...].</p>	<p>A exploração e abuso sexual se configura atualmente como qualquer ato praticado a uma criança ou adolescente com o intuito de satisfazer o desejo sexual, e de poder, do infrator. Posto isso, o tema antes expresso pode ser relacionado com a proibição deste dialogo socialmente imposto e as consequências deste mal para o desenvolvimento das vítimas. Em primeiro lugar, é importante pontuar que embora oitenta e um por cento dos casos de violência sexual aconteçam no âmbito familiar, pouco se fala sobre esta problemática [...].</p>
<p>16 Consequentemente, um futuro distópico se torna real,          17 já que a resolução para esta questão não foi encontrada.          18 É, devido a isso, segundo estudos muitos jovens sofrem de          19 prejuízos na atenção, o que retarda o aprendizado e atrapalha o          20 desenvolvimento cognitivo do agredido. [...]</p>	<p>[...]. Consequentemente, um futuro distópico se torna real, já que a resolução para esta questão não foi encontrada. É, devido a isso, segundo estudos muitos jovens sofrem de prejuízos na atenção, o que retarda o aprendizado e atrapalha o desenvolvimento cognitivo do agredido. [...]</p>
<p>23 Portanto, necessita-se que as autoridades deste país          24 ajam para amenização do assunto antes tratado. [...].</p>	<p>Portanto, necessita-se que as autoridades deste país ajam para amenização do assunto antes tratado. [...].</p>

Compreendemos, a partir dos trechos destacados acima, que Renato buscou além das informações fornecidas para construção do texto, outros argumentos para melhor embasar sua

produção. Para tanto, apresentou dados estatísticos, tipificação do que se compreende enquanto abuso e exploração sexual, ponto de vista de uma *youtuber* e a consequências que o abuso provoca na vida da vítima. Ao final, nosso participante sugere a intervenção das autoridades estatais a fim de amenizar tal problemática.

Já Carlos apresenta em seu texto a sua compreensão do que venha a ser abuso e exploração sexual. Vejamos abaixo:

<p>5</p> <p>6</p> <p>7</p> <p>8</p> <p>9</p>	<p>[...] para os pais e quando os pais ficam sabem do de tudo eles ficam preocupado com aceitu a são que ta acontecido com o filho ou com a filha e tentan em ter der a cituasão do filho ou filha por fica preocupados com a cituasão.</p>
----------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Carlos afirma que a informação do abuso chega ao conhecimento dos pais da vítima através de amigos, haja vista que a criança e adolescente se sentem mais confortáveis para falar com amigos, por receio da reação dos pais. Ao tomar conhecimento, os pais, segundo ele, se preocupam e buscam entender a situação.

Os quadros abaixo sintetizam algumas das informações que foram apresentadas no decorrer da análise de cada uma das categorias. Nós os elaboramos com intuito de traçarmos um panorama das mesmas e, assim, retornarmos à nossa questão de pesquisa: Como o olhar exotópico de si e do outro imprime e marca a vida dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida?

**Quadro 2 – “EU-PARA-MIM”**

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Como se via</b>	<b>Como se vê</b>
<p><b>Ana</b> (16 anos, estuda o 8º ano do Ensino Fundamental – escola pública)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ruim</li> <li>- Não respeitava ninguém</li> <li>- Não ouvia ninguém</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mãe</li> <li>Mulher</li> <li>Responsável</li> <li>Esposa</li> <li>Dona de casa</li> <li>Mudada</li> <li>Atenta</li> <li>Respeita as pessoas</li> <li>Escuta as pessoas</li> </ul>
<p><b>Mary</b> (18 anos, estuda o 1º Ano do Ensino Médio – escola pública)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cometeu erros</li> <li>- Vendeu drogas</li> <li>- Sofria</li> <li>- Muita mágoa</li> <li>- Culpa a mãe</li> <li>- Tudo de ruim na vida da mãe</li> <li>- Adolescente desestruturada</li> <li>- Rebelde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Procurando evoluir</li> <li>- Buscando reconstrução</li> <li>- Ser alguém melhor</li> <li>- Ser melhor que ontem</li> </ul>

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Como se via</b>	<b>Como se vê</b>
<b>Renato</b> (16 anos, estuda o 2º ano do Ensino Médio – escola particular)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudioso</li> <li>- Ainda procrastina demais</li> <li>- Inteligente</li> <li>- Estuda inglês</li> <li>- Estuda piano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pessoa extrovertida</li> <li>- Divertido</li> <li>- Estudioso</li> <li>- Inteligente</li> <li>- Cuidadoso</li> <li>- Prestes a ter 18 anos</li> <li>- Inteligente</li> <li>- Tem muitos amigos “bons”</li> <li>- Quer terminar a escola</li> <li>- Fazer faculdade pública</li> <li>- Quer fazer gastronomia ou nutrição</li> <li>- Fala inglês</li> <li>- Toca piano há três anos</li> </ul>
<b>Carlos</b> (15 anos, estuda o 7º ano do Ensino Fundamental)		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não sabe dizer</li> <li>- Não gosta de ajudar nas tarefas, mas faz</li> <li>- Ajuda a lavar a louça</li> <li>- Limpa o quarto</li> <li>- Precisa melhorar</li> <li>- Se arrepende do ato infracional cometido</li> <li>- Reconhece que não poderia ter feito, mas não tem como voltar no passado.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

### **Quadro 3 – “EU-PARA-OS-OUTROS”**

<b>ANA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em busca de seu crescimento e fortalecimento diante das dificuldades que passou;</li> <li>- Melhorou a relação com a mãe após a maternidade;</li> </ul>
<b>MARY</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em busca de constante evolução;</li> <li>- Afetada pelos olhares preconceituosos;</li> <li>- Tem se esforçado para ser alguém melhor a cada dia;</li> <li>- Sofre preconceitos por ter tido uma vivência infracional;</li> <li>- Sofre preconceito pelas tatuagens que possui;</li> <li>- Possui uma relação conflituosa com mãe, a mãe não é afetuosa, não a trata bem;</li> <li>- Busca aceitação e um outro olhar das pessoas que ainda a julgam;</li> </ul>
<b>RENATO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Busca se adequar ao ambiente em que está;</li> <li>- Tenta manter uma boa relação com todos;</li> <li>- Os pais se orgulham por ele ser um bom aluno, contudo, em relação as opiniões e posicionamentos acredita não atender as expectativas dos pais;</li> </ul>
<b>CARLOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajuda a mãe nas tarefas da casa;</li> <li>- Reflete sobre o ato infracional cometido e se arrepende;</li> <li>- Percebe que há pessoas que falam bem e outras que falam mal.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

**Quadro 4 – “OS-OUTROS-PARA-MIM”**

<b>ANA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reafirma a importância dos outros que convivem com ela, principalmente sua mãe;</li> <li>- Há pessoas que não reconhecem sua mudança.</li> <li>- Foi vítima de abuso sexual aos 10 anos de idade pelo marido de sua tia;</li> <li>- Espera que todas as crianças se sintam seguras e protegidas, tendo sempre em quem confiar.</li> </ul>
<b>MARY</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Destaca que muitas pessoas não percebem sua mudança;</li> <li>- Olhares e julgamentos baseados no passado;</li> <li>- Também existem pessoas que reconhecem sua mudança, familiares com exceção da mãe;</li> <li>- Distanciamento da escola devido aos conflitos com a mãe;</li> <li>- Reaproximação com seu pai;</li> <li>- Via a depressão e o tráfico como uma forma de acolhimento, um conforto diante dos conflitos em que vivia;</li> <li>- Pensa que todas as mulheres precisam ser amadas, ouvidas e respeitadas</li> </ul>
<b>RENATO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- No círculo de amizades se sente mais confortável para ser que de fato é;</li> <li>- Divertido;</li> <li>- Inteligente;</li> <li>- Figura dos pais enquanto autoridade, porém sem muita intimidade;</li> <li>- Vê a medida em que está cumprindo como uma forma de aprendizado;</li> <li>- Sugere uma intervenção dos governantes como forma de enfrentar o abuso e exploração sexual.</li> </ul>
<b>CARLOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Há pessoas que falam bem, outras que falam mal;</li> <li>- Vê a figura do professor como importante no processo de aprovação e/ ou reprovação;</li> <li>- Atualmente tem uma boa relação com a escola;</li> <li>- Destaca a figura que inspira confiança, geralmente os amigos para relatar uma possível situação de abuso;</li> <li>- Intervenção dos pais para enfrentar a situação de abuso sexual.</li> </ul>

Fonte: elaborados pela pesquisadora (2022).

## 5.6 TRIANGULANDO AS RELAÇÕES DIALÓGICAS QUE POSSIBILITAM O MOVIMENTO EXOTÓPICO

É salutar destacar antes de tecermos algumas reflexões com bases nas análises apresentadas acima e nos quadros 2, 3 e 4 que, embora as categorias de análise “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim” tenham sido analisadas através de tópicos distintos para efeitos didáticos e melhor interpretação dos dados, elas não são isoladas umas das outras, estão imbricadas entre si numa relação dialógico-discursiva formando o que chamamos aqui de movimento exotópico.

Ademais, buscamos mostrar a partir do que já foi exposto nos dados de nossa pesquisa, que foram: as entrevistas, as tatuagens e as produções textuais dos nossos participantes Ana, Mary, Renato e Carlos, as relações dialógicas e o movimento exotópico estabelecidos a partir das categorias “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”, fundamentado no arcabouço teórico já apresentado nos capítulos dois e três de nosso estudo. Para tanto, trouxemos para discussão, o entendimento de Bakhtin (2011) acerca do excedente de visão

como a construção da visão que cada sujeito tem de si a partir do olhar do outro. Observamos que a relação entre o meu excedente de visão em relação ao outro e dele em relação a mim acontece dentro de um compromisso mútuo entre os sujeitos.

Para exemplificar melhor o movimento exotópico e o excedente de visão dentro de uma perspectiva dialógica discursivo-enunciativa, passaremos a análise dos quadros-resumos acima.

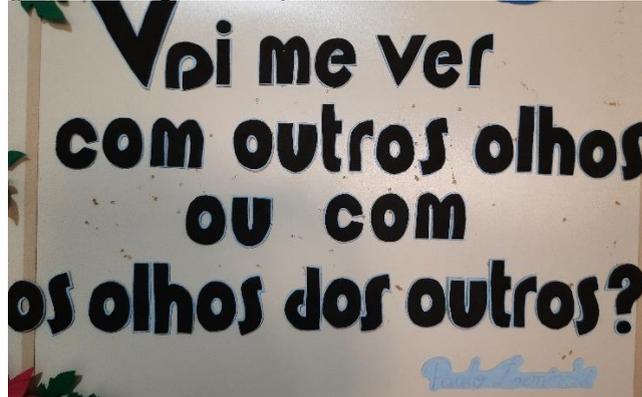
No que tange a categoria “eu-para-mim”, percebemos que todos os nossos participantes apresentaram uma compreensão de si através do olhar do outro, podendo ser esse outro ele mesmo numa época e/ ou contextos diferentes, que se apresentaram em muitos momentos, a exemplo da percepção de Ana e Mary como uma ruptura com o passado de vivência infracional, uma mudança, uma busca constante por evolução. Renato objetiva a realização profissional e conclusão dos cursos em andamento e Carlos, por sua vez, embora no primeiro momento não conseguiu dizer como se via, revelou sua auto percepção quando falou de sua relação com a escola e da reflexão que fez do ato infracional, o qual ensejou no cumprimento da medida socioeducativa de liberdade assistida. Nossa compreensão, portanto, fundamenta-se nas palavras de Bakhtin (2011, p. 36) ao dizer que o sujeito:

[...] deve situar-se fora de si mesmo viver a si mesmo, num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, vê-se pelos olhos de outro.

No que concerne o “eu-para-os-outros”, compreendemos que nossos participantes revelam nas narrativas apresentadas a partir dos diferentes instrumentos para coleta dos dados tal categoria. Ao entrarmos nas narrativas contadas, ampliamos o nosso olhar abarcando uma visão mais ampla do outro, nossos participantes, que sofrem preconceitos, vivem em sua maioria em situação de vulnerabilidade social e levam consigo o sentimento de exclusão da sociedade por conta da vivência infracional pregressa, mas que de outro modo que também buscam que os outros o veem de forma diferente a partir da mudança que teve e da evolução constante que almejam. Nesse sentido, conforme assinala Bakhtin (2011, p. 23) [...] eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele [...], realizando assim o movimento exotópico.

A exemplo, gostaríamos de destacar aqui a fala de Mary ao ver e ler trecho do poema de Paulo Leminski fixado na parede do CREAS (Figura 23) que diz “Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?”. Nossa participante disse que busca essa mudança do olhar do outro, que ainda a julga pelas tatuagens que tem e pelo o que ocorreu em seu passado.

**Figura 23** – Fragmento do poema de autoria de Paulo Leminski



Fonte: Foto fixada na parede, de autoria da pesquisadora.

Na categoria “os-outros-para-mim”, os nossos participantes demonstraram em seu discurso intersubjetivo e eminentemente social marcas valorativa-emocionais do olhar do outro sobre si. Destacam a importância do apoio que tiveram seja da família, amigos e/ou no próprio CREAS para superação da vivência infracional, bem como a busca de aceitação e o reconhecimento da evolução que tiveram. Assim, nas palavras de Bakhtin (2011, p. 14) “Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos [...]”.

Conforme Bakhtin (2018), percebemos que nossos participantes se constituem no espaço e tempo, através das interações sociais, históricas e culturais que estabeleceram, revelando após o movimento exotópico de se permitir observar, perceber-se de modo diferente, tendo uma compreensão de si, constituída pelo olhar do outro, podendo ser esse outro, eles mesmos num contexto e época diferentes. Nesse sentido, segundo Bakhtin (2011, p. 36), o sujeito “[...] deve situar-se fora de si mesmo viver a si mesmo, num plano diferente daqueles em que vivemos efetivamente nossa vida[...]”. Faz-se necessário destacar mais uma vez, como já exposto anteriormente, que após fazer esse deslocamento que pressupõe a ida ao encontro do outro para ver como esse outro o vê, é preciso retornar a si mesmo e, assim, compreender-se.

Na configuração das relações dialógicas produzidas a partir das tatuagens, compreendemos que o corpo tatuado chamou para si um deslocamento do exterior para revelar algo: um desejo, uma certeza, um gosto, uma identificação, uma busca por pertencimento, uma motivação, um sonho. Concordamos com Amorim e Sousa (2013, p. 1184) ao afirmar que o olhar exotópico

compõe o atributo humano de significar. A destreza de se considerar o outro que lhe perpassa e, por vezes, apropriar-se de seus elementos constitutivos é um fenômeno presente em todos os terrenos da vida. A cientificidade, a história, a vida cotidiana são estâncias dum sempre compartilhar. O ser age, essencialmente, pelo outro e para outro.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (1981), podemos afirmar que as tatuagens enquanto um signo ideológico que reflete e refrata uma realidade, revela uma representação ideológica que se constitui numa relação intersubjetiva, a partir de uma visão exotópica. Ao fazer uma tatuagem, as participantes de nosso estudo, mostram a sua visão, imprime em seu corpo um olhar próprio que se revela a partir das tatuagens. No exercício de contemplação exotópica, portanto, o corpo tatuado reflete uma realidade interior e exterior.

Concordamos com Bakhtin (2011) que, quando adentramos na vida do outro por meio do diálogo, acessamos as diversas formas de sentido e significações, tendo como apoio o discurso que promove a linguagem permeada pelo movimento polifônico. O outro para o filósofo russo é sempre o “outro-para-mim” e estará imbricado de um diálogo intersubjetivo.

As relações dialógicas constituem o discurso e apresentam a singularidade da forma de expressão do sujeito, permeadas das relações e vozes sociais que o compõe além das ideologias ali inseridas. Nesse sentido, a partir das produções textuais produzidas pelos nossos participantes, analisamos e compreendemos os textos com fundamento nos processos dialógicos, nos discursos que lhe são inerentes que corroboraram para a assinatura do sujeito discursivo, nossos participantes.

Diante disso, observamos que cada um dos sujeitos escolheu uma forma diferente de escrever sobre a temática proposta, apresentando manifestações discursivas pautadas na dinâmica de experiência de vida de cada um, integrada pelas informações, conhecimentos, valores, cultura que possibilitaram a compreensão e posicionamento sobre o tema, atribuindo-lhe um significado.

Ao escrever a partir dos que lhe foram apresentados enquanto conteúdo no grupo psicopedagógico, discussão e orientações individuais para aqueles que não puderam se fazer presentes no encontro, compreendemos que, a prática de ensino apresentadas tanto no grupo

quanto nos encontros individuais e, posteriormente, a elaboração de uma produção textual, permitiu que nossos participantes, através do olhar exotópico empreendido, compreendessem suas realidades, seus contextos socioculturais e familiares de maneira a buscarem mudanças, alternativas para uma realidade vivenciada, a exemplo de Mary que escreveu uma história fictícia, mas que em muitos momentos refletiu e refratou a sua própria história, ou ainda, podemos destacar o relato pessoal de Ana, que revelou uma história real de abuso sofrido quando era criança, situação essa, segundo ela, não contada para ninguém até então.

Dessa forma, o olhar exotópico possibilitou aos nossos participantes a apropriação de elementos constitutivos, os quais muitas vezes são imperceptíveis a eles, promovendo a capacidade de significar, de contar, de revelar algo de si que antes não bem compreendido. Nesse sentido, segundo de Bakhtin (2011, p. 21), esse movimento exotópico, a despeito da posição ou proximidade que esse outro possa ter do eu “[...] sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]”, pois “[...] quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos”.

Concluimos assim que por mais semelhante que seja o contexto de encontro do eu e do outro, há sempre algo nebuloso que somente o outro, numa posição exterior é capaz de revelar ao eu, ampliando, assim, a sua percepção. Desta forma, o excedente de visão só se faz possível devido a possibilidade que o sujeito tem de se situar fora, de olhar o outro, ainda que esse outro seja ele mesmo, a partir de um lugar, de um tempo e de valores diferentes, vendo mais do outro aquilo que ele mesmo vê de si.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olho-me, encaro-me... decifro-me! [...].  
 [...] Então... de fora de mim me pergunto:  
 Quem és tu que de tanto mudar  
 Não consigo reconhecer?  
 De fora de mim  
 Olho-me, pergunto-me...  
 Aprecio-me: calo-me!<sup>4</sup>

Iniciamos o nosso estudo com o intuito de investigar como o olhar exotópico de si e do outro imprime e marca a vida dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida. O objetivo geral foi: investigar as marcas exotópicas que os adolescentes em cumprimento de liberdade assistida têm de si a partir do olhar do outro, e os específicos foram:

- a) Identificar as marcas exotópicas nas narrativas e tatuagens dos adolescentes em conflito com a lei;
- b) Refletir a partir das produções textuais desenvolvidas pelos adolescentes, os efeitos discursivos da relação exotópica.

Para que esses objetivos fossem alcançados, direcionamos o nosso olhar para os adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto de liberdade assistida no CREAS. Partimos do pressuposto de que esses socioeducandos, participantes de nossa pesquisa apresentaram em suas manifestações discursivas (narrativas, tatuagens e produções textuais) marcas exotópicas, que os possibilitaram ter uma maior compreensão de si, a partir do olhar do outro, podendo ser esse outro até ele mesmo.

Esse pressuposto nos levou a definir o caminho metodológico de nossa pesquisa, optando por uma análise qualitativa dialógico-interpretativa dos dados, por meio de uma metodologia de escuta sensível, privilegiando uma atitude exotópica, conforme a perspectiva bakhtiniana.

Diversas técnicas foram utilizadas para desenvolver nosso *corpus* discursivo que abrangeu a entrevista semiestruturada, narrativas e análise documental das produções dos socioeducandos. A diversidade dos instrumentos contribuiu para a categorização e triangulação dos dados e possibilitou-nos refletir, compreender e identificar as marcas

---

<sup>4</sup> Poema cujo título é “Exotopia”, de Claudio Alves Benassi, artista pesquisador, professor da Coordenação de Ensino de Graduação em Letras-Libras – Licenciatura. Editor gerente da revista Diálogos e Falange Miúda. Cuiabá.

exotópicas nas diversas manifestações discursivas de nossos participantes. Dessa forma, o nosso entendimento dos dados nos mostrou as percepções a seguir destacadas:

- as narrativas apresentadas revelaram que nossos participantes apresentaram em suas manifestações discursivas marcas exotópicas do olhar do outro as quais imprimem e marcam o olhar que tem de si;
- o fato de cumprir medida socioeducativa os coloca em uma posição de serem vistos de maneira preconceituosa pela sociedade, sobretudo por terem em algum momento cometido ato infracional, fato que ensejou na aplicação da medida, atribuindo-lhe um estigma de “infrator” ou “marginal” algo pujante e reiterado em seus discursos;
- o fato de possuírem tatuagens as quais podem ser consideradas como associação ao crime e a vivência infracional, torna-os mais uma vez “sentenciados” a condição de excluídos de um determinado *lócus* social;
- as tatuagens, enquanto um signo ideológico, refletiram e refrataram uma realidade, chamando para si o deslocamento do seu exterior, revelando sentimentos, desejos e inspirações;
- as relações dialógicas vivenciadas e expressadas pelos adolescentes em cumprimento de medida revelaram o movimento polifônico permeados por diversas vozes (sociais, históricas e culturais).
- o olhar exotópico desenvolvido por meio da escrita das produções textuais contribuiu para uma reflexão e compreensão de si possibilitada pelo deslocamento, o estar fora, para ver e entender algo de si antes não compreendido.

Como a epígrafe desse texto, compreendemos que o movimento exotópico apresentado no texto em questão, instiga-nos a contemplar, refletir e perceber que há algo em cada um não visto e que somente o outro, da sua posição, do seu lugar consegue perceber.

Reinteramos que a temática que desenvolvemos para alcançar esse estudo não se encerrou na análise do *corpus* discursivo ora apresentado, ao contrário, abre caminhos, melhor dizendo, continua os caminhos para os estudos nas áreas de ciências humanas, com vistas a aprofundar o olhar sobre os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Desse modo, queremos reafirmar a necessidade desse estudo, o qual nos permitiu adentrar na “caixa

preta” das vozes que atravessaram as narrativas dos sujeitos de nosso estudo, com o intuito de extrairmos, de forma crítica, elementos de reflexão teórica e de experiências enriquecedoras, as quais pudessem contribuir para escolarização, profissionalização e reafirmação da cidadania plena desses adolescentes em cumprimento de liberdade assistida.

Acreditamos que trilhar o caminho que nos levou à compreensão da problemática delineada e do estudo empreendido, com certeza nos indicou estratégias discursivas as quais serão relevantes para a abertura de novos entendimentos conceituais e, conseqüentemente, ações indicativas de um trabalho mais efetivo com os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, seja no CREAS, seja nos ambientes escolares que frequentam.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AMORIM, M.; SOUSA, D. O eu-outro. *In*: GALVÃO, V. *et al.* (org.). **Anais do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. Goiânia: FUNAPE: UFG, 2013. p. 1182-1887.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Forense, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: UFSCar, 1998.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 2010.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1990.
- BRASIL. **Lei nº 12.594/2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Brasília, DF, 2012a.
- BRASIL. NOB-SUAS. **Resolução CNAS nº 33 de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF, 2012b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.565, de 18 de junho de 2020**. Estabelece orientações gerais visando à prevenção, ao controle e à mitigação da transmissão da COVID-19, e à promoção da saúde física e mental da população brasileira, de forma a contribuir com as ações para a retomada segura das atividades e o convívio social seguro. Brasília, DF, 2020. Disponível em:  
[https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt1565\\_19\\_06\\_2020.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt1565_19_06_2020.html). Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)**. Brasília, DF: CONANDA, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seu pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2006.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. *In*: FREITAS, M. T.; KRAMER, S.; JOBIM E SOUZA, S. **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

JOLY, M. **Introdução a análise da imagem**. Tradução: Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES DE OLIVEIRA, Maria Claudia; VIEIRA, Alessandra Oliveira Machado. Narrativas sobre privação de Liberdade e o desenvolvimento do self adolescente. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 67-83, jan./abr. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise e gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkora Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENGA, Ludke; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MEZZOMO, Marcelo Colombelli. Aspectos da aplicação das medidas protetivas e sócio-educativas do Estatuto da Criança e do Adolescente: teoria e prática. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 515, dez. 2004. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/5993/aspectos-da-aplicacao-das-medidas-protetivas-e-socio-educativas-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>. Acesso em: 22 ago. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social.** São Paulo: Contexto, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** Campinas: Cortez, 1988.

PANHOCA, I. Histórias de vida de pessoas com Doença de Alzheimer: linguagem e presença de sujeito. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 878-888, maio/ago. 2013.

PONZIO, A. Signo e ideologia. In: PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de pessoas.** São Paulo: Saraiva, 2006.

RODRIGUES, Marcela Marinho; MENDONÇA, Ângela. Algumas reflexões acerca da socioeducação. In: **Eixo II – Projeto Político-Pedagógico.** Módulo III – Práticas e metodologias de atendimento. Salvador: UFBA, 2011.

SCOTT, M. Lendo nas entrelinhas. **Cadernos PUC**, n. 16, p. 101-124, 1983.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1983.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio – Revista Pedagógica**, São Paulo, p. 96-100, 29 de fevereiro de 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SZYMANSKI, Heloísa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TEIXEIRA, Marlene. O Outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: CASTRO, Gilberto de; FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis: Vozes, 2006.

TODOROV, Tzvetan, **A conquista da América**, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

YIN, R. K. **Case study research, design and methods (applied social research methods)**. Thousand Oaks. California: Sage Publications, 2009.

ZANELLA, Maria Nilvane. Adolescente em conflito com a lei e a escola: uma relação possível? **Revista Bras. Adolescência e Conflitualidade**, n. 3, p. 4-22, 2010.

**Outras obras consultadas:**

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.

BRAIT, Beth. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1º sem. 2009.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. Beth Brait. Et al. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FLICK, U. Entrevista episódica. *In*: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2017.

SOUZA, Saulo Lopes de, ROCHA, Kátia Carvalho da Silva. Olhares oblíquos sobre Capitu: uma leitura da subversão exotópica. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 1, 2019. ISSN: 2317-2347.

SOUZA, João Francisco. **A educação escolar:** nosso fazer maior des(A)fia o nosso saber. Recife: Bagaço, 1999.

SOUZA, S. J.; ABULQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A – Transcrição da entrevista com Ana (nome fictício)**

T= Turno de fala

P= Pesquisadora

Ana= sujeito da pesquisa (nome fictício)

T1- P1: Ana, boa noite! Nossa conversa agora será gravada através de gravador de voz, você autoriza a gravação?

T2- Ana: Autorizo

T3- P1: Essa gravação vai ser usada como uma das fontes de pesquisa do meu estudo do mestrado, referente a narrativa dos adolescentes que cumpriram ou estão em cumprimento de liberdade assistida. Como você é uma adolescente que já cumpriu, está no pós-medida né Ana, então eu escolhi você para ser uma das entrevistadas. Vou te fazer algumas perguntas, fica à vontade para responder, o que você sentir e quiser, sua identidade será resguardada, não vou citar seu nome nem sua imagem, apenas o que você falar, será escrito, não será ouvido por ninguém, por isso eu preciso que o áudio esteja bom. Você autoriza que eu use essa gravação como fonte de pesquisa?

T4- Ana: Sim

T5- P1: Ana..., minha pesquisa é, sobre o que eu quero entender e estudar..., sobre as narrativas dos adolescentes que cumpriram ou estão em cumprimento de medida. O que você pensa sobre você?...

Vou te fazer umas perguntas e você vai responder como quiser... aqui não é falando com a Fernanda Assistente Social, mas como a Fernanda que está te fazendo umas perguntas sobre a vida e você vai responder, é uma conversa, um bate papo.

T6- Ana: tá bom

T7- P1: Vamos lá... como é que você se vê, Ana?

T8- Ana: Assim... depois do Novo Olhar?

T9- P1: Não... na sua vida, pode pontuar o Novo Olhar, mas de uma forma como todo.

T10- Ana: Assim... é... bem melhor do que vamos supor do que há dois anos atrás. Eu acho que eu amadureci mais, sabe... eu aprendi com os erros que eu cometi no passado

T11- P1: Entendi... e, essa mudança você percebe em qual situação, esse amadurecimento?

T12- Ana: Como pessoa mesmo, assim...no amadurecimento, sabe? Me tornei mãe também..., aí tudo ajuda. A perspectiva de vida agora é diferente.

T13- P1: Quem é você, como você se descreveria? Ana eu sou..., quem é você?

T14- Ana: Agora eu me defino mãe né?! Que eu me tornei mãe, ... assim... é... uma mulher é..., agora eu me vejo mulher, porque há uns anos atrás eu não me definia como mulher, eu

me definia como menina, uma adolescente, agora eu vejo que eu me tornei mulher.

T15- P1: E você se vê mulher... Por que assim, que mudança assim Ana que faz você se ver como uma mulher?

T16- Ana: Porque agora eu tenho responsabilidade, eu me coloco no lugar de mãe, que antes eu não tinha..., esposa agora... eu tenho uma casa, eu tenho minha vida né... eu não tô mais com minha mãe.

T17- P1: Entendi... O que você pensa hoje sobre você mesma?

T18- Ana: Eu tô bem melhor...rsrsrs

T19- P1: Pode falar, fica à vontade...

T20- Ana: Assim..., eu gosto de quem eu sou hoje, sabe?... é melhor do que a Ana do passado, pra mim... eu melhorei...

T21- P1: Pode falar...

T22- S1: Assim..., a Ana do passado não tinha responsabilidades, não pensava antes de fazer, ia muito, por emoção, por cabeça dos outros, se deixava levar muito, sabe? ... não tava nem aí pra nada, não ligava pro que iam falar ou... fazia tudo o que queria.. e agora não..., agora eu... tudo o que eu vou fazer antes, eu penso pelo menos duas vezes antes de fazer, a responsabilidade aumentou bastante agora, só que de uma forma melhorada.

T23- P1: E o que que você acha que as outras pessoas dizem e pensam sobre você?

T24- Ana: Assim..., tem umas que acham que eu não mudei, tem outras que veem a minha mudança e falam realmente que eu mudei, só que é assim né..., tem muitas pessoas que falam bem, outras que já falam mal, que ainda julgam pelo passado, mas isso sempre vai ter.

T25- P1: E quem são as pessoas que falam bem e que falam mal? Você sabe?

T26- Ana: Tem os dois lados da família... a família que fala bem e fala mal, sempre isso assim...

T27- P1: Mas isso te afeta? O falar bem e o falar mal?

T28- Ana: Afetava muito antes, só que como agora eu sei que realmente eu mudei, o mal não me afeta sabe?... e o bem só me ajuda a melhorar.

T29- P1: Entendi... E o que você acha dessa opinião dos outros sobre você?

T30- Ana: Assim... vai de cada pessoa né?!... as pessoas que falam mal não veem que realmente eu mudei e as que estão..., que sabem que eu mudei, que convive comigo... por isso que falam bem, que veem a minha mudança de verdade assim... minha mãe, meu pai, as pessoas que convivem comigo realmente sabem que eu mudei.

T31- P1: Entendi... E Como você acha que sua mãe, seu pai e seu companheiro te **veem**? **As**

pessoas que estão próximas a você?

T32- Ana: Assim..., como a Ana de agora e não de antes sabe?, mudada, responsável, mais atenta, escuta mais as pessoas, respeita mais também né? Que antes eu não respeitava ninguém... agora eu respeito mais as pessoas... eu acho que... é... assim, eles me veem como a Ana boa agora... rsrs... porque antes eu me achava uma Ana ruim.

T33- P1: Você se achava e eles achavam ou você acha que eles que achavam?

T34- Ana: Eu achava e eles também... na verdade, antigamente eu não achava, eu vim perceber que realmente eu não estava me comportando de uma maneira correta depois que eu mudei mesmo, que eu fui olhar para o passado assim... e vi que eu não estava vivendo de uma maneira correta, tava vivendo de uma maneira errada e arriscada.

T35- P1: Você fala esse risco em que sentido?

T36- Ana: Assim... me meter com pessoas erradas, que mexiam com o tráfico, essas coisas assim sabe?...

T37- P1: E qual a importância das outras pessoas, dessas pessoas que você falou, seu pai, sua mãe, seu companheiro na sua vida?

T38- Ana: assim... são as pessoas que mais tão assim... que mais me ajudaram né... que mais me deram força para continuar, que tão sempre do meu lado, que ao invés de julgar, me ajudaram muito, por mais que... assim... eu tinha... assim... muitas brigas com minha mãe, só que graças a Deus isso já mudou, a gente já tá mais amiga, mais companheira uma da outra. Meu pai também, a nossa relação tá melhor, graças a Deus tá tudo se encaixando...

T39- P1: E você acha que sua relação com sua mãe mudou assim depois de algum momento? Em qual sentido?

T40- Ana: Mudou de algum certo momento... assim... na verdade, depois que eu mudei de casa, que eu mudei da casa dela, aí... a gente não tá mais morando na mesma casa, então a partir desse momento eu vi que a gente melhorou mais a convivência, por não tá convivendo dia a dia, a gente não briga mais como antes, não tem mais assim aquele conflito de antes.

T41- P1: Como você se vê a partir de agora?

T42- Ana: Agora... eu me vejo uma pessoa assim... disposta a mudar mais e mais a cada dia... é ... buscar progresso, mudança, não errar mais da forma como eu errei, não brigar mais com minha mãe, pai, companheiro, é... tá sempre aprendendo para educar meu filho de uma forma correta para que ele não cometa os mesmos erros que eu cometi.

T43- P1: Mas você acha que esses erros, eles contribuíram em que para sua vida?

T44- Ana: Assim... a melhorar bastante, porque assim... se eu não tivesse... tipo assim... como as pessoas falam, se eu não tivesse sido pega no erro, eu acho que eu estaria errando até agora, sabe? Aí... esse... assim... vamos supor, o sacode que eu levei com o erro que eu

tive me ajudou a acordar, ver que eu realmente não era aquilo que eu queria para minha vida, de tá com pessoas erradas, de se envolver com pessoas que mexem com coisas erradas, assim...

T45- P1: E hoje essas pessoas exercem alguma influência sobre você?

T46- Ana: Não, não mais, graças a Deus, eu não tenho mais contato com nenhuma delas que eu tinha no meu passado assim... de, vamos supor... de amizades erradas que eu tinha antes eu não tenho mais é... contato hoje.

T47- P1: Com relação a alguma questão assim que você vê hoje que não via no passado, você pode destacar alguma coisa, que hoje eu vejo que antes eu não conseguia ver isso aqui. Tem alguma coisa, Ana?

T48- Ana: Tem, hoje eu vejo que o mundo, vamos supor, das drogas, de diversão, de bebedeira, de saidera, não é tão bom quanto a gente imagina, quando a gente tá dentro desse mundo, a gente acha que é o melhor mundo possível, só que quando a gente saí de lá e vê que não era nada daquilo, que a gente de decepção mesmo de verdade, a gente vai ver que o certo mesmo é não estar no errado.

T49- P1: Com relação a questão emocional, você que falar alguma coisa sobre isso? Como você se vê em relação as questões que você viveu?

T50- Ana: Depois que eu... assim... me estabilizei, eu me estabilizei emocionalmente também, porque como você sabe e acompanhou eu tinha crises de ansiedade, eu me mutilava, essas coisas hoje em dia eu não tenho mais, eu realmente estou estável sobre isso, então é muito bom... assim... olhar pra trás e ver o quanto eu mudei.

T51- P1: Que bom ouvir, Ana... A gente sabe que foi um processo difícil que você viveu e passou e você hoje está contato essa história de uma forma diferente né?! Com um olhar diferente, uma visão diferente, com objetivos diferentes também né Ana, porque hoje você tem outros objetivos né isso?

T52- Ana: Sim, verdade. E hoje eu vejo o significado do nome Novo Olhar né... porque hoje eu me vejo com um novo olhar.

T53- P1: Pode falar mais se você quiser

T54- Ana: Porque, tipo..., o Novo Olhar me ajudou muito na questão de..., assim... de me relacionar com minha família, na questão emocional, você mesmo Fernanda me ajudou muito em momentos assim muito difíceis da minha vida que eu contei coisas pra você, que o Novo Olhar acompanhou a minha história assim, foi muito bom, gratificante ver que realmente o Novo Olhar ajuda pessoas assim como eu também.

T55- P1: Ana, muito obrigada pelo reconhecimento. Eu me alegro em ver você bem, me alegro mesmo assim sabe?! Em ver você bem, do jeito que você está hoje, eu desejo realmente assim que você continue cada vez mais melhorando. O que você falou me ajudou

muito, em minha pesquisa, obrigada pela contribuição.

T56- Ana: Se não fosse vocês eu não estaria onde eu estou agora, eu não teria evoluído como pessoa.

T57- P1: Eu que agradeço, Ana, por você ter permitido que eu realizasse meu trabalho, porque meu trabalho, o trabalho da equipe só conseguiu ir a frente, avançar porque você se permitiu né?! E... você é a grande protagonista de sua história

T58- Ana: Verdade... só que agora eu vejo que me favoreceu bastante e... eu realmente eu queria que os jovens que estão passando pelo Novo Olhar agora vissem que não é bobagem é pra vida, pra melhorar, porque eu que não foi só eu que errei né?... existe tantos jovens aí precisando de um apoio de alguém chegar assim e falar – eu tô com você, conta comigo - porque isso é muito gratificante, você ter alguém do seu lado para falar que tá com você, que conta com você, que você não é nada de ruim que as pessoas falam, é muito saber assim... existe pessoas como você e como a equipe do Novo Olhar que se preocupam com os jovens que acham que não tem esperança mais e acabam entrando na vida errada, fazendo coisa errada e quando conhece o Novo Olhar vê que não é isso, que tem pessoas que se importam que a sua vida vale mais.

T59- P1: E muito... vale muito pra gente... muito mesmo, pode ter certeza disso.

### APÊNDICE B – Transcrição da entrevista com Mary (nome fictício)

T= Turno de fala

T1- Pesquisadora- Mary-, boa noite! Nossa conversa agora será gravada através de gravador de voz, você autoriza a gravação?

T2- Mary- Autorizo

T3- Pesquisadora- Como é o seu nome?

T4- Mary- Mary.

T5- Pesquisadora- Você tem quantos anos?

T6- Mary- Tenho 18, vou fazer dezenove anos.

T7- Pesquisadora- Mary, eu vou estar gravando nossa conversa, nossa entrevista, você autoriza a gravação?

T8- Mary- Sim

T9- Pesquisadora- Ok! Então, eu queria começar nossa conversa, nosso bate-papo sobre a frase que te chamou a atenção, que tá ali escrita na entrada. E por que essa frase te chamou a atenção, Mary?

T10- Mary- Porque, tipo assim, as pessoas não me olham com o olhar que eu estou agora, sabe?, elas me olham... é... me julgam do que eu fiz lá atrás e tipo assim, é... eu falei essa frase porque eu vi aqui, eu falei essa frase muitas vezes pra minha mãe, sabe? Eu falo assim, você vai me ver com os olhos dos outros ou você vai me enxergar como se deve enxergar né... e... eu penso muito sobre isso, essa frase mexeu muito comigo porque as pessoas elas me olham com um outro olhar, não me olham como se deve olhar, sabe? Elas olham assim... seu... sua aparência, não olha meu interior, sabe?! não vê as coisas boas que eu faço, só vê o que eu já fiz de errado e tal... é... também... julgamento... me julga pelas minhas tatuagens, me julga por eu tá fazendo acompanhamento aqui e... essa frase meche muito comigo...

T11- Pesquisadora- Vou ler aqui pra gente registrar, a frase é: “Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?” E que olhos dos outros seriam esses, Mary?

T12- Mary- Assim... olhos da sociedade, sabe?!

T13- Pesquisadora- Como é que a sociedade te vê?

T14- S1: A sociedade me vê como uma menina que... faz acompanhamento... em uma... ai meu Deus, eu fico até nervosa... uma menina que já... fez muita coisa errada, já... usou droga, já vendeu droga e, tipo... ela não me olha como eu já fiz aquilo e evolui, eles me olham como eu faço isso e tô... e sou... sei lá uma usuária e tal... sou uma traficante pra eles entendeu?! E... complicado...

T15- Pesquisadora- E como é que você se vê?

T16- Mary- Assim, eu me vejo uma pessoa que... tô me esforçando pra mim mudar cada dia, independente dos meus erros do passado, tô procurando evoluir... eu estou estudando... passo muitos conflitos dentro de casa com minha mãe e nossa convivência nunca deu certo, mas eu tento evitar o máximo, sabe?! Porque... eu quero evoluir, eu quero ser alguém melhor, quero ser alguém melhor pra mim, quero ser alguém melhor pra minha família e... é isso.

T17- Pesquisadora- E hoje, como é que você se vê?

T18- Mary- Assim... eu me vejo como uma adolescente que já passou por muitas coisas, mas que tá procurando mudança.

T19- Pesquisadora- E como você vê esses outros?

T20- Mary- Assim... eu vejo como pessoas que... não sabem é... não sabem me ver como que sou hoje, entendeu? Só sabem me ver como que eu era, como eu fiz e tal.

T21- Pesquisadora- E você acha que esse olhar do outro reflete sobre você?

T22- Mary- Sobre me prejudicar?

T23- Pesquisadora- Sim...

T24- Mary- Assim... na maioria das vezes sim, porque... eu quero fazer uma coisa, mas eu sou criticada, e... me prejudica, mas até então eu procuro não ligar muito para as pessoas, sabe?!... porque sempre vai falar, sempre vai criticar, e eu procuro evoluir a cada dia, procuro dar o meu melhor, o meu máximo, não é que... eu... aprontei muito e tô querendo ser melhor que ninguém e agora que eu virei santa, não é isso, é porque eu quero evoluir, quero ser alguém melhor pra mim e para as outras pessoas que realmente me amam e... as outras pessoas lá fora é... triste né?!... elas pensarem assim dessa forma de mim, mas é... eu não procuro muito não dá ligança, entendeu?! Porque... elas não vai mim... ai meu Deus... eles não vai me ajudar, só vai me criticar, então eu procuro dar o meu máximo em tudo.

T25- Pesquisadora- E esse olhar do outro é sempre o olhar de crítica ou também tem o olhar daquelas pessoas que te apoiam?

T26- Mary- Sim, é... muitas pessoas que me apoiam, eles me apoiam, falam: - nossa, você tá mudada, você tá diferente, você tá linda, você tá com umas ideias incríveis, cê tá evoluindo, parabéns e... eu me sinto... me sinto bem, sabe?! Como esses elogios e me incentiva a ser ainda mais melhor.

T27- Pesquisadora- Quem seriam essas pessoas?

T28- Mary- é... Meu namorado me incentiva muito, minha vó, meu avô, meus tios, tenho alguns amigos também de escola que falam: - nossa, pelo seu passado é... você tá uma pessoa incrível, parabéns.

T29- Pesquisadora- E que passado é esse que as pessoas se referem?

T30- Mary- É... eu já vendi droga por conta de conflitos com minha mãe, eu achava que o crime era um conforto pra mim e... eu sofria muito, sabe?!... com a convivência com ela, ela me teve muito nova e... parece que a maturidade dela ficou lá, lá trás nos vinte anos... ela me culpa muito pela vida dela ser o que é hoje, ela não estudou, é... ela fala que é culpa minha, mas não é porque minha avó sempre me criou e... como ela teve filho... como ela me teve muito nova, ela acha que eu sou a culpada de tudo de ruim da vida dela, mas minha vó não pensa isso, ela fala que me ama e que... eu não fui um erro na vida dela, na vida de ninguém e se Deus me permitiu que eu nascesse é porque Deus tem um plano na minha vida e... é isso... às vezes isso desanima né?!, essas palavras dela, mas eu procuro me afastar mais dessas negatividades.

T31- Pesquisadora- Você ainda mora com sua mãe, Mary?

T32- Mary- Assim... eu tava morando sozinha lá na Chapada Diamantina, mas meu namorado, aí a gente tá passando uns dias aí na casa dela. Tá rolando uns conflitos aí entre a gente, porque ela gosta de levar homens pra lá e tal, sabe?! E com ele lá, ela sente... não sei o que ela sente, ela não gosta dele, porque ele cuida de mim, sabe?! E... sei lá... ela só Deus na causa.

T33- Pesquisadora- Você e seu namorado estão juntos há quanto tempo?

T34- Mary- Há quatro anos, é..., há quatro anos e ele me ajuda em tudo, me incentiva a ser

melhor, me apoia, não vou dizer que me apoia em 100%, mas é... ele fala o que tá certo, o que tá errado, o que ele acha. Não é que ele me apoia nas minhas coisas erradas, mas ele me dar conselhos e, tipo... me conforta sabe?! Ele fala... você não precisa disso, você não precisa daquilo, é... fala para mim tentar evoluir, pra mim continuar evoluindo, pra mim ser essa pessoa que eu sou, pra mim não perder minha essência por causa de ninguém, é isso...

T35- Pesquisadora- Você está estudando aqui ou na Chapada?

T36- Mary- aqui

T37- Pesquisadora- Qual o turno?

T38- Mary- Noite

T39- Pesquisadora- Que série você está?

T40- Mary- Tô fazendo 1º e 2º ano.

T41- Pesquisadora- Qual é sua relação com a escola? Antes e hoje?

T42- Mary- Antes eu era uma criança muito atentada, mas eu procurei evoluir, eu... ano que vem, acho que eu já termino, se eu passar esse ano para o terceiro ano do ensino médio e... eu consigo terminar meus estudos. Eu sou muito comunicativa com meus colegas, é... respeito eles, eles me respeitam... gosto de estudar...

T43- Pesquisadora- Já perdeu de ano alguma vez?

T44- Mary- já, já... é... por conflitos com minha mãe eu não estudava, eu não gostava de ir à escola, era uma criança muito... muito rebelde... e... não sentia o amor dela, nunca sentir... ela nunca me deu amor que eu precisava e eu fui uma criança muito rebelde, sabe?! Não queria saber de nada, só que ficar brincando na rua, era aquelas crianças que a mãe falava “banda voou”, não queria estudar, não tinha incentivo para estudar... daí eu fui crescendo e fui percebendo que os estudos faz parte da nossa vida e é essencial pra o nosso crescimento e... eu tô estudando né... como te falei, eu terminar meus estudos, fazer faculdade, vou fazer curso técnico e... tô assim, sempre procurando evoluir.

T45- Pesquisadora- Você pretende fazer faculdade de que, Mary?

T46- Mary- Assim, não é bem uma faculdade, sabe?! É um curso técnico, mas eu quero fazer uma faculdade, eu quero fazer administração e... depois que eu fazer administração, eu vou estudar pra mim ser PRF (Polícia Rodoviária Federal) que é meu sonho e é isso, né...

T47- Pesquisadora- Com relação ao ato que te trouxe pra medida, quais reflexões você faz?

T48- Mary- Tudo o que eu passei foi um aprendizado e... eu aprendi muito, aprendi a evoluir... aqui também me dá muito apoio, não me vê com os olhos da sociedade, me vê com outros olhos e... eu me sinto bem, sabe?! Cada vez que vocês me ajudam eu... a auto estima fica elevada, sabe?! Eu consigo, eu penso assim, eu posso, eu consigo, eu quero, eu vou conseguir... não vai ser fácil, porque nada no mundo é fácil, mas também, com muito esforço eu vou conseguir.

T49- Pesquisadora- Quando você olha pra trás, como você se vê?

T50- Mary- ai... complicado viu... eu me via como uma adolescente desestruturada, não tinha apoio de ninguém, era rebelde, e hoje eu me vejo como uma pessoa que passou por tudo aquilo, mas que não deixou aquilo afetar futuramente, né?... afetar em algumas coisas, afetou, mas tô buscando me reconstruir, tô buscando ser alguém melhor e acho que é isso importa né?! Do hoje, isso que importa a gente ser melhor que ontem, não melhor do que ninguém, mas melhor do que a gente mesmo a cada dia e... é isso... a gente buscar evoluir, buscar ser alguém melhor, isso é essencial pra nossa vida.

T51- Pesquisadora- Você citou as tatuagens... você acha que as tatuagens elas te estigmatizam? Trazem algum julgamento sobre você?

T52- Mary- trazem... e... tipo assim... eu não gosto delas não porque as pessoas falam: “ah, suas tatuagens é feia e tal” – mas, porque eu não gosto mesmo, sabe?! Porque na verdade eu fiz, foi uma coisa que eu fiz e me arrependi, essas tatuagens... Eu só gosto dessa do peito e essa aqui que é uma frase.

T53- Pesquisadora- Que frase é essa?

T54- Mary- “É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”

T55- Pesquisadora- Interessante... Essa coisa do olhar te atravessa, né?!

T56- Mary- É...

T57- Pesquisadora- E você gosta dessa por quê?

T58- Mary- Porque, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu que parar minha caminhada, né?! Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu?! Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, uma aviozinho lá no passado, mas que eu evolui, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rrsrs

T59- Pesquisadora- E as outras tatuagens você não gosta por quê?

T60- Mary- Assim, essa daqui foi porque era um gatinho ai acabei fazendo uma flor, mas essa flor está ridícula, horrível eu não gosto dela, essa daqui também não gosto, esse aqui é o nome da minha mãe, eu me arrependi porque como eu já te falei a gente não tem amizade alguma ela não me ama e eu me arrependi e... e essa aqui é porque fiz quando eu tava no crime.

T61- Pesquisadora- Ela representa o quê essa daí?

T62- Mary- Eu não sei muito o que representa essa tatuagem mas ela representa ... assim na minha cabeça eu achava que chorar agora e ri depois eu achava que eu ia chorar, por exemplo, tô chorando agora mas amanhã posso sorrir entendeu? Mas para a sociedade, a sociedade lá fora isso é um ... representação ao crime.

T63- Pesquisadora- É?!

T64- Pesquisadora- essas duas máscaras?

T65- Mary- E ... eu fiz porque eu achava na minha cabeça que tipo assim eu tô chorando agora, mas amanhã eu posso sorrir, eu achava esse significado bom, só que depois eu fui saber o verdadeiro significado eu me arrependi que é associação ao crime.

T66- Pesquisadora- ahhhh ... e as outras?

T67- Mary- e as outras... tem essa aqui na perna com o nome “fé”, porque eu tenho muita fé e... tipo assim, a fé move montanhas, move tudo, se você tem fé você consegue e eu gosto dessa tatuagem também não pela tatuagem, mas pelo nome, porque fé é uma coisa muito legal, tipo, eu tenho fé eu vou vencer, tenho fé que daqui... não sei... daqui... oito anos eu posso ser uma PRF, entendeu?! Posso ser uma pessoa melhor, posso ter uma família linda, posso ser uma mãe maravilhosa, tudo que minha mãe não fez por mim, eu quero fazer por meu filho futuramente, não agora pois não penso em ter filho agora, mas futuramente sabe?! eu quero ser uma mãe maravilhosa para a criança, quero dar amor, quero acolher, não quero

tratar igual a minha mãe me tratou, o que foi um gatilho para mim no crime entendeu!?

T68- Pesquisadora- como ela te tratava?

T69- Mary- Nossa convivência era muito ruim, sabe?! ela foi uma mãe que... como eu te falei ela engravidou muito cedo, não teve maturidade suficiente e... colocava muito a culpa em mim por eu ter nascido, por ela ter parado de sair, parado de fazer algumas coisas, pelo meu avô ter puxado a orelha dela sempre, para ela cuidar de mim, pois ela não gostava, e ela me culpa muito por isso, sabe?! nossa relação nunca deu bem, porque eu sempre fui um erro na vida dela e... ela me fala ia me abortar, ia me dar... só que minha vó não deixou ela me dar, minha vou não deixou. aí ela não me deu...

T70- Pesquisadora- ela só tem você?

T71- Mary- só, porque as outras ... uma morreu

T72- Pesquisadora- depois de você ou antes?

T73- Mary- depois de mim e a outra ela deu, aí eu sou a única que restou.

T74- Pesquisadora- você tem contato com essa irmã que ela deu?

T75- Mary- Não, não, eu tentei procurar ela, mas a mulher que minha mãe ajeitou não quis sabe?! Não quis falar comigo, não quis meu contato, procurei pelo WhatsApp, sabe?! só que essa mulher disse que não queria contato comigo e que não sabia de nada, aí eu falei, tá bom então, aí tô aí... se um dia minha irmã que ela deu eu vou explicar para ela que na época eu tinha meus nove anos, que eu era criança, também, entendeu?! e se eu tivesse pelo menos 12 anos eu pegava ela e sumia aí, mas não dava ela sabe? Todo mundo da família não queria dar ela, só que minha mãe era muito imatura e até hoje é e... quero falar pra ela que quanto ela ia ser amada por mim, não sei ia ser amada pela mãe, mas por mim ia ser muito, porque meu grande sonho era ter uma irmã, ter alguém protetora, acolhedora, para me acolher, para me acolher ... entendeu?! E logo a frente que sabe a gente se reencontra e tal...

T76- Pesquisadora- ela filha do mesmo pai que você?

T77- Mary- não, é filha do meu outro padrasto.

T78- Pesquisadora- e seu pai você tem contato?

T79- Mary- tenho, ontem eu tive uma reconciliação com ele sabe?! E a gente tá tentando se reaproximar, porque minha mãe cortou contato meu com ele, ela era uma mãe muito braba, ainda é, fazia muitas coisas com ele e por conta disso parou de ir me vê e tal ... e a gente perdeu contato, não só perdeu o contato, mas perdemos o amor que ... sabe?! Que era pra ter e hoje tamos aí, né? Eu cresci e ele também muito maduro, muito amoroso, um pai incrível, acho que se eu tivesse sido criada com ele eu ia ser alguém uma pessoa melhor, mas não me arrependo por ter sido criada por minha vó, porque isso foi para me amadurecer, talvez se eu não tivesse passado por tudo isso que eu passei eu não taria com minha mente como eu tô agora, com meus pensamentos ... é meus planos para o futuro e tudo que eu passei foi necessário pra me amadurecer.

T80- Pesquisadora- Entendi, e seu pai tem outros filhos?

T81- Mary- tem, ele tem cinco filhos.

T82: Pesquisadora- e como seu pai te vê?

T83- Mary- Ah... não sei te explicar como ele me vê, mas... eu acho que ele me vê como a filha que foi afastada dele, sabe?!, que não teve amor com os irmãos, igual ele me falou ontem... que minha mãe é... foi um pivô, sabe?! da nossa na separação, da nossa relação entre pai e filha e que ela atrapalhou nisso, mas que.. agora poderíamos não ... não... sei lá...

não ser, né?! igual deveria ser, mas tentar uma reaproximação, tentar ter aquele amor de pai e filha.

T84- Pesquisadora- Entendi, e esse momento foi construído por você? você chamou seu pai para conversar? Como é que aconteceu?

T85- Mary- Assim... ele sempre veio atrás de mim, mas como minha mãe “enrabava” ele de faca e tal, para ele dar pensão sendo que ele dava, ele ajudava em que ele podia, ele também não é rico, ele é aposentado, meu pai tem 71 anos, 72... e na época que ela começou a correr atrás dele ele já era idoso e tal... tipo assim, ele é uma pessoa bem madura, sabe?! aí preferiu não ir na casa dela e... não... sabe?! Me procurar muito, mas ele mandava mensagem pelo celular das minhas irmãs, a gente sempre conversava pelo celular e tal, mas nunca tivemos uma aproximação, sabe?! Aquele amor que você sente por seu pai, que seu pai te protege, que te acolhe, eu não senti isso dele, mas... agora é... vou tentar essa reaproximação e... ele falou que vai tentar, vai não, vai ser um pai melhor que ele é, que ele foi para as outras filhas, criou todas elas, e comigo não vai ser diferente, enquanto ele tiver com vida que ele vai me amar... não vai me dar bens matérias, né?!, mas vai me dar amor, a gente vai sair juntos, vai ter aquela relação de pai e filha, sabe?!, vamos recomeçar do zero.

T86- Pesquisadora- E quais são seus planos hoje assim você vai ficar aqui em conquista ou vai voltar para Chapada?

T87- S1: assim, meus planos é... vou continuar em Conquista... é ... vou morar com meu namorado, que a gente mora juntos desde os meus 14 anos, sempre a gente morou com minha mãe e com meu pai, meu pai não, com minha mãe, eu morei com a mãe dele, moramos sozinhos e hoje a gente vai morar juntos, ele vai terminar os estudos dele.

T88- Pesquisadora- ele tem quantos anos, Mary?

T89- Pesquisadora- Ele tem 23 anos, mas tem cara de 18 anos.

T90- Pesquisadora- ahh é?!

T91- Mary- é, ele é bem lindo...

T92- Pesquisadora- então deve fazer um casal bem lindo, pois você também é linda.

T93- Mary-sim, todo mundo fala. E por ele ser 4 anos mais velho, ele tem uma mentalidade mais avançada que a minha, uma responsabilidade enorme, ele é uma pessoa incrível, e não e porque a gente é “novos” que... a gente vai ser aqueles casais que não quer nada com a vida e tal... a gente pensa muito sobre querer alguma coisa com a vida ... é ... a gente pensa em ter filhos futuramente, quando a gente ter a nossa casa, nossa casa própria e... meus planos para o futuro é ficar com ele, terminar logo meus estudos, ele também vai terminar os estudos dele, arrumar um trabalho, fazer um curso técnico de administração que te falei, depois... eu vou estudar, é continuar estudando para mim virar PRF e trabalhar ao mesmo tempo, e ele me ajudando dentro de casa e tal. Depois disso, a gente vai, nós vamos é ... depois que eu formar, depois que ele se formar também, depois nós dois tivermos organizados vamos casar antes ou depois, né?! E vamos ter filhos e é isso.

T94- Pesquisadora- que lindo! É o que nos move, né?! É um projeto que a gente constrói, a meta que a gente elabora para construir esse projeto e a expectativa que nos coloca em movimento é a expectativa por algo melhor, né?! por algo é... que a gente idealize, que vai se concretizar futuramente ...é ... o seu depoimento me emociona... de fato porque a gente que trabalha com medida, já um tempinho, costuma vê muitas coisas, né?! E ... eu fico feliz por ouvir sua fala porque ... também me traz esperança. A sua esperança move minha esperança

é... e quando eu me proponho a estudar sobre esse olhar da gente, porque o olhar da gente não é da gente só, nosso olhar também é carregado pelo olhar do outro, e eu..., vendo você falando aí me deu a impressão e eu queria que você confirmasse ou não, me parece que você conseguiu separar um pouco, né?! Porque durante um tempo você carregou esse olhar do outro sobre você como seu. É assim mesmo?

T95- Pesquisadora- sim

T96- Pesquisadora- e hoje você consegue perceber e separar?

T97- Mary: sim

T98- Pesquisadora- porque você não tá mais nesse lugar... que esses olhos estão ainda, e isso é uma auto percepção que você chegou e uma autorreflexão que você fez. Essa outra tatuagem que está aí tem um nomezinho, que nome é esse?

T99- Mary- nenhum sofrimento é eterno.

T100- Pesquisadora- E o que te moveu a escrever isso?

T101- Mary- na época eu tava sofrendo muito, sabe?! Aí falei eu vou tatuar que nenhum sofrimento é eterno.

T102- Pesquisadora- Entendi. Você lembra quanto tempo tem essa tatuagem?

T103- Mary- tem... acho que 4 anos.

T104- Pesquisadora- e você fazia o que para poder aliviar esse sofrimento?

T105- Mary- é ... me cortava, é ... tentava diversas o suicídio...

T106- Pesquisadora- você tentou o suicídio como?

T107- Mary- eu tomei água sanitária, cortou tudo por dentro de mim, eu fiquei mal, mal, malzona, quase morri, mas na época meu padrasto me levou para o hospital e eu fiquei bem depois. E me cortava e... teve uma vez que eu me joguei na frente do carro só que ele parou, na hora que eu me joguei o carro parou de vez, não sei como ele conseguiu, né?! Mas ele parou e... me enforcava, batia na minha cabeça, andava sozinha de madrugada, eu gostava de andar sozinha na rua, já fui diversas vezes para a pista e lá passava muitas carretas, sabe?! E eu pensava muito em matar, ficava sentada na pista ... e era horrível, sabe?! Hoje eu vendo isso é horrível o senhor humano chegar a esse ponto de querer tirar a própria vida por conta... sei lá?! Do que ocorreu, do que ainda ocorre, né?! mas hoje eu não penso mais dessa forma, penso positivo, não vou dizer que eu penso sempre 100% positivo, eu sou ser humano, mas eu penso bastante positivo e as negatividades, eu tento descartar da minha vida, sabe?!já não faz mais parte de meu vocabulário

T108- Pesquisadora- Entendi, e tem alguma outra tatuagem que é muito simbólica para você?

T109- Pesquisadora- hummm

T110- Pesquisadora- essa daqui do peito, dois triângulos, né ?! O que representa?

T111- Mary- é um significado muito bom, mas eu esqueci o significado, eu fiz por causa de uma cantora, ela é de periferia, ela tá lutando para sair dessa vida e ela é tipo... me influenciou muito, sabe?! Ela é pobre e ela usa a cultura, usa a música para distrair, para fazer coisas legais e ... ela me motivou por muito tempo... e... esse triângulo significa alguma coisa boa, não sei o que que é.

T112- Pesquisadora- mas te traz algo bom, né?!

T113- Mary- sim, eu me sinto bem com esse triângulo.

T114- Pesquisadora- eu percebo que a rosa também tem uma simbologia para você, Você

tem três, né?!

T115- Mary- a rosa é porque eu me acho uma flor, sabe? Eu sou carinhosa e tal... eu sou uma menina doce ... e eu gosto muito da rosa, não dá tatuagem, porque eu me arrependo de ter feitas muitas tatuagens que... eu sinto vergonha delas.

T116- Pesquisadora- por quê?

T117- Mary- porque é uma coisa que eu me arrependo, eu era muito nova, entendeu?! E ... seu eu pudesse eu não tinha nenhuma, pretendo remover futuramente essa daqui antes de eu entrar para PRF eu vou tampar porque eu não posso, sabe?!eu fiz isso na minha adolescência, mas pode me trazer um risco futuramente, porque como eu já te falei simboliza o crime e lá eles não aceitam, antes de entrar eu vou ter que tampar ou remover

T118- Pesquisadora- realmente

T119- Pesquisadora- é.... com relação o uso de substância Mary, tem histórico de uso de substância?

T120- Mary- assim, eu não gostava de usar eu só vendia, mas ai quando você fica muito influenciada pelas aquelas coisas você acaba, sabe?! E eu usava maconha.

T121- Pesquisadora- Foi tranquilo parar?

T122- Mary- foi, eu não viciiei não

T123- Pesquisadora- Entendi

T124- Pesquisadora- e a questão da ideação na época você chegou a tomar medicamento por conta da automutilação?

T125- Mary- tomei, tomei... só que minha eu te disse que ela é muito ignorante, ela cortou os medicamentos, e falou assim: “a universal vai te curar” e... sobre essa fala dela aceitei né?! adolescente, ai acabei que... os remédios... os tipo assim... a depressão para mim é acolhimento, eu me sentia bem sozinha por conta dos conflitos que eu tinha com ela e.... hoje eu não me considero que eu tenha mais, sabe?! Eu estou tentando evoluir, mas... eu acho ... sei lá ... é uma coisa que me acolhia, me sentia depois que... meio que parei de fazer essas coisas, eu fui para tráfico e desandou minha vida, eu achava que era bom pra mim, mas não era bom pra mim, me prejudicava... na época, eu achava que era um conforto para mim, eu gostava de estar lá, era um conforto para mim, mas... que hoje eu vendo assim é... não foi bom para mim, mas me ensinou muitas coisas, a evoluir...

T126- Pesquisadora- Entendi

T127- Pesquisadora- Mary eu vou parar por aqui, você tem mais alguma coisa a falar, registrar...

T128- Mary- Não.

T129- Pesquisadora- Muito obrigada por sua contribuição!

**APÊNDICE C – Transcrição da entrevista com Renato**

T= Turno de fala

T1- Pesquisadora- Renato- Boa tarde!

T2- Renato- Boa Tarde!

T3- Pesquisadora- Como você está?

T4- Renato- Estou bem.

T5- Pesquisadora- Eu agora vou está gravando a nossa conversa, você autoriza a gravação?

T6- Renato- Sim, eu autorizo.

T7- Pesquisadora- Essa gravação vai ser utilizada para o meu texto de dissertação do mestrado em Ensino. Ok?

T8- Pesquisadora- A primeira pergunta que eu queria fazer para você é como você se vê em relação a vida, a você?

T9- Renato- Eu acho que sou uma pessoa extrovertida, em certos momentos, sou uma pessoa divertida. Acho que tenho muito amigos e amigos bons. Sou uma pessoa em determinado momento estudiosa, mas acho que também procrastino demais. rsrs... é..., eu me acho uma pessoa inteligente, e uma pessoa curiosa no geral.

T10- Pesquisadora- Você se vê assim?

T11- Renato- Humrum...

T12- Pesquisadora- E como você acha que os outros te veem (pode ser ponto positivo ou negativo):

T13- Renato- Eu acho que é da mesma forma que eu penso, porque o que eu vejo em mim é o mundo que eu escuto de outras pessoas.

T14- Pesquisadora- E quem seria essas pessoas?

T15- Renato- Meus amigos mesmos, é porque eu me sinto mais à vontade para ser quem realmente eu sou.

T16- Pesquisadora- E quem seriam realmente?

T17- Renato- Ah ... fazer mais piada, fazer mais graça, é... falar abertamente o que eu penso em relação algumas coisas, questões sociais, éeee.... até gostos pessoais mesmo que é muito compatível.

T18- Pesquisadora- E como você vê os outros? (os outros aí é são os outros diversos, não alguém específico).

T19- Renato-Eu vejo todo mundo de forma empática, tento entender a situação de todo mundo, e tendo me adequar o que a pessoa gosta, do estilo da pessoa, e fazer com que pessoa

se sinta mais confortável. Sempre tento procurar esse meio termo assim tá, para não incomodar ninguém e tal. Com o andamento eu tendo mais liberdade, vai ter algumas discordância que pode gerar alguma coisa e acaba incomodando um deles, mas não gera muito conflito, não brigo com meus amigos muito. Com a família eu sou próximo, mas nem tanto, eu acho que tenho uma relação mais fria mesmo, com quase ninguém eu tenho uma relação de amizade.

T20- Pesquisadora- E o que você consideraria essa relação de amizade?

T21- Renato- Eu acho que é mais confiança para falar sobre pensamentos, sobre opiniões, sobre o que eu espero na vida, da minha vida no caso, éeeee, dar opinião também do que você acha dos outros, e também sentir confortável para falar coisas que não falaria para maioria das pessoas.

T22- Pesquisadora- Entendo!

T23- Pesquisadora- Você acha que você hoje recebe influencia dessas pessoas diferentes?

T24- Renato- Acho que sim, mas não influencia a ponto de mudar totalmente quem eu sou.

T25- Pesquisadora- E como você percebe essas influências em você, em que sentido?

T26- Renato- Eu acho muito em gírias, em algumas manias que acabo pegando, e eles pegando de mim também, éeee..., alguns tipos de brincadeiras que a gente faz entre si e a gente vai adequando ao que outras pessoas. Agora em questão de opinião acho que não mudo muito porque eu tenho algumas opiniões bem estabelecidas sobre tudo e acho que meus amigos também tem, muito deles concordam comigo, tem outros que discordam sobre determinados pontos ou completamente, mas a gente conseguiu ter uma relação harmônica.

T27- Pesquisadora- Apesar da discordância, né?! Entendi

T28- Pesquisadora- Como é a sua relação com a escola me fale um pouco?

T29- Renato- Hoje em dia está sendo uma relação bem ruim, assim... o ambiente escolar é um ambiente muito bom tanto com os professores quanto com os alunos, é... eu ainda bem agradeço por todos os meus professores, eles são ótimos! É... eu tenho uma relação muito boa com todos eles, muitos deles tenho uma relação de amizade mesmo, é..., e por causa disso acho que melhora até meu aprendizado, entender as coisas que eles falam, como eles explicam. Agora com a fala, tipo acadêmico, eu acho que está bem cansativo ultimamente, mas bem complicado tá subindo o nível, mas acho que tá normal, só que a gente vai ter trabalho para adequar e acostumar com esse ritmo mais acelerado e com os assuntos mais difíceis que nos são passados. Ah! e com colega de classe também não tem muita briga não, tem uma certa pessoa lá que a gente tem muita desavença, só que nos últimos dias ele não tem ido por causa de suspensão que ele levou, éee... aí não tem tido muito conflito não.

T30- Pesquisadora- Entendi

T31- Pesquisadora- E você já perdeu de ano alguma vez?

T32- Renato- Não, nenhuma. Cheguei perto no oitavo ano, eu fiz recuperação final, mas não perdi

T33- Pesquisadora- E como é a sua relação com a leitura?

T34- Renato- Eu leio bastante, gosto muito de lê de tudo (de livro, de mangá, hq, às vezes leio notícias), gosto muito de ler.

T35- Pesquisadora- Qual é o tema que te chama mais atenção para leitura, para estudo, conhecimento?

T36- Renato- Gosto muito de história, literatura em geral,

T37- Renato- Você quer saber sobre o gênero também?

T38- Pesquisadora- Tudo que você quiser falar sobre isso, fica à vontade.

T39- Renato- O Gênero que eu gosto, eu gosto muito de romance, romance psicológico, biografia criminal e..., é... terror, ficção científica bem raramente.

T40- Pesquisadora- Tem algum autor preferido?

T41- Renato- Ultimamente tenho gostado muito de Collen Hoover, que é uma autora americana de livro de romance é... e... também gosto muito da Marie Shore, que é uma escritora já morta e de livro de terror romanista.

T42- Pesquisadora- Então sua relação com a escola, você vê a escola com algo bom?

T43- Renato- Vejo, bastante.

T44- Pesquisadora- Vamos falar sobre a medida, ok?!

T45- Pesquisadora- A medida socioeducativa contribuiu em sua vida? Em quê?

T46- Renato- Rs Acho que teve, voltando a primeira pergunta, é..., eu acho que contribuiu muito para formar, a medida é estranha, para formar que eu sou hoje em dia e para me fazer refletir sobre o acontecimento, embora antes da medida eu já vinha refletindo, a medida me ajudou a entender algumas coisas que não estão totalmente claras para mim, me ajudou a discutir, ou, como pensar em situações, como agir em relação a discussões dentro de casa, discussões familiares, que eu não sabia como lidar.

T47- Pesquisadora- E hoje como é essa relação?

T48- Renato- Hoje em dia eu tento manter a paz o máximo possível, foi a decisão mais assertiva, e tentar ouvir todos lados, tentar fazer algo que agrade todo mundo ou pelo menos não desagrade todo mundo.

T49- Pesquisadora- E você acha que sua família te vê como?

T50- Renato- Eu acho que depende do momento, às vezes eu vejo que eles me acham um orgulho e que tem alguns momentos que eles mostram o contrário.

T51- Pesquisadora- Você conseguiria explicar em qual situação?

T52- Renato- eu acho que no sentido acadêmico eles tem muito orgulho de mim, porque eu sou uma pessoa muito dedicada, pelo menos eu tento ser, é..., mas em sentido, por exemplo, opiniões e a concordância em religião, também, em seguir a fé que eles professam, acho que não atendo as expectativas deles.

T53- Pesquisadora- E como você os vêem?

T54- Renato- Eu vejo nossos pais, rsrs... acho que não tem muito o que eu falar, eu vejo eles como autoridade, respeito, porque é necessário para a convivência e harmonia dentro de casa e eu acha que mais isso. Só que não vejo eles como confidente não.

T55- Pesquisadora- E com a sociedade, como você acha que a sociedade te vê, como você vê essa sociedade?

T56- Renato- Acho muito, meio que preconceituosa na maioria das vezes e não sei como explicar não, preconceituosa, acho muitas vezes retrograda, mas vejo que hoje em dia da pra perceber mudança nela, agora que a sociedade eu vejo mesmo que não sei, não faço mínima ideia do que achar.

T57- Pesquisadora- Ai a gente poderia entender a sociedade em relação a você são os espaços sociais que você está, sua família, seus amigos, familiares, também, parentes, grupos de igreja se você frequenta, essas são as pessoas que compõe a sociedade que a gente está. Nesse contexto social diverso você acha que há diferentes formas de te vê?

T58- Renato- Acho que cada um age como eu falei, como rebela diferente tipo de pessoa que tá em um ambiente, acho que o ambiente também... éee... vai se adequar a pessoa e eu me adequo junto.

T59- Pesquisadora- Com relação a medida, você disse que ela contribuiu para você enxergar melhor algumas coisas, saber se portar em algumas situações, o que mais você poderia acrescentarem relação a sua experiência de ter e estar cumprindo medida socioeducativa?

T60- Renato- Vejo de uma forma muito leve, embora acho que meus pais levaram de uma forma muito pesado, um castigo ou algo assim, de certa forma foi só que eu levei como uma forma de aprendizado e uma experiência que poderia tirar proveito para crescer futuramente, não futuramente , durante a medida em si.

T61- Pesquisadora- Eu queria que você falasse Renato sobre esses projetos futuros a partir do que você viveu nesse presente, da medida, da sua experiência escolar. Como você vê esse futuro a partir do que até agora você vivenciou?

T62- Renato- Acho que... éeee... vai dar para cumprir minhas metas, no futuro próximo, quando completar a maioridade, éeee..., também me entender, saber qual o caminho profissional que quero ir e dedicar para isso máximo possível e planejar planos futuros para tentar conquistar, acho que isso é importante para a meta.

T63- Pesquisadora- E esses projetos profissionais envolvem a sua formação escolar?

T64- Renato- Eu quero terminar a escola, depois uma faculdade, ainda não sei exatamente qual, eu queria de uma faculdade pública de preferência.

T65- Pesquisadora- Por quê de preferência uma faculdade pública?

T66- Renato- Acho que não gosto da metodologia de faculdade particular e eu também durante a faculdade pretendo seguir a carreira que eu escolher, quero fazer mestrado, doutorado e fazer pesquisa na área quando possível, acho que na faculdade pública é mais fácil que na faculdade particular.

T67- Pesquisadora- De fato! Você já fez algum curso fora da escola? Se sim, quais?

T68- Renato- Atualmente eu faço alguns cursos fora da escola, inglês, piano e estou procurando outra língua para aprender, uma língua de preferência mais diferente digamos, eu pensei holandesa e russo, só que russo eu não gosto muito do país não e a holandesa eu achei uma língua germânica igual o inglês, eu queria uma língua diferente, só que não me interessa por línguas asiáticas, tipo Japonês, Coreano, eu estava procurando uma outra.

T69- Pesquisadora- Por que você não se interessa pelas asiáticas?

T70- Renato: Eu não sei, acho que a cultura não me interessa, embora eu acho que são países muito bons e eu sonho um dia em conhecer lá, eu não me interessa muito por falar a língua, eu acho que o alfabeto muito complicado, embora eu também não cogito hebraico acho que a língua fala em Israel mesmo, porque eu tenho uma amiga que mora lá e ela falou que não é tão difícil.

T71- Pesquisadora- Você fala Inglês? Desde quantos anos? Você é fluente?

T72- Quase, eu termino o curso o ano que vem e eu faço Inglês há cinco anos eu acho.

T73- Pesquisadora- Você está com quantos anos agora?

T74- Renato- Eu hoje estou com 16 anos.

T75- Pesquisadora- Você faz piano desde quando? Fala um pouco sobre sua experiência musical?

T76- Renato- Eu faço piano tem uns 3 anos, faço por influência da minha mãe, ela não toca nada, muito engraçado a história, eu jogava um joguinho chamado piano time, aqueles da teclinhas, éeee...éeee... e até hoje estou no piano por causa do jogo, ai ela me colocou no curso e eu tenho amado desde então e é uma das coisas que mais gosto de fazer ultimamente e eu

me interesse também por astronomia e acho que vou fazer, gosto muito dessa área e queria fazer algum curso relacionado.

T77- Pesquisadora- Ok! Você tem mais alguma coisa a acrescentar, Renato? Que queira falar?

T78- Renato- Acho que não, que eu me lembre não.

T79- Pesquisadora- Então eu encerro por aqui. Muito obrigada por sua colaboração e participação!

### APÊNDICE D – Transcrição da entrevista com Carlos

T= Turno de fala

T1- Pesquisadora- Bom dia, Carlos! Tudo bem?

T2- Carlos- Tudo.

T3- Pesquisadora- Você autoriza a gravação de nossa conversa?

T4- Carlos- Sim.

T5- Pesquisadora- ok.

T6- Pesquisadora- Vamos lá, essa entrevista vai ser usada para a minha dissertação de mestrado que eu estou desenvolvendo na UESB. Eu esarei analisando sua narrativa, o que você falar para mim nessa nossa conversa, nessa nossa entrevista. Tá certo?

T7- Carlos- Certo.

T8- Pesquisadora- Carlos, como que você se vê?

T9- Carlos- Ah, é.., Hum...

T10- Pesquisadora- Pode falar o que vir à sua mente.

T11. Pesquisadora- Se quiser tirar a máscara Carlos fica à vontade.

T12. Carlos- Não. Essa aí não sei não. Como eu me vejo?

T13- Pesquisadora- Se você falar, Carlos é assim..., como é que você diria quem você é?

T14- Carlos- Rsrs, não sei.

T15- Pesquisadora- Não?

T16- Pesquisadora- Como é que você acha que os outros te veem?

T17- Carlos- Como os outros me vê?

T18- Pesquisadora- Sim.

T19- Carlos- Depende das outras pessoas tipo ... deixa eu pensar ...rs.

T20- Pesquisadora- Fique tranquilo, fique tranquilo. Você acha o que os outros falam o que de você? O que pensma sobre você?

T21- Carlos- Ah, não sei.

T22- Pesquisadora- Pode ser positivo ou negativo.

T23- Carlos- Pode ter pessoas que fala mal e tem outros que falam bem, mas...

T24- Pesquisadora- Quem fala bem, falaria o quê? E quem fala mal, falaria o quê?

T25- Carlos- Ah, eu não sei, mas depende muito das pessoas ... que... eu não sei de novo. Eu não sei explicar.

T26- Pesquisadora- Entendi. Carlos, você está cumprindo medida, você acha que o ato que você praticou mudou em alguma coisa na sua vida? Sua vida mudou depois disso em que sentido?

T27- Carlos- Pouco, não mudou muito não.

T28- Pesquisadora- Não? Sua relação com sua família, com a sociedade não mudou nada?

T29- Carlos- Não.

T30- Pesquisadora- Entendi.

T31- Pesquisadora- Você está estudando?

T32- Carlos- Sim.

T33- Pesquisadora- Está estudando que ano?

T34- Carlos- Sétimo ano.

T35- Pesquisadora- Sétimo ano. Você já perdeu de ano alguma vez?

T36- Carlos- Eu perdi três anos no terceiro.

T37- Pesquisadora- E você sabe por qual motivo? Você consegue entender porque você perdeu três vezes?

T38- Carlos- Assim, muitas vezes era por causa, por culpa minha mesmo, e também a culpa é de alguns professores que não chamava tanta atenção para se esforçar mais, para fazer tarefa, deixava conversar muito e não chamava atenção, tipo, vai fazer a tarefa, que tipo assim, eu

acho que algum professor tem que chamar atenção e fazer tipo uma ameaça falar assim que igual um professor que tive mesmo, ele falava “ faz a tarefa ou então fica lá no pátio”, “ficar no pátio sem fazer nada vai levar falta”, aí todo mundo fazia tarefa, sem... claro, claro que ele não ia pegar o aluno e colocar pelo lado de fora, mas ele, ele, tipo, teve aluno que respondeu ele colocava, claro, professor não é obrigado a escutar, é..., ter aluno agradecido, engraçado, mas, assim, eu acho que alguns professores podia ter ... chamar mais atenção do aluno para o aluno se esforçar mais.

T39- Pesquisadora- Entendi.

T40- Carlos- Que eu, eu tive, as três professoras que eu perdi de ano só uma que, eu... eu tinha tanta raiva da professora, que a professora, tudo era eu. Uma vez eu comprei um carrinho na escola, eu acho que paguei dez reais no carrinho, eu levei três para sala, coloquei lá em cima da cadeira, a professora foi lá e tomou o carrinho até hoje nunca mais eu vi esse carrinho, aí depois disso eu tomei raiva da professora e não fazia mais as tarefas dela e quando fazia pela metade, aí eu acho que nesse ano levei sete castigos para casa, ela chamando atenção, falando com minha mãe que eu não fazia as tarefas direito de casa, dentro casa, na escola, aí minha mãe falou, minha mãe pegou pra ela que não tinha o que fazer, tipo assim, eu dentro de casa não era muito de ficar ajudando, não gostava, até hoje eu posso falar que não gosto, mas ajudo ela um pouco, assim, o que eu vejo que dar, que dar pra mim fazer, assim, eu faço, eu faço algumas coisas, não faço tudo.

T41- Pesquisadora- Tipo o quê?

T42- Carlos- A... eu ajudo minha mãe, assim, a lavar louças, eu ajudo ela a lavar louça, a varrer a casa, a passar pano na casa, limpar o quarto, ajudo lavar o banheiro, muita coisa assim, tipo, mas nem sempre, tem hora assim que ela me pede e eu fico três dias, mas eu não faço.

T43- Pesquisadora- Você está com quantos anos, Carlos?

T44- Carlos- Com quatorze.

T45- Pesquisadora- Quatorze, entendi.

T46- Carlos- Aí eu penso assim dá pra mim melhorar assim, tipo, esforçar mais, que, assim, eu não, isso, pra mim, colocar que como é preguiça a gente não fazer as coisas, a gente dizer a... tô cansado, a gente não fez nada, mas não quer fazer, muitas vezes a gente tá no celular, presta muita atenção no celular e aí mesmo não tendo nada para fazer no celular a gente quer ficar no celular, não ajuda tanto dentro de casa, não faz, agora sim depois que eu comecei a estudar com o professor, assim, ele chamava mais atenção aí foi que eu fui passar de ano, queria ajudar mais, ele chamava atenção pra fazer as tarefas certo, aí depois eu passei no terceiro sim com ele foi bem melhor, foi bom demais pois eu prestei mais atenção nas aulas, tipo com ele, os outros professores eu perde assim, ficava em recuperação em quatro provas, com ele eu fiquei em recuperação em uma, duas provas, assim, e era bem difícil.

T47- Pesquisadora- Você acha que tem dificuldade em aprender alguma disciplina?

T48- Carlos- Assim... Inglês, assim, eu acho difícil, assim, mas dá pra aprender, é uma coisa que não é impossível, mas ainda tenho dificuldade e, deixa eu ver, acho que sim, a mais difícil, que eu tenho mais dificuldade é Inglês.

T49- Pesquisadora- Com relação ao ato que levou ao cumprimento da medida, você acha que a visão da família mudou em relação a você depois disso?

T50- Carlos- Não. Normal, como nada tivesse acontecido.

T51- Pesquisadora- Entendi. Entendi. E você refletiu sobre isso? E qual foi a reflexão que você fez?

T52- Carlos- Ah, certo, a gente pensa, né?!, que tipo, não podia ter feito, claro, que a mãe e aos pais da gente sempre dar conselho a gente para não fazer isso, claro, a gente tipo, no momento se deixa levar.

T53- Pesquisadora- E como é então Carlos que hoje diante das experiências que você já teve na vida, você acha que essas reflexões te fizeram melhorar, pensar diferente na vida?

T54- Carlos- Não vou dizer, sim, que a gente não pensa coisa errada ainda, claro que a gente tem tudo na cabeça, ainda ajuda a gente... pô quando eu fico pensando como aconteceu essa parada comigo, meia hora ainda acordado que eu não consigo dormir, aí eu fico pensando na vida assim que eu podia não ter feito, mas, a gente não tem como voltar atrás para consertar as coisas.

T55- Pesquisadora- E hoje tua relação com a escola como é, Carlos?

T56- Carlos-: Assim, eu não, não ... normal, não, na escola eu só não vejo problemas, assim, hoje em dia mais. Antes eu pedia muito minha mãe para me tirar da escola, hoje em dia se for para tirar, eu peço pelo amor de Deus para pelo menos me deixar na escola. Antes, tipo, a gente ia para escola até a gente fazer amizades novas é difícil, quando eu entrei na escola mesmo, assim, eu entrei na escola, na escola era assim os menino era muito agressivo, batia muito, brigava, aí como eu era aluno novo e era novo mesmo em torno de quatorze, mais velho do que eu vinha e batia em mim, ai eu chegava em casa não falava nada para minha mãe e eu ficava aguentando, tipo, ficava tudo comigo, não falava pra minha mãe, eu guardava tudo, não falava para diretora, o motorista ... era dentro do ônibus, o motorista do ônibus ria que os meninos ficava brincando, ai eu não reagia a bater neles que eu via que, eu sabia que eu não ia aguentar brigar com eles, certo, eles tavam me batendo, mas eu não, não adiantava bater neles, brigar é... claro, não ia adiantar de nada, eu acho mais certo se eu fosse pensar era ir e falar para mãe, tipo, seria bem melhor, mas eu assim, hum, nem, eu nem caço confusão, ninguém caça confusão comigo, tá tudo normal.

T57- Pesquisadora- Entendi, Carlos,. Então tua relação com a família e consigo mesmo é tranquila?

T58-Carlos- Sim.

T59- Pesquisadora- Então você se vê de uma forma tranquila. Como é que você se vê diante disso tudo? Como é que você fala Carlos é assim, você se descreveria como?

T70- Carlos- Ah, eu não sei, não sei explicar.

T71- Pesquisadora- Entendi. Ok, Carlos, é o suficiente. Qualquer coisa se precisar de a gente conversar outro momento você tem disposição, está disponível?

T72- Carlos- Sim, Sim.

# **ANEXOS**

## ANEXO A – TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Fernanda Cerqueira Sousa

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Maria Aparecida Pacheco Gusmão

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

*“Dialogismo e Exotopia: o olhar de si e do outro em narrativas de adolescentes em cumprimento de liberdade assistida”*

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

*Esta pesquisa se justifica oportuna, e se revela de grande importância no âmbito do ensino e da pesquisa, evidenciando a necessidade de analisarmos as relações dos sentidos na linguagem (oral e escrita) dos adolescentes em seu convívio familiar e social.*

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

*Os objetivos do estudo são: Investigar as relações estabelecidas consigo mesmo e com o outro (família e sociedade) as quais lhe possibilitará resgatar a consciência de si.*

#### 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

*O adolescente responderá a uma entrevista semiestruturada, com 10 (dez) perguntas norteadoras.*

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

*No CREAS Novo Olhar, serviço eu executa medida socioeducativa em meio aberto no município de Vitória da Conquista – BA, no primeiro semestre do ano de 2021.*

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

*40min.*

#### 4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO       MODERADO       ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

*A pesquisa apresenta risco mínimo, dada a possibilidade de constrangimento e /ou desconforto, cansaço físico e/ou mental devido ao tempo destinado para responder as perguntas durante a entrevista.*

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

*Como medidas preventivas para se evitar o risco de cansaço haverá uma pausa na entrevista, sempre que necessário e para evitar o desconforto e/ou incômodo será utilizado um espaço adequado para a realização da entrevista. Em decorrência da pandemia da COVID-19, as entrevistas seguirão as orientações da Portaria nº 1.565 (BRASIL, 2020), que trata do controle e à mitigação da transmissão da COVID-19 e serão realizadas por meio do aplicativo Google Meet, um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, como medida preventiva para se evitar risco de contaminação.*

#### 5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

*Contribuir para reflexão dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida acerca da percepção do olhar de si e do olhar do outro.*

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

*Quanto à comunidade, academia, poderá contribuir para a ampliação de conhecimentos, considerando a prática pedagógica como atividade reflexiva, fonte de saberes mediante os resultados a serem apresentados.*

**6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):**

- 6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?**  
R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.
- 6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?**  
R: O pesquisador responsável precisará ressarcir estes custos.
- 6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?**  
R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.
- 6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)**  
R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.
- 6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?**  
R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.
- 6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?**  
R: Nenhum.
- 6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?**  
R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.
- 6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?**  
R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.
- 6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?**  
R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.
- 6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?**  
R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

**7. CONTATOS IMPORTANTES:**

**Pesquisador(a) Responsável:** **Fernanda Cerqueira Sousa**  
Endereço: Rua Cláudia Botelho, nº150 - Primavera, Vitória da Conquista-BA  
Fone: 77 99173-5333 / E-mail: nandacerqueirasousa@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br  
Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

**8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)**

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;  
 com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 3

Vitória da Conquista/BA, 04 de fevereiro de 2021

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital  
(Se for o caso)

#### 9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Vitória da Conquista/BA, 04 de fevereiro de 2021

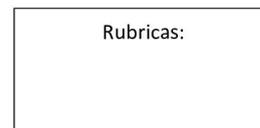
\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:



## ANEXO B – TALE

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS  
(Para participantes entre 12 e 17 anos de idade)

#### Olá!

Vim CONVIDÁ-LO para participar de uma pesquisa. Por favor, leia, com atenção, este documento e me diga se você concorda. Se concordar, te pedirei para assinar na caixa onde tem escrito “Rubrica” em todas as páginas e, também, lá no final, na linha “Assinatura do Participante”.

O seu pai, mãe ou outro responsável precisará ler e assinar um documento bem parecido com este, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que o pesquisador lhe entregará. Sem isso você não pode participar da pesquisa, ok?!. Desde já, obrigado!

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Fernanda Cerqueira Sousa*
2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Maria Aparecida Pacheco Gusmão*

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

1. TÍTULO DA PESQUISA

*“Dialogismo e Exotopia: o olhar de si e do outro em narrativas de adolescentes em cumprimento de liberdade assistida”*

2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

*Esta pesquisa se justifica oportuna, e se revela de grande importância no âmbito do ensino e da pesquisa, evidenciando a necessidade de analisarmos as relações dos sentidos na linguagem (oral e escrita) dos adolescentes em seu convívio familiar e social.*

3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

*Os objetivos do estudo são: Investigar as relações estabelecidas consigo mesmo e com o outro (família e sociedade) as quais lhe possibilitará resgatar a consciência de si.*

#### 3. O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié

(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

## 3.1 O QUE SERÁ FEITO:

*O adolescente responderá a uma entrevista semiestruturada, com 10 (dez) perguntas norteadoras.*

## 3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

*No CREAS Novo Olhar, serviço eu executa medida socioeducativa em meio aberto no município de Vitória da Conquista – BA, no primeiro semestre do ano de 2021.*

## 3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

*40 min*

## 4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA? (Riscos da pesquisa)

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, podemos dizer que o risco é

MÍNIMO       MODERADO       ALTO

## 4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

*A pesquisa apresenta risco mínimo, dada a possibilidade de constrangimento e /ou desconforto, cansaço físico e/ou mental devido ao tempo destinado para responder as perguntas durante a entrevista.*

## 4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

*Como medidas preventivas para se evitar o risco de cansaço haverá uma pausa na entrevista, sempre que necessário e para evitar o desconforto e/ou incômodo será utilizado um espaço adequado para a realização da entrevista. Em decorrência da pandemia da COVID-19, as entrevistas seguirão as orientações da Portaria nº 1.565 (BRASIL, 2020), que trata do controle e à mitigação da transmissão da COVID-19 e serão realizadas por meio do aplicativo Google Meet, um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, como medida preventiva para se evitar risco de contaminação.*

## 5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

## 5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

*Contribuir para reflexão dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida acerca da percepção do olhar de si e do olhar do outro.*

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

*Quanto à comunidade, academia, poderá contribuir para a ampliação de conhecimentos, considerando a prática pedagógica como atividade reflexiva, fonte de saberes mediante os resultados a serem apresentados.*

#### 6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE VOCÊ E O SEU RESPONSÁVEL PODEM QUERER SABER: (Direitos dos participantes)

1. **Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?**  
R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.
2. **Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?**  
R: *O pesquisador responsável precisará lhes ressarcir estes custos.*
3. **E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?**  
R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*
4. **É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)**  
R: *Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*
5. **Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?**  
R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*
6. **Há algum problema ou prejuízo em desistir?**  
R: *Nenhum.*
7. **Os participantes não ficam expostos publicamente?**  
R: *Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.*
8. **Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?**  
R: *Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.*
9. **Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?**  
R: *São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.*
10. **E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?**  
R: *Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.*

#### 7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: **Fernanda Cerqueira Sousa**  
Endereço: Rua Cláudia Botelho, nº150 - Primavera, Vitória da Conquista-BA

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Iequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 3

Rubricas:

Fone: 77 99173-5333 / E-mail: nandacerqueirasousa@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

**8. ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante)**

Declaro que estou ciente e concordo em participar deste estudo. Além disso, confirmo ter recebido uma via deste Termo de Assentimento e asseguro que tive a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista/BA, 04 de fevereiro de 2021

\_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante



Impressão Digital  
(Se for o caso)

**9. COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro conhecer todos os meus deveres e os direitos dos participantes e dos seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro, também, ter feito todos os esclarecimentos pertinentes a todos os envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa, e reafirmo que o início da coleta de dados ocorrerá apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o protocolo do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa competente.

Vitória da Conquista/BA, 04 de fevereiro de 2021

\_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja conciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

## ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

*(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)*

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

<b>TÍTULO DA PESQUISA:</b>	<i>“Dialogismo e Exotopia: o olhar de si e do outro em narrativas de adolescentes em cumprimento de liberdade assistida”</i>
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL:</b>	<i>Fernanda Cerqueira Sousa</i>

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa; e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004),

**AUTORIZO**, através do presente documento, **e CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de gravações (sons e imagens)

- da minha pessoa  
 do indivíduo pelo qual sou responsável

Vitória da Conquista/BA, **17 de fevereiro de 2021**

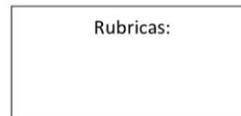
\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)



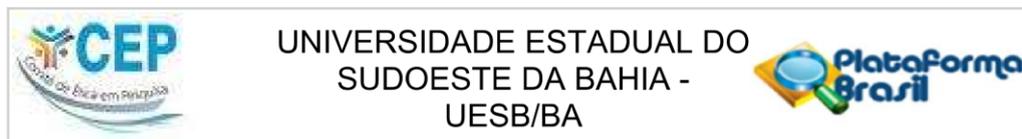
Impressão Digital  
(Se for o caso)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador

Página 1



## ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Dialogismo e Exotopia: o olhar de si e do outro em narrativas de adolescentes em cumprimento de liberdade assistida.

**Pesquisador:** FERNANDA CERQUEIRA SOUSA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 44192320.0.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

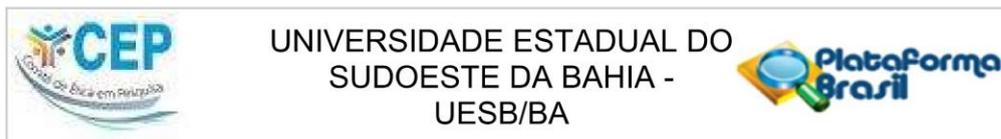
**Número do Parecer:** 4.684.584

#### Apresentação do Projeto:

Nas palavras da autora:

"Para a realização desta pesquisa, utilizaremos a metodologia de natureza qualitativa. Para fins metodológicos deste estudo, adotamos a escuta das narrativas dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida. Utilizaremos também, a análise interpretativa do discurso dos sujeitos participantes da pesquisa, fundamentada nos postulados de Bakhtin (2011; 2018) e na concepção sócio-histórica de Vygotsky (1989;1998). Como instrumento de coleta de dados, será utilizada a entrevista semiestruturada, entendendo que esse tipo de instrumento permite que o entrevistado discorra sobre o tema sem se prender às questões formuladas. Em decorrência da pandemia da COVID-19, as entrevistas seguirão as orientações da Portaria nº 1.565 (BRASIL, 2020), serão realizadas por meio do aplicativo Google Meet, um aplicativo de serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, como medida preventiva para se evitar risco de contaminação. Serão utilizados os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizações do uso de imagem, seguindo a ética e orientações exigidas na Resolução 466/12 do Conselho de Ética e Pesquisa, garantindo sigilo e respeito aos entrevistados. A necessidade de discutir tal temática surgiu de minha experiência enquanto Assistente Social no CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) Novo Olhar, equipamento que executa medida socioeducativa em meio aberto no município de Vitória da Conquista, atuação como professora de língua

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.684.584

portuguesa no ensino fundamental na rede pública há 11 anos e advogada. A partir dos atendimentos realizados com os adolescentes em conflito com a lei, percebemos a existência de causas multifatoriais que ensejam na prática de atos infracionais. Dentre essas categorias multifacetadas, um dado prevalente no público atendido tornou-se relevante. Grande parte dos adolescentes infratores abandonaram a escola quando cursavam o 6º ano e, a maioria deles, apresentam dificuldade em ler e compreender textos diversos.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Investigar as marcas exotópicas que os adolescentes em cumprimento de liberdade assistida têm de si a partir do olhar do outro.

Objetivo Secundário:

- Analisar o discurso dos adolescentes em cumprimento de liberdade assistida;
- Identificar as marcas exotópicas no discurso dos adolescentes em conflito com a lei;
- Refletir a partir das práticas de letramento desenvolvidas pelos adolescentes, os efeitos discursivos da relação exotópica.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

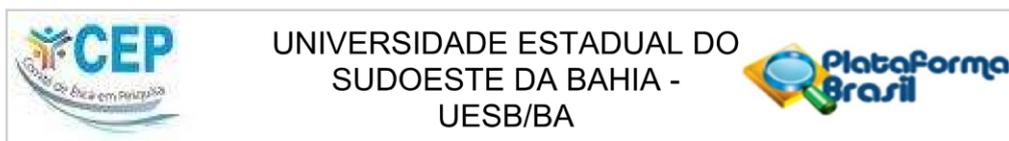
Riscos:

A pesquisa oferece riscos mínimos, como o desconforto e cansaço de realizar as entrevistas, e não atenta contra os direitos para os indivíduos envolvidos, garantindo-se anonimato e respeitando seus valores culturais, éticos, sociais, morais, bem como seus hábitos e costumes, o que respeita a resolução 466-2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Todo material e dados coletados durante a pesquisa serão guardados por um período de 5 anos, após esse período será realizado o descarte dos mesmos.

Benefícios:

Esta pesquisa se justifica oportuna, e se revela de grande importância no âmbito do ensino, da pesquisa sistemática despontando a necessidade de analisarmos os discursos dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida sobre percepção que tem de si numa relação dialógica a partir da perspectiva bakhtiniana.

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.684.584

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de um projeto de mestrado ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGen-UESB), com metodologia analítica centrada na análise do discurso.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos:

- 1) PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1675414.pdf (OK)
- 2) projetodialoismoexotopiaa.pdf (OK)
- 3) termodeusodeimagens.pdf (OK)
- 4) tale.pdf (OK)
- 5) TCLE.pdf (OK)
- 6) folhaderostoassinada.pdf (OK)
- 7) autorizacaocoleta dedados.pdf (OK)
- 8) roteiroentrevista.pdf (OK)
- 9) declaracaodecompromissoparapesquisa.pdf (OK)
- 10) termodecompromissoutilizacaodedados.pdf (OK)

**Recomendações:**

Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

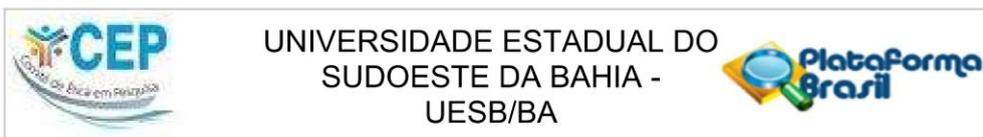
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião ordinária no dia 30/04/2021, por videoconferência autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB aprovou o parecer do relator.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1675414.pdf	30/03/2021 19:15:09		Aceito
Outros	autorizacaocoleta dedados.pdf	30/03/2021	FERNANDA	Aceito

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.684.584

Outros	autorizacaocoletadedados.pdf	19:14:36	CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodialoismoexotopiaa.pdf	03/03/2021 20:37:26	FERNANDA CERQUEIRA SOUSA	Aceito
Outros	termodeusodeimagens.pdf	03/03/2021 20:31:27	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito
Outros	tale.pdf	03/03/2021 20:30:22	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/03/2021 20:29:11	FERNANDA CERQUEIRA SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	03/03/2021 20:23:27	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito
Outros	roteiroentrevista.pdf	04/12/2020 18:47:48	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito
Outros	declaracaodecompromissoparapesquisa.pdf	04/12/2020 18:42:51	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito
Outros	termodecompromissoutilizacaodedados.pdf	04/12/2020 18:41:40	FERNANDA CERQUEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JEQUIE, 30 de Abril de 2021

---

**Assinado por:**  
**Cristiane Alves Paz de Carvalho**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br